

«CESSAR-FOGO»
PARA QUANDO?
Irão voltou
a decretar
a mobilização
geral

Pág. 12

Diário de Lisboa

ANO 68

N.º 22 721

Sabado, 23 de Julho de 1988

Preço 50\$00

Conflito entre sindicatos e Governo arrasta-se

CONCERTAÇÃO SEM CONCERTO



O Conselho Permanente de Concertação Social está cada vez mais sem concerto... e sem concerto. O ministro Miguel Cadilhe voltou ontem a mostrar-se indiferente ao facto de as centrais sindicais contestarem o Acordo de Política de Rendimentos e Preços negociado pela UGT, associações patronais e Governo com vista ao ano em curso. Para ele, ministro das Finanças, com a denúncia do Acordo «não há grande perda», uma vez quer a trajetória da política salarial do Governo já foi conseguida. Outra é, naturalmente, a perspectiva sindical, dado que a maioria dos acordos salariais, nomeadamente no sector empresarial do Estado, foi negociado na base dos 6,5 por cento e as previsões da inflação, sobre este ano, apontam para oito por cento.

Pág. 3

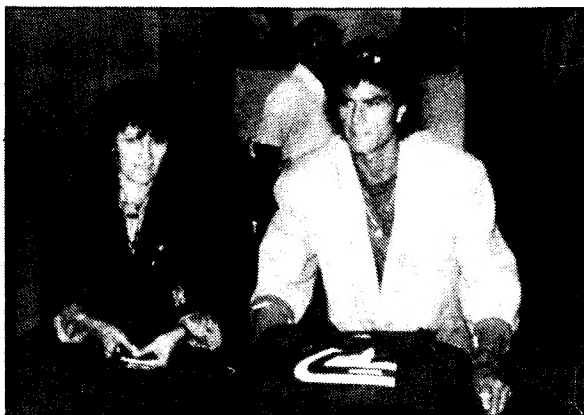


Sucessivas reuniões no Conselho da Concertação Social, desde que se soube da previsão de oito por cento para a inflação deste ano, conduzem à mesma conclusão: está-se cada vez mais longe do concerto.

Valdo foi mobilizado para a selecção «canarinho»

ADEMIR JÁ CÁ ESTÁ

Estava anunciada a chegada de dois jogadores brasileiros, Valdo e Ademir, esta manhã, para integrarem a equipa do Benfica. Mas, chegado apenas Ademir, voltou a pôr-se o «romance Valdo» que se arrasta desde há meses: é que ele não desembarcou na Portela. Mas a explicação é muito simples: quando Valdo já se encontrava no aeroporto do Rio para embarcar com destino a Portugal, a Confederação Brasileira de Futebol «confiscou-o» para que ele integre o «escrete canarinho» em próxima digressão pela Europa. No Benfica, só daqui a dez dias.

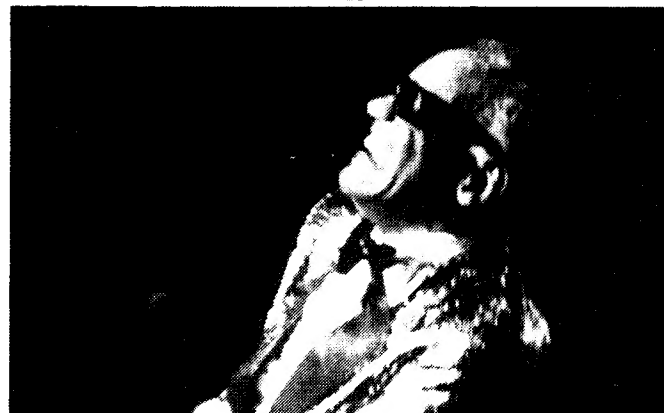


Uma noite de música



AMÁLIA

A festa do povo



RAY CHARLES

Rei mantém reinado
«THE PLATTERS»

Número de cabaret

Págs. 17, 18 e 19

CLUBE
DE
VIDEO

video
MCT

SISTEMA INÉDITO
SEMPRE AS ÚLTIMAS NOVIDADES
FILMES DE QUALIDADE

PROMOÇÃO DE VERÃO
SEM JOIA

Alugueres desde
100\$00

Sede: R. Barão Sabrosa, 78-A — 1900 Lisboa • Telef. 83 83 03
Filial 1 — Calçada do Monte, 78 (à Graça) Lisboa
Filial 2 — R. da Filarmónica, 38 — Vestiaria • Alcobaca • Telef. 41166
Brevemente filial 3

Portugal e S. Tomé assinam acordo geral bilateral

Os governos português e são-tomense assinaram no próximo dia 27 em Lisboa um acordo geral bilateral, no final da visita do primeiro-ministro Celestino Rocha da Costa a Portugal, a sua primeira estada no estrangeiro enquanto chefe do governo de São Tomé.

A comitiva inclui quatro ministros, da Educação e Cultura, Lígia Costa, mulher do chefe do executivo são-tomense, da Economia e Finanças, Teotónio Torres, do Equipamento Social e Ambiente, Carlos Ferreira, e o ministro-delegado do primeiro-ministro, Manuel Vaz Fernandes.

Para alargar os contactos formais a estabelecer em Lisboa e no Porto pelo primeiro-ministro Celestino da Costa, os quatro ministros terão nos próximos dias de encontros sobrearrastados de encontros em Lisboa.

A visita oficial do primeiro-ministro são-tomense começa no dia 25 em Lisboa, com um encontro com o ministro português dos Negócios Estrangeiros, João de Deus Pinheiro, seguida de uma visita ao Instituto de Investigação e Medicina Tropical, ao fim da manhã.

À tarde, reunir-se-á com empresários da Associação Industrial Portuguesa (AIP) e à noite será recebido para um encontro e jantar em Sintra pelo Primeiro-Ministro português.

No dia 26, o primeiro-ministro são-tomense terá um encontro com líderes de partidos com representação na Assembleia da República e será recebido para um encontro e almoço em Belém pelo Presidente da República, Mário Soares.

Seguirá depois para o Porto, onde terá encontros com representantes da Associação Industrial Portuguesa (AIP), tendo no dia seguinte um almoço oferecido pelo presidente da Câmara Municipal, Fernando Cabral.

Pouco depois das 17 horas do dia 27, os chefes de Governos português e são-tomense reunir-se-ão no Palácio de São Bento, depois do que assinam um acordo bilateral e darão uma conferência de Imprensa.

Fontes são-tomense e portuguesa disseram à Lusa que está em estudo uma visita do chefe do Governo português a São Tomé ainda este ano.

Das agendas dos ministros membros das comitivas, terminaram já os contactos pelo ministro do Equipamento Social e Ambiente, Carlos Ferreira, que teve encontros com representantes da Marconi e de outras empresas da área das telecomunicações durante esta semana.



34 presidentes de Câmara "explicaram-se" ao Presidente

SOARES CONTINUA A AUSCULTAR O DOURO DA POPULAÇÃO ANÓNIMA AOS AUTARCAS

Augusto Vilela
enviado especial

Por este Douro abaixo, entre aclamações populares, música e foguetes, por vezes num clima de festa, o essencial da viagem de Máio Soares não se perde. Ela veio dinamizar ideias e projectos, potenciar iniciativas, dar voz a uma região que tem muito para oferecer aos seus naturais e ao País. Tudo isso foi obtido, da população anónima aos autarcas, passando pelos agricultores, pelos produtores de vinho do Porto e outros agentes económicos, que superaram eventuais contradições para se unirem à volta de objectivos prioritários para a região.

Num discurso importante, em nome das 34 autarquias do Vale do Douro, o Presidente da República ouviu ontem do presidente da Câmara Municipal de Peso da Régua, o socialista Renato Aguiar, o agradecimento pela sua iniciativa. Mas este discurso era também um coro afinado dos autarcas reclamando meios e condições para continuarem o seu trabalho e reclamando também, como factor indispensável ao desenvolvimento, a tão desejada regionalização, que no poder central todos dizem apoiar mas que ninguém ajuda a levar à prática em nome de «valores indiscutíveis como a liberdade e a democracia». Renato Aguiar foi o porta-voz desses 34 autarcas para agradecer ao Presidente da República por mais uma vez ter demonstrado «que o nosso país é o nosso povo, na sua diversidade cultural, económica e social, tem no coração e no pensamento do seu Presidente lugar de privilégio e igualdade de tratamento na atenção que lhe dedica».

Disse que o Vale do Douro «não esquecerá jamais esta patriótica decisão, que constituirá seguramente alento para todos os durienses, e exemplo para os que têm obrigação de nos apoiar, na certeza de que na perspectiva nacional todos sabemos assumir as respectivas responsabilidades que o futuro,

face aos desafios da Europa e do século XXI, reserva a todos nós».

Era o preâmbulo para afirmar que a Europa das regiões não pode ser a Europa dessas regiões mais Portugal, que a diversidade sociocultural do nosso país e o estado de desenvolvimento do todo nacional determinam, na perspectiva dessa unidade, a necessidade de regionalizar para progredir, regionalizar para ascender aos níveis dos países mais desenvolvidos.

Renato Aguiar salientou depois que só a realidade regional, numa perspectiva global, será capaz de nos conduzir ao desenvolvimento equilibrado do todo nacional. Disse também que o País «tem no poder local a prova inequívoca de que quanto mais a decisão está ao nível dos governados, mais ela é eficaz e produtiva». É que, sendo a regionalização um compromisso da nossa democracia, é uma aspiração justa das nossas comunidades, ela é também um imperativo europeu. «Por que tarda a regionalização? Quem tem medo de regionalizar?» Foram duas perguntas que lançou, dizendo que respondia quem puder e souber, «na certeza de que o poder local democrático vai continuar a lutar com tenacidade, clarividência, persistência e determinação para esse desiderato que é, ao invés do que afir-

mam os seus detractores, factor de reforço do Estado democrático e prova de modernidade da governação».

Desenvolver sem estragar

A apresentação, ontem, na Casa do Douro, do PROZED — Plano Regional de Ordenamento das Zonas Envolventes do Douro — foi talvez o ponto mais importante desta viagem do Presidente da República ao Douro.

Trata-se da elaboração de um plano que estabeleça uma estratégia de desenvolvimento equilibrado que contemple a definição de modelos de ocupação da zona envolvente do Douro, de modo a regulamentar padrões de uso, ocupação e transformação do solo e salvaguardar e valorizar os recursos endógenos e valores da região.

«Com o advento da navegabilidade do rio — com a criação da REAT (Região Específica de Aproveitamento Turístico) e ainda com a implementação do Sifit (Sistema de Incentivos Financeiros ao Investimento) é previsível e é mesmo já presente, a atracção de actividades que se poderão traduzir em alterações do uso do solo qualitativamente indevidas ou quantitativamente exageradas».

Esta é a filosofia de base do plano, cuja utilidade e importância ninguém contesta. Ele necessita todavia de ajustamentos importantes porque, tal como está é limitativo da autonomia dos municípios. A partir dele, no futuro, tudo quanto uma câmara aderente ao plano pretendesse realizar ficaria dependente do parecer vinculativo da comissão de coordenação da Região Norte.

Algumas autarquias — Régua por exemplo — não estão dispostas a largar mão da capacidade de gerir o seu território, embora não ponham em causa a

utilidade e importância de um plano deste tipo.

Para que ele seja útil e tenha o sucesso necessário, não pode ser imposto. Terá, a sua implementação, que resultar de consensos muito vastos com as diversas autarquias.

Sabemos que não são muitas, neste momento, as que levantam problemas. Talvez porque ainda não perspectivaram como a implementação do PROZED, nos termos em que está elaborado, pode ser redutor e limitativo da sua capacidade de acção. Mas no futuro os problemas surgirão inevitavelmente mesmo aqueles que agora passaram um cheque em branco à comissão de coordenação da Região Norte.

Estas questões levantam outras: o papel e a autonomia das autarquias já não pode ser limitado na fase em que se encontra a nossa democracia. O poder central terá obrigatoriamente que habituar-se a negociar, cada vez mais, com elas as grandes decisões.

Inauguração da Expodouro

Ontem, foi um dia inteiramente passado em terra. Depois da sessão na Casa do Douro para a apresentação do PROZED, da visita a uma exposição e do almoço que ofereceu aos autarcas, Soares visitou a Casa Sandeman, cujas adegas albergam cerca de dez milhões de litros de vinho. Foi recebido pelo director-geral, Machado Leite, e pelo director da empresa no Douro, Álvaro Gouveia, ambos membros da confraria do Vinho do Porto, envergando os respectivos trajes, o que foi pretexto para um pedido de desculpa do Presidente, desde há algum tempo também membro daquela confraria: «Estou envergonhado porque não trago a mi-

nha capa».

Dali seguiu para Balsemão, uma pequena povoação do concelho de Lamego, onde visitou o Mosteiro, fundado no ano de 572, sendo, ao que parece, o segundo mais antigo da Península Ibérica. Fernando Amaral, ex-presidente da Assembleia da República, juntou-se à comitiva e acompanhou Mário Soares o resto da visita.

Lamego foi a etapa final. Nas instalações do museu, o Presidente da República presidiu à cerimónia de constituição da Sociedade de Investimentos Turísticos, constituída por doze câmaras da região, a Junta de Turismo das Caldas de Moledo, a Casa do Douro, a Real Companhia Velha e a IBERSOL, empresa turística do Grupo Soane, que ficará detentora de 51 por cento do capital.

Mário Soares seguiu depois a pé para o recinto da Expodouro, que inaugurou e percorreu demoradamente. Ao longo de toda a avenida que dá acesso ao local foi saudado por alguns milhares de pessoas. Soares finalizava assim o dia com outro banho de multidão e era visível nas pessoas que a visita ia de encontro a muitos anseios das populações e repercutia-se sobre questões da região que consideram importantes.

A noite, Mário Soares ofereceu um jantar aos produtores de vinho do Porto em que estiveram presentes cerca de 400 convidados.

Esta manhã, Soares visitou diversos locais de interesse turístico e cultural. À tarde dará a largada à regata presidencial, embarcando depois no barco «Ribadouro», com destino a Aregos.

Amanhã fará a última parte do percurso da sua descida do Douro, devendo chegar ao cais de Massarelos, no Porto, cerca das 20 horas.

Pacote laboral: autorização legislativa ao Governo susceptível de conduzir à subversão constitucional

- afirma Secretariado Executivo da UGT

As alterações ao «pacote laboral» recentemente votadas na Assembleia da República «não resolvem os problemas de fundo», considera o Secretariado Nacional Executivo da UGT, que ontem se reuniu para analisar a questão. A central sindical mostra-se preocupada quanto ao resultado final do decreto lei que o Governo vier a elaborar com base na autorização legislativa agora aprovada, «tanto mais que a sua formulação se apresenta vaga», o que poderá conduzir, segundo a central, «à tentação do Governo de a vir a utilizar de modo a subverter os preceitos constitucionais agora expurgados».

Em comunicado, o Secretariado Executivo da UGT reafirma as posições assumidas nos IV e V Congressos, considerando-as «adequadas e justas, uma vez que o Tribunal Constitucional veio a reconhecer e a legitimar a nossa razão».

Outra das conclusões da reunião de ontem foi considerar que as alterações ao pacote laboral votadas na Assembleia da República «não resolvem o problema de fundo», embora a central sindical reconheça que «introduzem correcções que havíamos já reclamado, não apenas pela mera inconstitucionalidade formal - que se mantém - mas por não terem sido orientadas por critérios de justiça com compensações nos domínios da Segurança Social e da modernização da economia, com vista à

criação de mais e melhor emprego».

No comunicado, a UGT afirma que «subsistem ainda algumas preocupações quanto ao resultado final» do projecto de decreto lei de alteração da legislação laboral, no que se refere ao conteúdo do decreto «que vier a ser elaborado pelo Governo com base na autorização legislativa agora aprovada», nomeadamente porque «a sua formulação se apresenta vaga e pode vir a ser susceptível de conduzir à tentação do Governo de a vir a utilizar de modo a subverter os preceitos constitucionais agora expurgados».

declarando-se «atenta ao desenrolar de todo este processo», a UGT afirma a sua confiança «no papel dos órgãos de soberania, pilares fundamentais na acção de salvaguarda dos direitos dos trabalhadores».

O comunicado termina reafirmando a «disponibilidade» da UGT para, em sede da Concertação Social, «retomar o diálogo com o Governo e os restantes parceiros sociais tendo em vista a procura das soluções mais adequadas à realidade portuguesa» para «o progresso e o desenvolvimento económico».

No entanto, a central sindical que em Congresso deliberou a convocação de uma greve geral contra o pacote laboral não diz, no comunicado, que posição assumirá, se se vier a comprovar que as suas preocupações têm fundamento.

Função Pública critica aumentos salariais dos deputados

O Sindicato dos Trabalhadores da Função Pública da Zona Centro (STFP) criticou a aprovação, na Assembleia da República, de um diploma que «aumenta os vencimentos dos cargos políticos».

Em comunicado, aquela estrutura sindical afirma que «os deputados do Governo aumentaram-se, globalmente, em 36 por cento, face aos 6,5 por cen-

to que impuseram aos trabalhadores da Função Pública».

Referem, também, que o Governo mantém «uma postura anti-dialogante e desrespeitadora dos compromissos e promessas», rejeitando a abertura de negociações para a revisão intercalar, a qual, segundo afirmam, «não poderá ser inferior a 4,5 por cento».

Trabalhadores da Fazenda Pública do Porto exigem resposta do Governo

Representantes de repartições de Finanças e Tesourarias da Fazenda Pública portuense decidiram exigir ao Governo uma resposta a reivindicações de ordem remuneratória, reestruturação de carreiras e formação profissional, informou uma fonte sindical.

Reunidos na Casa da Cultura do Professor, cerca de 50 representantes de repartições da

Fazenda Pública portuense aprovaram uma moção, na qual exigem ao Governo uma resposta aos problemas que afectam aqueles profissionais.

Caso o Executivo não dê resposta às reivindicações já apresentadas pelo Sindicato da Função Pública do Norte, os trabalhadores das repartições ameaçam enveredar por formas de luta.

Centrais sindicais consideram que não há qualquer acordo

CADILHE NA CONCERTAÇÃO SOCIAL: TUDO BEM PORQUE O GOVERNO GANHOU NA POLÍTICA SALARIAL

«Não há grande perda» com a denúncia do Acordo sobre Política de Rendimentos e Preços, uma vez que a trajetória da política salarial já foi conseguida, afirmam ontem o ministro das Finanças, Miguel Cadilhe, no final da reunião do Conselho Permanente de Concertação Social, onde declarou que «não há nenhuma razão para serem agora alterados os acordos alcançados durante o corrente ano», acrescentando: «Pouco interessa se os objectivos da inflação forem cumpridos um mês ou dois depois do que estava estabelecido». Idêntica opinião têm as confederações patronais, enquanto as centrais sindicais consideram que «já não há acordo».

A reunião de ontem do Conselho Permanente da Concertação Social (CPCS) saldou-se na ruptura do Acordo sobre Política de Rendimentos e Preços, assinado em Janeiro deste ano pela UGT, CAP, CCP e Governo.

A UGT defendeu, mais uma vez, que ele deve ser renegociado pelos parceiros sociais, já que os objectivos inicialmente estabelecidos quanto à taxa de inflação não irão ser atingidos até Dezembro.

No entanto, tal não aconteceu, segundo Torres Couto, devido à «intransigência» de Miguel Cadilhe em reapreciar os valores de inflação prevista para este ano, o que levou a UGT a denunciar o Acordo, deixando os sindicatos seus filiados negociar livremente, a partir de agora, os aumentos salariais.

A recusa do ministro das Finanças em renegociar o Acordo deve-se ao facto, segundo afirmou, de considerar não haver razões para isso, uma vez que nenhuma das condições de denúncia foram preenchidas.

Segundo Miguel Cadilhe, é impossível, neste momento, prever se a taxa de inflação de 6,5 por cento vai ser atingida até final do ano, considerando mais importante o facto da inflação estar a diminuir, tendo deixado de ser um problema.

«É irrelevante que os 6,5 por cento sejam conseguidos em Dezembro ou no início da Primavera», disse Cadilhe.

A posição do Governo está patente na afirmação do ministro das Finanças, ao considerar que com a denúncia do Acordo «não há grande perda», atendendo a que a trajetória da política salarial já foi conseguida.

Associações patronais: Acordo a ser cumprido

O problema, segundo as centrais sindicais, reside nesse facto: os aumentos salariais foram negociados na base dos valores de inflação previstos pelo Governo, e aceites pelos parceiros sociais que assinaram o A-

cordo de Rendimentos e Preços.

Ao serem ultrapassados, como a UGT e a CGTP afirmam baseando-se nos índices de inflação de Junho divulgados pelo Instituto Nacional de Estatística, os salários reais dos trabalhadores diminuem.

Ao recusar-se a renegociar o Acordo, numa altura em que a maior parte dos processos de negociações salariais estão encerrados -- por mútuo acordo entre as partes ou pela prática de actos de gestão -- o Governo conseguiu o seu objectivo: a trajetória da política salarial foi conseguida, sobretudo no Sector Empresarial do Estado.

Tendo as associações patronais do seu lado - que consideraram ontem que o objectivo do Acordo está a ser cumprido -, o Governo sabe que dificilmente os sindicatos, mesmo estando agora libertos do Acordo de Rendimentos, conseguirão negociar melhores tabelas salariais do que o «tecto» dos 6,5 por cento.

Crespo de Cravalho, presidente da CCP, frisou, à saída da reunião do CPCS, que a denúncia unilateral da UGT tem um carácter «mais político que técnico», não se mostrando preocupado com as consequências imediatas da não-existência de um Acordo de Rendimentos.

Também o secretário-geral da CAP, José Manuel Casqueiro, afirmaria que os objectivos do CPCS não se esgotam no Acordo de Política de Rendimentos, e que vai continuar a haver condições para a negociação contratual.

Centrais sindicais: não há acordo

Posição diferente assumiram as centrais sindicais. Para o líder da UGT, «só o ministro Miguel Cadilhe e alguns parceiros sociais é que acreditam na manutenção das previsões anteriormente efectuadas quanto à taxa de inflação», disse, acrescentando:

«A UGT entende que a questão do conflito actual seria

facilmente ultrapassada com uma renegociação do Acordo que passasse pela alteração da previsão da taxa de inflação».

Torres Couto, para quem a denúncia do Acordo de Rendimentos se ficou a dever à «intransigência» de Cadilhe, afirmou não haver «nenhum drama» no facto: «Se não há Acordo, vamos continuar sem ele», justificando que a UGT não pode admitir um Acordo «quando os dados estão viciados e quando não se cumprem os seus pressupostos».

Para a CGTP, segundo José Luís Judas, «não há concertação social», pelo que, a partir de agora, os aumentos salariais «serão ditados pela livre negociação entre as partes envolvidas».

Segundo o mesmo dirigente sindical, a delegação da CGTP manifestou ao ministro considerar «não fazer muito sentido» querer impor aos trabalhadores aumentos salariais da ordem dos 6 por cento, quando a Assembleia da República decidiu aumentos de 26,5 por cento para os membros do Executivo e para os titulares de cargos públicos.

A «defesa» de Cadilhe

Na comunicação feita na reunião de ontem, Miguel Cadilhe justifica a posição do Governo considerando que não há razão para a UGT denunciar o Acordo de rendimentos «enquanto o Governo não renegociar os referenciais de inflação para o 3º e 4º trimestres de 1989», afirmando: «A justeza destes referenciais só poderá ser apreciada no fim dos trimestres homólogos de 1989, já que se trata da inflação esperada para os 12 meses seguintes».

E acrescenta: «É certo que o APR 88 (Acordo de Política de Rendimentos para 1988) estabelece expressamente que o CPCS 'procederá trimestralmente à avaliação dos referenciais preconizados'. Mas acrescenta logo a seguir: 'Caso surjam desvios significativos da inflação verificada relativamente à esperada, o CPCS recomendará (o ministro sublinha a palavra) a adopção de medidas adequadas, de carácter compensatório, tendo em devida conta a evolução da economia portuguesa e a natureza daqueles desvios'».

A interpretação que Cadilhe faz desta cláusula do Acordo de Rendimentos vem expressa no parágrafo seguinte da sua co-

municação: «Quando chegarmos a 1989 e se houver 'desvios significativos', teremos de resolver em sede de Concertação Social, várias questões prévias. Desde logo, assentar no que se entenderá por significância do desvio».

«Depois, dilucidar a 'natureza das causas' e descontar, por exemplo, os efeitos de choques exógenos como o ano agrícola de 1988 no país e no estrangeiro (também o novo IPC do INE constitui um factor estranho ao APR 88 e APR 87)», continua o ministro, para acrescentar:

«Finalmente, ter em devida conta a evolução da economia portuguesa, designadamente a pressão do consumo privado, alimentado pelo forte crescimento do rendimento disponível, sobre a inflação e a balança comercial».

Assim, Miguel Cadilhe conclui: «Ora, quanto ao APR 88 não é, ainda, possível dispor de eventualmente invocáveis 'desvios significativos' (expressão que o ministro também sublinha) simplesmente porque a 'inflação verificada' só o será, trimestre a trimestre, em 1989. Não pode, pois, vislumbrar-se o fundamento para a 'adopção de medidas adequadas'. Este fundamento tem de ser factual, e os factos não existem para já».

Quanto à exigência da UGT de que seja aplicada a cláusula de salvaguarda que consta do Acordo de 1987, o ministro justifica achar que não há razão para tal, afirmando, com base num quadro que apresenta que «a inflação 'verificada' foi muito próxima da 'esperada', para os dois trimestres já conhecidos (1º e 2º), conferindo mesmo um ganho real 'extra', ex post, no 1º trimestre de 1987, precisamente o mais denso», acrescentando noutro parágrafo:

«É que tendo os salários nominais de 1987 evoluído, acima da directriz do Acordo - havendo ultrapassado, por excesso, esta directriz, quer ex ante, quer ex post - como se poderá entender que venha um parceiro social do lado laboral questionar o cumprimento do Acordo de 1987 e, por aí, denunciar o Acordo de 1988? (a importância desta posição mereceu mais um sublinhado de Cadilhe)».

Resta saber se as centrais sindicais decidirão, face ao que consideram não cumprimentos dos acordos firmados, continuar ou não no Conselho Permanente de Concertação Social.

VENDEDORES PUBLICIDADE ADMITE-SE

Empresa editora, admite vendedores/as c/s experiência, para exercício na área de venda de espaço publicitário em jornal de grande expansão nacional.

OFERECE-SE

- Ordenado base
- Subsídio de transportes
- Comissões

Resposta a este jornal ao n.º 22703



DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 9-B Processo 1/237

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do § 1.º do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852 de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, n.º 81-3.º andar, tel. 54 88 07, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP - Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica: Linha aérea e subterrânea n.º 1310/R12 a 30 kv, com 237 metros, parte aérea com 147 m e parte subterrânea com 90 m, do apoio n.º 18 da linha n.º 1310 ao PT n.º 3375 C de Leandro & Simões, em Negrais, freguesia de Almargem do Bispo, concelho de Sintra.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 15 de Julho de 1988

Por João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços
Eng.º Correia da Fonseca
Chefe de Divisão



DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 756 Processo 1/871

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, n.º 81-3.º andar, tel. 54 88 07, e na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE LOURES, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP - Electricidade de Portugal-EP, Centro de Distribuição Norte, Rua 4 de Outubro, n.º 3, Loures, a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha mista a 10 kv, com 584 metros (linha aérea L 1259 com 414 metros, e linha subterrânea C 10980 com 170 metros, entre o PTS n.º 472 e o PT n.º 254-P, da Câmara Municipal de Loures, sito na Estação de Tratamento de Lixo - Aterro Santano, na freguesia de Santa Iria da Azóia, concelho de Loures.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 11 de Julho de 1988

João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços

PAPELARIA CLAU - XANA
QUELUZ - MASSAMÁ
RECEPÇÃO DE ANÚNCIOS

Rua Direita de Massamá, 181 - Casal do Belo - Massamá

VENDE O DIÁRIO DE LISBOA

PORTUGUÊS,
LÍNGUA VIVA



Carmo Vaz

RIGOR DA ESCRITA

Nos futebóis a palavra-chave é a dignidade. Por ex. «os jogadores agrediram o árbitro, mas com a maior dignidade». Em política nos jornais, as palavras-chave vão-se sucedendo como as estações do ano. Há épocas em que a «coerência» cai bem, outras em que dá lugar à «transparência», ultimamente tenho reparado que o chique é o «rigor». Daí ler-se num novo periódico (são tantos, tão novos e luxuosos, que me esqueci do nome) que entre várias coisas que «valoriza», também valoriza o **rigor da escrita**. Talvez se queira dizer correcção na escrita ou escrita asseada, mas rigor da escrita soa francamente bem e deve dar para novas palavras estapafúrdias, porque umas linhas depois se lê com algum esforço **des-territorialização**. Virando a página, o rigor da escrita já se entorna na «malfadada Constituição... que se mantém... inalterada à largos anos». Lá que se prive de acento o «mantém» vá lá, mas virar o há em à é rigor excessivo.

Não nos perturbemos. Aliás quem se perturba já com os acontecimentos fantásticos (roubos, fraudes, corrupções, plágios, demissões, peculatos, traições...) que todos os dias nos põem os nervos em franja? Bem sei, (as vossas cartas e telefonemas dizem-mo) que muito gostariam de ler a minha prosa picante sem papas na língua, sobre estes novos «importantes» da cena político-económica portuguesa. Não pode ser. Restrinjo-me à linguística, onde, pelo que leio e ouço, me reconhecem clara competência e daí o direito de perorar sem censura.

O rigor da escrita começa pela exacta obediência ao Código de Escrita da língua em que se escreve. Portanto, começando pelo valor das letras e acabando no trema que já não há, o escrevente, escriba ou escritor, há-de conhecer o CE e estudá-lo atentamente se fizer questão de se meter a escritor. Se lá chegar, bom até pode dar-se ao «atrevimento» de alterar capítulos ou pormenores do CE. Já aponte as inovações de José Saramago («José Saramago inventa novo sistema de pontuação» in «DL» de 9/4/88), menos lembrado que o soberbo romancista Almeida Faria («Cavaleiro Andante, etc.») já no seu primeiro (?) belo romance «Rumor Branco» inovava em matéria de pontuação. Assinalo que o respeito maior pelo CE neste sector e no campo da pontuação, verifico em Virgílio Ferreira, Lídia Jorge e Almeida Faria. Logo, a escrita asseada começa na exacta obediência ao CE.

Segue-se o conhecimento e segurança no manuseio das estruturas da frase (Sintaxe). Quem não sabe e não busca aprender esta matéria de facto dá pontapés na gramática, ofende a língua que é de todos, não sabe escrever. Deve abster-se disso, mesmo ao nível mais baixo dos autos de ocorrência, ofícios e jornalismo noticioso. Também — diga-se de passagem — não há quem ensine isto com eficácia, especialmente aos jornalistas. Ou já viram em qualquer dos cursos que à custa da CEE se ministram de tudo a todos, a disciplina de Português sob centenas de ópticas do CE ao Discurso Jornalístico, da Sintaxe ao Léxico Popular e Erudito, do Estilo Sintético ou Prolixo ao Título exacto e atraente?

Vem a seguir (a ordem não é significativa) o léxico, i.e., conhecer ou não conhecer bem o vocabulário português, usar ou não usar um bom dicionário, conhecer os mecanismos da formação das palavras e do seu valor semântico, em suma, qual o termo «próprio» e qual o «impróprio». É a isto que se chama **propriedade** ou **falta de propriedade** (não diga imprópriedade). Repare que po-

de chamar a um móvel «coisa ou coiso», «móvel», «mesa», ou «secretária», mas deverá dizer «escrivaninha» se for isso mesmo. Quem tem o léxico muito pobre e não quer enriquecê-lo, chama a tudo **coisas** ou **coisos** e a todas as acções do sopesar ao esculpir, de acariciar a pintalgar, **fazer...** coisas. Um grande escritor pode não ter um léxico muito rico (Eça de Queiroz, por ex.), mas o seu dom de tirar das combinações novos efeitos de velhas palavras fazem-no um **magos da escrita**.

Assim, chegámos ao último requisito de uma escrita asseada, agora já próxima da escrita literária ou criativa: a ordem das palavras na frase. Como não pretendo fazer aqui teoria da literatura, não me refiro de certo a outras virtudes, como o estilo, a capacidade de evocação, o pormenor exacto no momento exacto, etc., etc.

Não há nenhuma investigação sistemática sobre a ordem das palavras na frase portuguesa. Ou porque essa ordem, comparada com o Inglês por ex. é inexistente, ou porque fica ao arbítrio de quem escreve, confesso que não conheço nem um breve ensaio sobre «A ordem das palavras na frase portuguesa», enquanto tenho cá em casa trabalhos sobre a ordem das palavras na frase latina (Marouzeau), inglesa (dezenas), chinesa (R. Bruce) etc. Talvez exemplificando, o leitor se dê melhor conta deste assunto. A mais simples e fácil estrutura da frase portuguesa, é a frase reduzida a uma proposição (oração) e a oração reduzida a uma palavra, o Predicado (forma verbal num tempo finito). Assim, «Choveu.» é prediicado, oração, frase, período e parágrafo. Acrescentemos agora circunstâncias a «choveu» de lugar, tempo, modo. Daí: «Ontem choveu a cântaros em Lisboa.» Certo. Mas, «Em Lisboa choveu ontem a cântaros». Também certo. E «A cântaros choveu em Lisboa ontem». Ainda certo (atenção: não estamos a esmiuçar valores semânticos). Reduza os quatro elementos da frase a A, B, C e D e veja o número de arranjos possíveis, simples problema de análise combinatória (arranjos, permutações e combinações). A solução (poupam-se passos) dá-lhe 24 arranjos possíveis. De facto, pode fazer girar em torno do Predicado os complementos circunstanciais a seu bel-prazer. Se acertar no arranjo mais eufónico (o que soa bem), fluente (o que se afigura fácil de pronunciar) e belo (o que fere o seu sentido estético da literatura), então o meu amigo é um prosador nato. Insista na escrita literária. Mas se achar que «em Lisboa ontem a cântaros choveu», não há erro de gramática, desista de escrever, porque não nasceu para isto.

O bom seria que os «forçados a escrever» (Camilo diria os «grilhetas da pena»), neste nosso tempo, os assessores de várias coisas, os redactores de serviço, os publicitários, os mantenedores da ordem, os tão pontuais e zelosos escrivães e até os ministros, salvo o devido respeito, deviam começar pelo que é simples e até fácil, o CE, a Sintaxe, o Léxico, deixando para segundas núpcias a OPF e as metáforas, campo cintilante e ricamente criativo da linguagem (Cf. Lobo Antunes, «Auto dos Danados»), mas difícil e seriamente complicado. Mas porque hão-de ser todos os que escrevem, especialmente os que o fazem por dever de ofício, magos da escrita? Podem sim, e devem ser rigorosos na escrita, porque o rigor da escrita traz a disciplina do espírito e a rectidão no procedimento. Por isso, continuo a ler com gosto e algum proveito, a nova publicação onde se «valoriza o rigor da escrita», não obstante um ou outro tropeço no curso da dita.

CICLO — UNIFICADO — GERAL
COMPLEMENTAR — 12.º ANO
EXTERNATOS — SÉNECA e S. DA GAMA
Av. Almirante Reis, 73 e 106 — Tel. 52 00 92 e 82 27 76

Hospitais de Faro e Portimão

com falta de pessoal

Médicos devem acompanhar evacuação de doentes graves

— exige Sindicato dos Enfermeiros

Os médicos também devem acompanhar a evacuação de doentes graves — defende o Sindicato dos Enfermeiros Portugueses, que denuncia situações críticas surgidas nos hospitais de Faro, Portimão e Torres Novas por falta de pessoal.

Esse aspecto — a falta de pessoal — e os respectivos destacamentos para evacuações de doentes — refere o Sindicato em comunicado — leva a que alguns serviços fiquem sem um único enfermeiro. A mesma nota salienta que um único enfermeiro tem de acompanhar duas ambulâncias e, por vezes, quando regressa, começa novo turno, sem tempo para descansar.

Tal situação — observa o Sindicato — obriga a que os enfermeiros trabalhem mais de 30 horas seguidas.

O Sindicato refere ainda que «a maior parte das vezes o médico recusa-se a acompanhar de igual modo o doente, assumindo o enfermeiro papel duplo, não se podendo responsabilizar por acções que não são da sua competência».

A propósito das ambulân-

cias destacadas para o transporte de doentes, o Sindicato afirma que, devido ao seu estado, «muitas instituições se recusam a fazer seguros específicos para a cobertura em caso de acidente».

A direcção do Sindicato afirma que estes problemas só se resolverão com a admissão de mais pessoal e acrescenta que da reunião tida com a administração do hospital de Faro em 15 deste mês, ficou acordado que «os enfermeiros serão reembolsados de eventuais despesas referentes a transporte» e à criação de um subsídio de cinco contos por cada transporte de doente naquelas condições, que terá início a partir de 1 de Agosto.

Naquele hospital algarvio — refere ainda o Sindicato da classe — a escala de evacuações será feita por voluntários, até que seja possível efectuarla com enfermeiros supranumerários nos serviços.

«Sempre que o enfermeiro, ao avaliar a situação do doente, considere que este carece de acompanhamento médico, — diz o comunicado — deve exigir-lo».

Um dia depois da Ordem

Beleza também receberá

Federação dos Médicos

A ministra da Saúde receberá a Ordem dos Médicos em 1 de Agosto e a Federação Nacional dos Sindicatos Médicos no dia seguinte — soube o «DL». A primeira reunião integra-se no quadro das conversações entre a ministra e a Ordem dos Médicos com vista à resolução dos grandes problemas que afectam a saúde em Portugal, enquanto a segunda — com o mesmo objectivo — ocorrerá por exigência da Ordem e do Sindicato Independente dos Médicos.

Quer a Ordem quer o Sindicato Nacional dos Independentes dos Médicos puseram, a seu tempo, como condição para a prossecução do diálogo entre ambas as partes, a extensão de reuniões sobre o sector à recém-formada Federação Nacional dos Sindicatos Médicos, resultante da Coordenadora Nacional e que agrupa os Sindicatos Médicos do Norte, Centro e Sul.

A primeira reunião entre Leonor Beleza e a Federação Nacional dos Médicos chegou a estar prevista para este mês, mas a ministra da Saúde entendeu que só deveria receber a Federação Nacional dos Sindicatos Médicos depois de nova reunião com a Ordem, a qual terá lugar no primeiro dia de Agosto.

Recorde-se que da segunda reunião entre a ministra da Saúde e a Ordem esta saiu, segundo comunicado dos próprios trabalhos, com garantias em cinco

pontos, se bem que haja alguma descrença em meios médicos relativamente ao sucesso de tais encontros. Fontes sindicais afirmaram ao «DL» que as reuniões «não têm passado de uma operação de 'charme' de Beleza, na sequência da orquestração que para a ministra da Saúde constituiu o congresso social-democrata».

As mesmas fontes põe ênfase no facto de pouco ou nada se ter avançado, muito embora a Ordem dos Médicos tenha saído da reunião do passado dia 1 do corrente com cinco garantias, entre elas — como salientou o seu bastonário — a abertura imediata de concurso de provimento para os lugares de quadro, a actualização das tabelas da medicina convencionada para internamento e os problemas dos tafeiros.

No mesmo comunicado, o Conselho Nacional Executivo da Ordem adiantava que lhe fora garantida a publicação do mapa de vagas para o internato complementar até 15 do corrente e que estava a ser feito estudo dos novos quadros das instituições estatais. A ministra da Saúde teria ainda — segundo a mesma fonte — «prometido» a publicação de legislação que assegure um regime transitório após a conclusão do internato, que garantia emprego durante dois anos.

Adjudicado por 35 mil contos

ESTUDO DE TRATAMENTO DA REGIÃO DE LISBOA PREVÊ UM MILHÃO DE TONELADAS DE DETRITOS NO ANO 2000

A Associação de Municípios para o Estudo do Sistema de Tratamento de Resíduos Sólidos da região de Lisboa adjudicou ontem ao consórcio formado pela empresa Hidroprojecto e Intersimet a elaboração do plano director para tratamento dos lixos produzidos nos concelhos de Amadora, Cascais, Lisboa, Loures, Oeiras, Sintra e Vila Franca de Xira, pelo preço de 34500 contos, excluindo I-V.A. Por outro lado, foi adjudicada à Sensus (do grupo Sonae) uma campanha de sensibilização sobre a necessidade de limpeza urbana. O secretário de Estado do Ambiente, Macário Correia, já manifestou abertura para a concessão de subsídios aos dois projectos.

No estudo serão integrados todos os sistemas já existentes e procurar-se-ão soluções técnicas que depois poderão ser geridas individualmente, por grupos do actual conjunto ou por toda a actual associação. A questão é que, como afirmou o presidente da Câmara da Amadora, Orlando de Almeida, «as soluções individuais são demasiado caras. Todas estas câmaras já gastam muitas centenas de milhar de contos por ano nos actuais sistemas que são deficientes», e o problema do que fazer com o lixo de dois mi-

lhões de pessoas continua a por-se todos os dias.

Os actuais dois milhões de habitantes desta área, que representa 1,2 por cento do Território Nacional, produzem 1735 toneladas de lixo por dia. Dentro de 12 anos, ao dobrar o milénio, a população terá aumentado para 2,5 milhões, mas a produção de lixo terá crescido 50 por cento, esperando-se uma produção anual da ordem de um milhão de toneladas.

O plano a elaborar deverá conter soluções num horizonte para 20 anos e alargar-se a outras questões de higiene urbana, que não só os lixos, como apontou o vereador da Câmara de Lisboa, Pedro Feist, citando a desratização em conjunto, «sob pena de andarmos a fazer emigrar os ratos do centro para a periferia e da periferia para o centro», e adiantando que a ideia encontrou eco noutros municípios.

No entanto, já existem na região Norte da Grande Lisboa outras soluções encontradas por municípios sozinhos ou em conjunto: Lisboa produz, a partir do seu lixo, e vende composto orgânico; Cascais, Sintra e Oeiras tem em andamento a criação de uma central de tratamento de resíduos sólidos com um custo de quase dois milhões

de contos, dos quais 600 mil de comparticipação comunitária através do Feder. Estes sistemas parcelares serão integrados no sistema global como pré-existent, segundo o vereador da Câmara da Cascais, Maurício Barra.

A elaboração deste plano director regional demorará 18 meses, divididos em três fases: a primeira consiste no levantamento da situação de cada um dos sistemas municipais de tratamento de resíduos, incluindo sistemas selectivos para vidro, plástico ou outros e estruturas de custos e seus suportes financeiros; na segunda fase serão procuradas soluções alternativas, acompanhadas de estudos de viabilidade técnica, económica e financeira de cada uma das opções propostas; na terceira fase, a associação escolherá dentre as soluções propostas, qual a ou as que mais lhe agradam — decidindo também se deve ou não continuar como associação. Orlando de Almeida diria a este propósito que «a ausência de regiões administrativas é que criou a necessidade desta associação». E Pedro Feist elogiaria a capacidade de «ultrapassar facilmente diferenças ideológicas no interesse dos cidadãos», conseguida até agora.

Assassínio de Evo Fernandes

Supremo de Marrocos atrasa extradição de Chagas e Messias

Marrocos diz que não cede a pressões e garante que nunca houve interferências directas ou indirectas quanto à decisão a tomar sobre o destino dos dois principais suspeitos de envolvimento no assassinato do ex-secretário-geral da Renamo, Evo Fernandes.

O processo de Alexandre Chagas e Joaquim Messias está pendente no Supremo Tribunal de Marrocos que, nesta altura do ano, não funciona com a mesma celeridade, devido às férias judiciais.

Marrocos não cede a pressões, nem nunca houve interferências directas ou indirectas dos dirigentes moçambicanos no processo de Chagas e Messias, suspeitos de envolvimento

no homicídio de Evo Fernandes — afirmaram fontes judiciais marroquinas.

Em declarações à agência Lusa, as mesmas fontes acrescentaram que o processo judicial dos dois portugueses detidos em Rabat, suspeitos de envolvimento no assassinato do ex-secretário-geral da Renamo, Evo Fernandes, tem evoluído, mas não se sabe ainda quando é que o Supremo Tribunal se pronunciará sobre este caso.

As mesmas fontes salientaram que alguns dos juizes que têm o processo em mãos, estão actualmente de férias e outros irão de seguida, o que vem atrasar o andamento do processo.

Alexandre Chagas e Joaquim Messias, que estão detidos na

Cadeia Central de Rabat, desde finais de Abril, foram ouvidos por três vezes pelo Supremo Tribunal da capital marroquina, não estando ainda concluído o seu processo.

O ministro marroquino dos Negócios Estrangeiros, Abdelatif Filali, manifestou interesse pelo processo, durante a sua visita a Portugal.

Note-se que durante a primeira fase deste complicado processo de extradição, cuja morosidade resulta da falta de um acordo específico sobre a matéria, meios de pressão da direita portuguesa admitiram que o atraso da extradição se deveria à intervenção da OUA junto de Marrocos, alegadamente a pedido de Moçambique.

Gondomar:

vereadores

do PSD

voltam à Câmara

para destituir

presidente

Os três vereadores social-democratas na Câmara Municipal de Gondomar anunciaram ontem que vão voltar a participar nas reuniões do executivo, após cerca de seis meses de ausência, para proporem a destituição do presidente. Os autarcas do PSD pronunciaram-se favoravelmente quanto à proposta feita pela Secretaria de Estado da Administração Local e Ordenamento do Território para que a própria câmara decida a perda de mandato do seu presidente, o socialista Arlindo Neves, que dipõe de maioria por ter apoio do PS e do PCP.

Os vereadores do PSD anunciaram que regressam às reuniões camarárias «tendo em consideração o conhecimento público e oficial dos relatórios da acção inspectiva e a urgência de destituir Arlindo Neves».

Os vereadores social-democratas abandonaram as reuniões do executivo em Janeiro deste ano, quando o Governo decidiu decretar a dissolução da câmara, por não existir plano e orçamento de 1986, alegando «não quererem responsabilizar-se por decisões de uma câmara em vias de dissolução».

No relatório enviado aos autarcas de Gondomar no final da semana passada, a Inspecção-Geral de Administração do Território considera a actuação de Arlindo Neves como «prepotente, desonrosa e indigna de um representante legal de uma autarquia de um Estado de direito e democrático».

Para a Secção do PSD de Gondomar, as conclusões do relatório final da sindicância efectuada à autarquia «confirmam inteiramente tudo quanto sempre o PSD condenou na gestão camarária do presidente socialista». Aquela secção acusou ainda, em comunicado, Arlindo Neves de «perseguir funcionários e lesar munícipes, reter os processos ilegalmente, de impedir pagamentos ou fazê-los contra a lei, negar-se a fazer escrituras, bloquear decisões camarárias, abusar do poder democrático, não apresentar plano e orçamento em 1986 e reter planos de urbanização». Para o PSD, «as infracções e irregularidades cometidas por Arlindo Neves, no total de 42, e assinadas no relatório de molde a distorcer e perverter as virtualidades do poder local».

Lei de Bases da Reforma Agrária

FENCA diz que a emenda

saiu pior que o soneto

A Federação Nacional das Cooperativas Agrícolas de Produção (FENCA) considerou que a Lei de Bases da Reforma Agrária aprovada pelo Parlamento «está ferida de inconstitucionalidade».

Em comunicado divulgado a partir de Évora e também subscrito pelos secretários das UCP e Sindicatos Agrícolas do Alentejo e Ribatejo, aquelas estruturas afirmam que a Lei «saiu do debate na especialidade ainda mais agravada do que quando foi aprovada na generalidade».

Esse agravamento, na opinião dos subscritores do documento, prende-se com as alterações introduzidas em relação aos critérios de pontuação, quanto à reversão dos prédios expropriados e nacionalizados e quanto ao regime dos indivisos e das socie-

dades.

O recurso ao contencioso e aos pressupostos de suspensão de eficácia são outras das alterações que os representantes do sector agrícola cooperativo afirmam terem vindo «aprofundar o carácter inconstitucional da proposta de lei».

«Estamos de facto perante uma lei que, a ser aplicada, liquidaria completamente a Reforma Agrária e reconstituiria o latifúndio», diz o comunicado.

Faça à situação criada com a aprovação da lei, os representantes dos trabalhadores reafirmaram a sua disposição de «continuar a lutar pela garantia do emprego e das condições de vida» e «contra eventuais tentativas de aplicação da lei e de assalto pelo MAP e pelos agrários aos bens das cooperativas».

Informação COMERCIAL

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 27 de Julho de 1988, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a instalação e exploração de um pavilhão-bar na estação de Sabugo. A anuidade mínima a oferecer é de 300 000\$00 e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da C. P., a quantia de 50 000\$00 e as propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nos seguintes locais:

Direcção Comercial — Divisão Comercial de Promoção e Apoio
Rua do Conde de Redondo, 145
Lisboa
Telef. 57 86 53

Estação de Lisboa (Rossio)
Telef. 32 75 57

Estações de:
Cacém — Telef. 924 24 48

Sabugo

Mafrá

Torres Vedras — Telef. 24284

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida à Direcção Comercial — Divisão Comercial de Promoção e Apoio dos Caminhos de Ferro Portugueses, E. P., Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a instalação e exploração de um pavilhão-bar na estação de Sabugo.»



**Caminhos de Ferro
Portugueses**

CASES VAI PROPOR AO ME 17% POR CENTO DE AUMENTO NAS BOLSAS

O Conselho de Acção Social do Ensino Superior (CASES) vai propor ao Ministério da Educação um aumento de 17 por cento das bolsas de estudo, anunciou a Associação Académica de Coimbra. Para João Granja, dos Serviços Sociais da AAC, este novo sistema proporcionará «uma maior flexibilidade de critérios, o reforço das bolsas médias e o alargamento do número de estudantes abrangidos pelos benefícios sociais».

Na reunião do CASES efectuada e de acordo com a mesma fonte, citada pela Lusa, os vice-presidentes dos serviços sociais do País propuseram o «aumento do preço das refeições nas cantinas universitárias para 130 escudos, proposta de que se demarcaram os representantes dos estudantes. João Granja disse à Lusa que a AAC vai apresentar na próxima reunião do CASES um projecto de portaria sobre trabalho estudantil, o qual prevê a criação de centros de emprego articulados entre as associações de estudantes e os serviços sociais».

Aquele dirigente estudantil informou ainda a Lusa de que vai ser proposta a criação de um cargo técnico especializado «para a elaboração de um estudo sobre o custo das refeições de todos os serviços sociais representados no CASES».

O CASES é um órgão consultivo do Ministério da Educação e

no qual estão representados os presidentes e vice-presidentes dos serviços sociais universitários, as associações de estudantes e a Secretaria de Estado do Ensino Superior.

Iniciativas na U. do Minho

A Associação de Estudantes da Universidade do Minho apresentou, em 20 de Julho, à assessora da secretária de Estado da Cultura vários projectos de iniciativas que carecem de financiamento. Os projectos incluem um curso de teatro com a duração de 40 semanas e seis horas semanais, a organização de uma «Semana da Universidade» em 21 dos 23 concelhos do distrito (todos, excepto os de Braga e Guimarães). Organização nas férias da Páscoa do 1.º Encontro de Estudantes Africanos que estudam em Portugal, nas cidades de Braga e Guimarães, realização de uma «Semana Cultural» sobre a Galiza, lançamento do jornal «O Artesão», são outras iniciativas apresentadas. A associação diz ter em adiantada fase de acabamento os estudos destinados à Rádio Universitária do Minho.

Imposto Profissional no particular

Não há ainda acordo entre a Federação Nacional dos Profes-

sos e a Associação dos Estabelecimentos de Ensino Particular (AEEP) sobre o Contrato Colectivo de Trabalho dos docentes do ensino particular e cooperativo. Na base do contencioso está a compensação do Imposto Profissional daqueles docentes que os representantes das escolas afirmam não poder cobrir. Ambas as partes decidiram recorrer ao ministro Roberto Carneiro, cujo gabinete se remeteu ao silêncio sobre esta questão. A AEEP apresenta também um aumento da tabela salarial que ronda os 5,5%, recusando quaisquer outras propostas apresentadas para o restante clausulado.

Oferta de escolas à Guiné-Bissau

Duas escolas vão ser construídas no sector de Caio (Guiné), com o apoio financeiro de emigrantes guineenses e da Associação dos Jovens Católicos de Portugal, anunciou a agência noticiosa da Guiné-Bissau, ANG. Também ainda este ano serão construídas no sector de Ingore e no de São Domingos duas escolas com o apoio financeiro dos serviços de voluntários holandeses. No âmbito das comemorações do quarto centenário da fundação da cidade de Cacheu será também construído este ano, na sede da região, um liceu.

Para participarem

em encontro

mediterrânico

Jovens portugueses

foram a Rabat

discutir ciência

Duas organizações juvenis portuguesas participam nos segundos encontros internacionais mediterrânicos de animação científica e técnica que foram inaugurados, ontem, em Rabat, na presença de três ministros marroquinos. Trata-se do Clube de Biologia e Geologia da serra de S. Mamede, que enviou a Rabat 12 jovens no escalão etário dos 17 aos 18 anos, e da Associação Juvenil de Ciência que participa com seis jovens dos 16 aos 17 anos, sendo quatro de Lisboa e dois de Torres Novas.

Ambas as organizações deslocaram-se a Marrocos para exporem as suas experiências, manifestando os jovens responsáveis pelos pavilhões que representam Portugal um grande interesse pela sua participação nestes encontros, onde também estão representados países não-mediterrânicos. Refira-se que os encontros, que terminam no dia 30, são organizados pela associação marroquina Ribat Al Fath e contam com o patrocínio do rei Hassan II.



JUNTA DE FREGUESIA de ODIVELAS

EDITAL

CONTRATAÇÃO A PRAZO DE 6 MESES

Torna-se público que se encontra aberto, pelo prazo de 15 dias a contar da data da publicação do presente edital, concurso para admissão de pessoal de ambos os sexos para auxiliar de serviços gerais de 2.ª classe, a remunerar pela letra T com o vencimento mensal de 30 300\$00 (acrescido de subsídio de refeição no valor de 275\$00 diários).

NÚMERO DE VAGAS: 1

LOCAL DE TRABALHO: MERCADOS MUNICIPAIS

A este concurso poderão ser admitidos, de harmonia com o disposto no art.º 6.º do Decreto regulamentar n.º 68/80 de 4 de Novembro, os indivíduos que reúnam os seguintes requisitos:

- Possuir a escolaridade obrigatória
- Nacionalidade portuguesa, originária ou adquirida, nos termos da lei
- Idade não inferior a 18 anos
- Sanidade mental e física para o desempenho das funções próprias do cargo
- Ausência de pena disciplinar ou condenação por crime, que o inhabilitem para o exercício das funções a que se candidatam
- Cumprimento dos deveres militares ou obrigação do serviço cívico equivalente
- Bilhete de identidade válido

Os interessados devem dirigir-se à junta de freguesia dentro das horas normais de expediente, a fim de fazerem a sua inscrição.

Odivelas, 18 de Julho de 1988

O Presidente da Junta de Freguesia
António Eduardo dos Santos Gonçalves

TEATRO DE ÓPERA E BALLE DA TARTÁRIA

BALLET SOVIÉTICO



23 — BARREIRO
Casa da Cultura dos
Trabalhadores da
Quimigal, às 21.30H

24 — LISBOA

Teatro Municipal de
S. Luís, às 16.00H
Bilhetes à venda no
S. Luís

SOLISTAS E COREOGRAFIAS CLÁSSICAS
E CONTEMPORÂNEAS



ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-URSS

Antigo comandante-geral da Guarda Fiscal processado por causa do contrabando de Aveiro

O general Alves Moreira, antecessor de Hugo dos Santos no cargo de comandante-geral da Guarda Fiscal, vai ser alvo de um processo criminal autónomo, no âmbito do caso da rede de contrabando de Aveiro. O processo, cuja instauração já foi ordenada pelo Juiz de Instrução Criminal - a partir de certidões extraídas do processo em que são principais acusados o capitão da Guarda Fiscal e anterior comandante do mesmo corpo militar em Aveiro, Vasco Silva, e o cabo de mar Arnaldo Pereira -, visa averiguar as relações daquele general com a organização criminosa e as suspeitas de corrupção que contra ele subsistem. Paralelamente, pudemos apurar que entre os "arrepentidos" deste caso se encontra um capitão do exército, actualmente ao serviço da Guarda Fiscal.



General Alves Moreira, antigo comandante-geral da Guarda Fiscal

Segundo fontes forenses ouvidas pelo "DL", a decisão de abrir um processo em separado contra Alves Moreira, actualmente na reserva, teve por fundamento a necessidade de não atrasar mais o processo global que se encontra presentemente na fase de instrução contraditória e que inclui 56 arguidos, cerca de metade dos quais estão presos, nomeadamente os dois últimos comandantes da capitania do Porto de Aveiro, capitães Pessoa Brandão e Mota Santos, o capitão Vasco Silva e o cabo Arnaldo Pereira.

Uma pista para chegar mais longe?

No quadro das investigações conduzidas pela Polícia Judiciária e de acordo com aquilo que se deduz dos 10 volumes e dos anexos do processo, o nome do general Alves Moreira aparece como o único que pode permitir o prosseguimento das averiguações, em direcção a outras formas de organização e a possíveis envolvimentos de outras personalidades, que até agora não surgem nos autos. Em todo o processo, garantem fontes que a ele tiveram acesso, não existem referências a quaisquer outras figuras de relevo nacional e o antigo comandante da Guarda Fiscal é a única pessoa incriminada autonomamente, a partir dele. No entanto, admite-se em meios judiciais, a incriminação de Alves Moreira poderia constituir "apenas uma manobra de diversão e o resultado da acção de cliques militares e civis que querem dificultar as investigações".

Para lá das suspeitas sobre este oficial general, a única grande surpresa que o processo parece conter é o facto de entre

os "arrepentidos" deste caso figurar um capitão do exército, ainda a ocupar um lugar de comando na Guarda Fiscal. Segundo soubemos, esse militar confessou aos investigadores que recebeu dois mil contos da organização mas que devolveu essa quantia, prestando-se a colaborar com a justiça.

Ao contrário daquilo que era voz corrente na região, a acusação provisória também não se refere ao contrabando de armas e de drogas, limitando-se ao contrabando de tabaco, e acusando os arguidos de associação criminosa, corrupção activa e passiva, contrabando qualificado, sequestro, destruição de documentos, uso e detenção de arma proibida e peculato. Segundo as nossas fontes, as próprias ligações internacionais da rede também não assumem, no processo, a amplitude que alguns círculos se continuam a julgar que elas efectivamente possuem, supondo-se que, tanto no que respeita à natureza das actividades do grupo, como às ligações nacionais e internacionais da sua organização, os investigadores não tenham conseguido ainda esclarecer tudo o que haverá a esclarecer.

Em concreto, e quanto à dimensão das operações da rede, a acusação afirma que só em 1987 foram efectuados 37 desembarques, que proporcionaram a entrada ilegal de 27 070 caixas de tabaco no país, as quais, só em fugas ao fisco, proporcionaram um lucro de 2,8 milhões de contos.

Nos termos da acusação provisória deduzida pelo Ministério Público, a actuação do general Alves Moreira que justifica a proposta, já aceite pelo Juiz de Instrução Criminal, de lhe instaurar procedimento criminal

independente, consiste essencialmente na protecção que parecia conceder ao capitão Vasco Silva e em comportamentos "eventualmente enquadráveis no conceito técnico-jurídico de corrupção". Seria aliás graças àquela protecção que Vasco Silva agia "de forma algo evidente e descabida (chegava a afirmar que "comia coronéis ao pequeno almoço"), reveladora de grande segurança e domínio de meios no âmbito da corporação a que então pertencia" e que era dirigida por Alves Moreira.

Protecção aos contrabandistas ou "simples actos de comando"?

Decisões conhecidas e publicamente contestadas do ex-comandante geral são igualmente apontadas como fundamento das suspeitas que a acusação faz cair sobre o general. É o caso da transformação da secção da GF de Aveiro em companhia, acto de comando que terá permitido a Vasco Silva "continuar a manter-se nessa zona, apesar da promoção de que foi alvo", e da "forma inopinada como, na altura em que se aprestou a atalhar a actividade, já notoriamente suspeita, do capitão Vasco Silva, se processou a demissão do coronel Vieira Monteiro do cargo de comandante do Batalhão de Coimbra dessa corporação".

Oficiais do exército ouvidos pelo "DL" insistem no entanto em que ambas estas decisões foram tomadas de uma forma "inteiramente legítima, no uso pleno do comando que lhe estava confiado" e que, só por si, não podem servir de base de acusação contra Alves Moreira.

Além disso, afirmam que o processo que levou Alves Moreira a demitir o coronel Vieira Monteiro e a aplicar-lhe uma pena de três dias de prisão, vedando-lhe assim o acesso ao curso de altos comandos para que estava seleccionado, assenta em razões exclusivamente do foro disciplinar.

Tais razões seriam não as queixas de Vieira Monteiro contra Vasco Silva, mas sim o facto de ter afirmado, numa reunião de coronéis, que Alves Moreira acabava de comprar um prédio em Aveiro "com os dinheiros da candonga". Conhecedor desta acusação e sustentando simultaneamente que não tinha comprado o prédio em questão, estando até a ser objecto de um processo de despejo pelo facto de aí não habitar, o general terá punido disciplinarmente o seu subordinado, "que depois jurou vingar-se dele".

O documento do Ministério Público considera no entanto que estas decisões de comando, assim como "o estreito relacionamento pessoal do capitão Vasco Silva com o então comandante-geral da Guarda Fiscal, general Alves Moreira, que lhe permitia apresentá-lo em informal e reservado convívio a elementos ligados à organização e intervir em seu nome e representação no negócio de compra e venda de um imóvel, levam-nos a crer importante que se desenvolva mais aturada investigação com vista à detecção de provável relação deste oficial general com a actividade da organização criminosa em apreço e, bem assim, de comportamentos eventualmente enquadráveis no conceito técnico-jurídico de corrupção".

Informação COMERCIAL

CONCURSO

Até às 17 horas do dia 8 de Agosto de 1988, estes Caminhos de Ferro aceitam propostas para a instalação e exploração de um pavilhão-bar na estação de Conceição. A anuidade mínima a oferecer é de 150 000\$00 e os concorrentes devem depositar, em qualquer estação da C.P., a quantia de 25 000\$00 e as propostas deverão ser feitas com base no programa do concurso e condições contratuais que os interessados poderão consultar nos seguintes locais:

Direcção Comercial - Divisão Comercial de Promoção e Apoio
Rua do Conde de Redondo, 145
Lisboa
Telefone 57 86 53

Agência Comercial de Faro
Estação de Faro
Telefone 27947

Estações de:

Tunes - Telef. 56417

Albufeira - Telef. 52616

Loulé - Telef. 62546

Faro - Telef. 76472

Conceição

Vila Real de S. António - Telef. 43242

As propostas deverão ser feitas em carta fechada dirigida à Direcção Comercial - Divisão Comercial de Promoção e Apoio dos Caminhos de Ferro Portugueses, E.P., Apartado n.º 2733, 1118 LISBOA CODEX, acrescentando-se àquele endereço, no sobrescrito, o seguinte:

«Proposta para a instalação e exploração de um pavilhão-bar na estação de Conceição».

 Caminhos de Ferro Portugueses

CÂMARA MUNICIPAL DE ODEMIRA

Venda de lotes de terreno para comércio e habitação em Zambujeira do Mar na terça-feira 16/8/88 pelas 15 horas.

Hasta pública na sala de sessões da câmara.

Base de licitação: 5000\$00 m²

" CONVÍVIO DE EX-MILITARES QUE ESTIVERAM EM ANGOLA "

Ex-militares, que integraram o Batalhão de Caçadores 2910, que esteve em Angola, vão organizar um almoço-convívio, no dia 14, de Agosto. Os interessados em participar poderão contactar, até ao dia 4, do mesmo mês, um dos seguintes ex-camaradas: Nogueira, telef. 320513, e Adélio, telef. 9484110, ambos da rede do Porto; Novo, telef. 43925, da rede de Vila Nova de Famalicão.



Deteção de condutores que "aceleram" no álcool

Militares das unidades da Guarda Nacional Republicana aplicaram o teste de alcoolemia a 10 421 condutores de veículos, em Maio, tendo encontrado 967 que conduziam sob o efeito de ingestão de bebidas alcoólicas, informou a GNR.

A mesma fonte referiu que dos infractores, 256 (26,4 por cento) acusaram valores compreendidos entre os 0,50 e os 0,89 gramas de álcool por litro de sangue (g/l) e 711 (73,5 por cento) valores iguais ou superiores a 0,90 (g/l), isto é, taxas consideradas elevadas.

Em termos percentuais, a GNR informou que foi no distrito de Setúbal onde foram encontrados mais indivíduos a conduzir sob os efeitos do álcool, pois, em 218 fiscalizados, 68 acusaram taxas ilegais (31,1 por cento).

O menor valor foi no distrito de Coimbra, onde em 1280 fiscalizados, apenas 54 acusaram taxas ilegais de álcool, o que corresponde a 4,2 por cento.

O maior número de infractores (291) foi encontrado nos condutores com idades compreendidas entre os 31 e os 40 anos (78 com taxas elevadas) e o menor (35) em indivíduos fiscalizados com 61 ou mais anos. Destes, oito apresentavam taxas menores de álcool e 27 elevadas.

Lembra-se que o álcool, quando ingerido em excesso, afecta negativamente a visão. Sucintamente, as manifestações principais são as seguintes: — Alteração de contornos, redução de acuidade visual, alteração das cores, distorsão na avaliação das distâncias, redução da visão nocturna, diminuição da visão periférica e dupla visão.

Estas influências negativas potenciam nos condutores, e demais utentes das vias públicas, efeitos desajustados a um comportamento seguro na estrada. Embora todos os efeitos enunciados sejam importantes, merece especial destaque e uma explicação adequada a diminuição periférica.

Cerca de 90% da informação recebida numa dada situação de trânsito é recolhida através dos olhos dentro do campo visual abrangido. O álcool estreitando este campo, com a eliminação progressiva da percepção lateral, reduz essa fonte de informação, não permitindo uma resposta adequada a uma situação imprevista. Estudos realizados sobre o campo de visão, utilizando uma velocidade estabilizada, comprovam que este sofre uma redução de 30% com uma taxa de álcool no sangue (TAS) de 0,50 g/litro.

Pequenos aumentos da TAS traduzem-se em grandes reduções no campo de visão, podendo mesmo chegar-se à visão em túnel em que o condutor se fixa única e exclusivamente num ponto, desprezando todo o espaço envolvente.

Mortes na estrada

Quatro mortos e 102 feridos é o balanço dos 115 acidentes que a Brigada de Trânsito da Guarda Nacional Republicana registou entre as 12 horas de quinta-feira e a mesma hora de ontem.

Dezasseis dos feridos ficaram em estado grave.

Hoje com a manhã enovoad a trânsito nas estradas era reduzido mesmo nos acessos à Ponte 25 de Abril, em contraste com o de ontem à tarde em que a circulação se podia considerar caótica, tendo-se mantido difícil até depois das 22 horas.

GALP

DINAMIC

Gasóleo

APREENDIDOS 75 QUILOS DE DROGA DURA NO PRIMEIRO SEMESTRE DO CORRENTE ANO

Setenta e cinco quilos de cocaína e heroína, avaliados em 1,3 milhões de contos foram apreendidos nas fronteiras portuguesas durante o primeiro semestre do corrente ano pelos funcionários das alfândegas.

Um informador da Direcção-Geral das Alfândegas disse que, não obstante o número de apreensões de drogas duras (cocaína e heroína) durante o primeiro semestre de 1987, ter sido 38, enquanto no mesmo período deste ano ocorreram 30, há que tomar em consideração as quantidades apreendidas relativamente àqueles períodos: 61 quilos para 1987 e 75 quilos para 1988, com os

valores aproximados de 1 050 000 contos e de 1 350 000 contos, respectivamente.

Acrescentou que a cocaína representa, para estes dois espaços de tempo, cerca de 85 por cento da totalidade da droga dura apreendida pelos aduaneiros, nos aeroportos de Lisboa e Porto.

A procedência desta droga, segundo o mesmo informador, continua a ser os países da América do Sul, à semelhança da última que foi detectada na delegação aduaneira do aeroporto de Lisboa, no passado dia 18.

Referiu que o processo de esconderijo utilizado foi um

estojo de aparelhagem fotográfica, que não passou despercebido ao serviço rotineiro dos «homens da Alfândega».

Independente destas acções pontuais dos serviços aduaneiros, aquele informador realçou a preocupação da Direcção-Geral das Alfândegas na formação técnica dos seus funcionários, reflectida em acções de aprendizagem a nível interno, sobre detecção de droga, e ministradas ao pessoal das alfândegas de Lisboa, Porto, Funchal e Ponta Delgada.

O mesmo informador acrescentou que neste aspecto e a nível internacional, ainda recentemente a alfândega dos

Estados Unidos da América ministrou a funcionários das alfândegas, um curso sobre esta matéria — a semelhança de outros já desenvolvidos — para o qual foram convidados elementos da Guarda Fiscal, Polícia Judiciária, Guarda Nacional Republicana, Polícia de Segurança Pública e Polícia Marítima.

Adiantou que no âmbito da luta contra o tráfico de droga, a Direcção-Geral das Alfândegas «tem vindo a desenvolver acções eficazes nas fronteiras do País, nos locais de passagem utilizados pelos traficantes através de processos de esconderijo, cada vez mais sofisticados.»

Cônsul português em Genebra processado por ex-empregada

Uma antiga empregada doméstica do cônsul cessante de Portugal em Genebra, Pedro Pinto, moveu-lhe um processo judicial alegando que o diplomata não lhe pagou seis meses de salários e a despejou do quarto que habitava, disse uma fonte judicial.

O Tribunal de Conciliação Social de Prud'Homme, de Genebra, diz que vai julgar o caso tendo em conta o facto de a empregada, de nacionalidade etíope, ter numa primeira fase solicitado uma indemnização de 4200 francos suíços (400 contos), passando depois essa soma para 62 000 francos (6000 contos).

Dado o estatuto diplomático de Pedro Pinto, a sentença dificilmente será executada.

Contactado pela agência Lusa, Pedro Pinto confirmou ter tido ao seu serviço a empregada etíope, que se ocupava de uma filha de 7 anos, até à sua recente transferência para Lisboa.

Acrescentou que após a transferência, a empregada continuou a exigir o salário que antes recebia, mais 12 000 francos por ter sido obrigada a abandonar o quarto que ele lhe alugara no edifício onde morava. Os salários exigidos pela empregada são correspondentes aos meses de Outubro de 1987 a Março

passado.

O cônsul-geral, que cessa as suas funções em Genebra no próximo dia 31, cancelou o contrato da habitação onde vivia a empregada quando se mudou para Lisboa.

«É absolutamente absurdo falar-se de 62 000 francos em dívida», disse Pedro Pinto. Confirmou que a queixa foi ouvida pelo tribunal de Prud'Homme, frisando que este, em 29 de Junho, se limitou a constatar que o contrato de trabalho que ligava a empregada ao cônsul havia expirado em 30 de Junho, não se tendo pronunciado sobre a alegada dívida.

Em Paris

Árabe confessa-se co-autor da morte de Sartawi

Um indivíduo árabe entregou-se à Polícia em Paris, afirmando ter participado nos preparativos de dois atentados registados em Portugal e França em 1982 e 1983.

O homem, cuja identidade não foi revelada, disse ter primeiro trabalhado na preparação do atentado registado em 1982

contra um restaurante do bairro judeu de Paris, que causou a morte a seis pessoas.

No ano seguinte, esteve em Portugal para preparar o atentado que em 1983 vitimou em Montechoro o dirigente da OLP Issam Sartawi.

A Agência Lusa apurou em

Paris que a intervenção do indivíduo árabe no atentado de Montechoro consistiu no levantamento topográfico da região e dos locais mais propícios.

Os serviços de contra-espionagem franceses estão a interrogar o indivíduo, não excluindo a hipótese de se tratar de um caso patológico.

Queda de avião angolano mata piloto português

O comandante português morto no despenhamento do cargueiro Boeing-707 da Transportadora Aérea Angolana (TAAG) chamava-se Rui Claro, informou a Angop, sem adiantar pormenores.

As restantes vítimas do acidente ocorrido quinta-feira perto de Lagos, Nigéria, foram identificadas pela agência noticiosa angolana como sendo Vicente Jacinto, piloto, Luís Pedro Monteiro, operador de sistemas, Victor von Haff, «load-master», e os técnicos Carlos Alberto Chagas e José Bernardo Neto.

Segundo a Angop, o Boeing-707 despenhou-se às

3.45 locais, perto do aeroporto da capital nigeriana, quando se preparava para aterrar com mau tempo, nevoeiro e tectos baixos, tendo morrido todos os seus seis tripulantes.

Em nota divulgada hoje, a TAAG afirma que o voo regular de carga de Ostende, na Bélgica, para Luanda, com escala técnica em Lagos para reabastecimento de combustível, operava em condições normais sob o ponto de vista técnico e profissional.

Uma comissão de inquérito já seguiu para o local a fim de investigar as causas do acidente, acrescenta a Angop.

Próximo do estádio do Benfica Jovem desconhecido morto em circunstâncias estranhas

O corpo de um jovem aparecendo vinte anos de idade, nu e em adiantado estado de decomposição foi, na quinta-feira, encontrado por um grupo de operários na Quinta dos Pílares em terrenos da propriedade do Estádio do Benfica, na zona da Luz em Lisboa.

O corpo apresentava-se em decúbito ventral no meio de arbustos que o encobriam, razão por que as pessoas que passam habitualmente numa vereda próxima não deram por ele. Só o facto de os trabalhadores para a colocação de aparelhos na futura pista de

manutenção do Benfica, permitiu o seu achado.

Próximo do cadáver foram encontrados os sapatos e uma camisola que se presume serem do falecido e, bem assim, um recipiente com restos de gasolina que estará relacionado com queimaduras verificadas no corpo, indicando que alguém pretendeu destruí-lo ou, no mínimo, provocar estragos que impedissem a futura identificação.

A Polícia Judiciária aguarda o resultado da autópsia e entretanto tenta identificar a vítima do que tudo indica tratar-se de um homicídio.

Lagoenses não gostaram

Árvores centenárias dão lugar a automóveis no Carvoeiro

Comerciantes, empresários e moradores da praia do Carvoeiro, no concelho da Lagoa, protestaram ontem contra o corte de árvores numa das principais ruas daquela estância turística algarvia. O abate de duas das quatro árvores centenárias que ainda existiam na Rua do Barranco foi mesmo considerado «chocante» por um empresário estrangeiro com actividades na zona.

O presidente da Câmara de Lagoa justificou já o abate das árvores como sendo «absolutamente necessário» para instalar no seu lugar um pequeno parque de estacionamento. Jacinto Correia disse a um jornalista da agência Lusa, a propósito, que as duas árvores, de grande porte, impediam que um prédio actualmente em construção fosse «devidamente rebocado».

Um empresário do Carvoeiro disse àquela agência noticiosa que este é «mais um caso em que a lógica do cimento triunfa sobre a qualidade de vida». «Agora que tanto se fala e se fazem campanhas pela preservação dos valores naturais e patrimoniais do Algarve, não deixa de ser estranha a decisão da Câmara de Lagoa de mandar abater árvores», acrescentou o mesmo empresário.

Na praia do Carvoeiro, outra uma povoação piscatória e hoje um dos maiores centros turísticos algarvios, não existe qualquer espaço verde público e mesmo as poucas árvores existentes têm vindo a ser abatidas ou têm morrido por falta de cuidados.

O autarca lagoense garantiu entretanto que «ainda este ano vão ser plantadas árvores» naquela localidade algarvia.

"Estado português poderá ter perdido um milhão de dólares nas 'trocas e baldracas' da RN Tours Internacional"

A propósito da reportagem sobre o caso RN Tours Internacional, publicada pelo «DL» no dia 25 de Junho, recebemos de Francisco Pereira Soares a seguinte carta dirigida ao Director do nosso jornal:

«Relativamente a um artigo assinado por José Vilas Monteiro e publicado nas págs 6 e 7 do "DL" de 25/06/88, com chamada na 1ª página, e referente à empresa "RN Tours Internacional", vem o signatário pedir a V. Exa. que seja desmentida, por ser falsa, uma afirmação nela contida e que envolve o seu nome.

Com efeito, af se afirma (última coluna da pág 6) que "...a situação(...) da empresa (...) era negativa devido a (...) níveis de remuneração (...) e dos 'chief executive officers' (...) e Francisco Pereira Soares) bastante elevados(...)».

Tal afirmação é falsa, já que o signatário exerceu durante pouco mais de três meses aquela função em acumulação com a de procurador-gerente da "RN Tours Lda", apenas recebendo o vencimento referente a este cargo, nunca tendo portanto recebido qualquer remuneração pelas funções desempenhadas

na "RN Tours Internacional".

Outros aspectos há no referido artigo que, partindo da denúncia de factos eventualmente verdadeiros, acabam por envolver por caminhos subjectivos e de certo "soprados" por partes interessadas, envolvendo mesmo em suspeição pessoas e estabelecendo ligações que pareceriam fantasiosas se não fossem deliberadas e perigosas (...)

Nota da Redacção - Era do conhecimento do «DL» o tempo da estadia de Fernando Pereira Soares na RN-TI (a sua demissão data de 2 de Agosto

de 1985).

Na nossa reportagem cita-se claramente a fonte da informação publicada: um relatório elaborado pela equipa de procuradores-gerentes da RN-TI, em que se referencia como CEO Francisco Pereira Soares, e se afirma:

«A situação geral da empresa nos EUA é negativa fruto da imagem criada num passado recente, de uma facilidade de gestão difícil de compreender, que só os CEO e o President passados, poderão explicar na sua qualidade de responsáveis pela gestão da empresa. As

transferências de fundos interempresas, para investimento ou para gastos de exploração, os acordos entre empresas, os níveis de remuneração, nomeadamente, do President e CEO, as despesas de representação e seus montantes, constituem situações difíceis de entender à luz de uma gestão normal pautada pelos resultados dessa gestão.» Os sublinhados são da responsabilidade do «DL».

Quanto ao último parágrafo da carta, só podemos dizer que a opinião de Francisco Pereira Soares é livre.

Claro que é um investimento (aqui é floricultura)

"ONÁSSIS & ROUSSELL" PROPÕEM-SE TRANSFORMAR MIRA EM "JARDIM"

Cerca de 3 milhões de metros quadrados de terreno do concelho de Mira deverão estar transformados em 1991 num enorme «jardim».

Um consórcio, onde avultam os nomes de Philippe Roussel e Cristina Onáassis, propõe-se transformar a «face» deste concelho do litoral do distrito de Coimbra, que há poucos anos esteve em «pé de guerra» devido à propalada instalação de uma central nuclear no seu território.

O projecto, que aguarda apenas algumas «luzes verdes» para começar a ser aplicado no terreno, poderá arrancar no último trimestre deste ano, confirmou o presidente da Câmara de Mira, Rocha de Almeida.

Banhado por uma das melhores praias da região, o concelho de Mira será, porventura, mais conhecido num futuro próximo pelas suas aptidões para a floricultura.

O consórcio que tem em mãos este projecto pretende atingir uma produção anual de 10 a 15 milhões de plantas envasadas e de 5 a 10 milhões de plantas de

raiz nua ou em torrão.

Para isso vai começar por utilizar uma área com cerca de 300 hectares de terreno, tomado de arrendamento à câmara municipal e afecto actualmente aos Serviços Florestais.

A concretização plena deste projecto assegurará, numa primeira fase, receitas anuais da ordem dos 2,5 milhões de contos, passando, numa segunda fase, para cerca de 4 milhões de contos.

A produção destina-se em cerca de 90 por cento à exportação (ao que deverá corresponder perto de 30 por cento do mercado mundial nesse sector) e o restante ao mercado nacional, suprimindo praticamente as actuais necessidades de importação.

Para colocação do produto nos mercados, o consumo de vasos de plástico por ano rondará os 200 milhões de unidades. As necessidades de água por dia são da ordem dos 20 mil metros cúbicos e as necessidades de casca de pinheiro por ano andarão à volta dos 30 mil metros cúbicos.

Os postos de trabalho directos a criar serão cerca de 200 num prazo de dois a três anos, aumentando para a casa dos 300, num prazo de quatro a cinco anos.

Os trabalhadores serão, na sua maioria, operários indiferenciados, estando também prevista a admissão de 30 operários qualificados, 10 quadros médios portugueses e sete quadros superiores (entre portugueses e franceses).

O investimento em equipamentos e infra-estruturas é de, aproximadamente, 1,5 milhões de contos.

O projecto, que por razões climáticas tem de ser desenvolvido numa faixa que diste entre quatro e 15 quilómetros do mar, contempla a introdução de tecnologia de ponta, que poderá beneficiar o conjunto da agricultura portuguesa.

Neste domínio, está prevista a criação de dois laboratórios de pesquisa.

Assumindo-se como «não-concorrentes» com empresas portuguesas, os promotores

desta iniciativa fazem questão de sublinhar o carácter «eminentemente ecológico e não-poluente» da sua actividade e prometem enriquecer a flora portuguesa com a introdução de duas mil espécies.

Prometem igualmente apoiar os produtores locais, permitindo-lhes acesso aos mercados europeus, e estimular os produtores portugueses a aplicarem as normas de qualidade europeias.

Para pequenas empresas locais que trabalharão em regime de contratos de produção garantem a criação de «centenas de postos de trabalho».

Em conjugação com a criação deste horto, o mesmo consórcio propõe-se contribuir para a criação de um jardim botânico, a funcionar na dependência da Câmara Municipal de Mira.

Para esse jardim botânico, o referido consórcio garante o respectivo projecto, gratuitamente, e 15 mil árvores de 5 mil espécies diferentes, três mil das quais não existentes em Portugal, revelou Rocha de Almeida.

PS quer coordenação e clareza na zona ribeirinha

O PS discutiu, no Largo do Rato, o problema da zona ribeirinha de Lisboa, com a participação dos seus autarcas e de especialistas independentes, entre os quais o dirigente da Associação de Arquitectos Pedro Brandão, o dirigente dos Amigos do Tejo, Crisóstomo Teixeira, especialista em actividade portuária, e do arquitecto Vasco Mas sapina.

A necessidade de convivência entre a actividade portuária e a diversificação de outras actividades a instalar foi salientada por Crisóstomo Teixeira que também alertou para o erro que representa o gigantismo que alguns defendem para as infraestruturas portuárias de Lisboa, conceito que a realidade está a contrariar.

Do debate resultou a ideia da necessidade de encontrar mecanismos de diálogo institucional entre as diversas entidades com interesse ou participação na zona ribeirinha: Câmara de Lisboa, Administração do Porto, Património Cultural, Carris, CP. Este diálogo deve chegar ao conhecimento da opinião pública «evitando a forma sigilosa como por vezes estas ques-

tões se resolvem», sublinhou-se.

Pedro Brandão referiu que «as ideias não são exequíveis sem um binómio importante: investimento e projectos de qualidade», tendo Vasco Mas sapina defendido a ideia de que o Tejo é o grande monumento de Lisboa e a frente ribeirinha é uma parte do centro da cidade.

Incêndio reduziu a cinzas barracas de pescadores

Tragédia rondou porto de abrigo de Sesimbra

Motores de barcos, motorizadas, latas de gasóleo, redes e diversos aperechos de pesca desapareceram, ontem à tarde, em poucos instantes na voragem das chamas que destruíram mais de duas centenas de barracas de pescadores, junto ao porto de abrigo de Sesimbra. O incêndio terá sido provocado por mais faúlha, quando um pescador assava sardinha. A rapidez dos bombeiros impediu que as chamas ganhassem maiores proporções. A carrástrofe chegou a estar à vista, segundo testemunhas oculares e depoimentos de alguns bombeiros.

O comandante dos BV de Sesimbra, Ângelo Gaspar, orientou as operações de ataque ao fogo, durante cerca de cinco horas, com o apoio de carros de água dos bombeiros do Seixal, cacilhas, Almada e barreiros, corporações que destacaram alguns dos seus homens para o local. Entre as 16 e as 21 horas, duas centenas de bombeiros combateram as chamas, ante a curiosidade de inúmeros populares que, naturalmente, acorreram ao local, sobretudo os ocupantes do parque de Campismo de Sesimbra, que fica a escassos metros do porto de abrigo. Aliás, a segurança do próprio parque chegou a preocupar os bombeiros.

As imediações do porto de abrigo de Sesimbra constituem uma espécie de «barril de pólvora», como se diz naquela vila, uma vez que cada uma das mais de duas centenas de barracas guarda, normalmente, um ou mais motores, bem como gasóleo para barcos. Há muito que se receava uma situação como a de ontem, que felizmente não teve consequências graves, porque as explosões não provocaram mortos. Houve muitos pescadores que ficaram mais pobres, pois perderam tudo o que recolhiam nessas barracas, em poucos minutos reduzidas a cinzas.

Não têm conta as explosões que se ouviram, depois da primeira, em número igual aos latões de gasóleo e motores guardados nessas barracas.

TRIBUNAL CÍVEL DA COMARCA DE LISBOA 1.º JUÍZO

Por este Tribunal correm editos de 30 dias, que começarão a contar-se da 2.ª e última publicação do anúncio. Citando os réus para no prazo de dez dias, findo o prazo dos editos, contestarem a acção, sob pena de poderem vir a ser condenados no pedido que, em extracto, é o seguinte: no pagamento à autora da quantia de Esc. 185 857\$00, de prémio e juros vencidos, bem como os juros vencidos à taxa legal, sobre a quantia de Esc. 127 933\$00, com custas a seu cargo. Acção sumária n.º 3148 3.ª secção. Autor C.ª Seguros Império.

EP., com sede na R. Garrett, 56 em Lisboa. Réu JOSE MARQUES MIRA, maior, residente que foi na Urbanização Terplana, lote 27-3.ª A — RANA — Parede.

Lisboa, 15 de Julho de 1988.

O Juiz de Direito,
Jorge Paixão Pires

Pel'O Escrivão de Direito,
Vitor Fernandes Dias

«DL» 23/7/88 — 2.ª Pub.

Há dificuldades de abastecimentos em Cabo Verde? Há sim, senhores. Quais? Quase todas. Recentemente, por lá estivemos, em viagem oficial mas que deu para entrar um pouco no que se come por estas bandas, apesar das referidas carências. E, tome-se ainda em conta o sonho generalizado das lagostas em fila, há algo mais com que poderemos bater-nos à mesa. Vejamos.

PORTUGUESES INVADEM PRATOS DE CABO VERDE

Rogério Vidigal

Comecemos por uma notícia curiosa depositada pela Lusa nas mesas das redacções. É que, diz o telex, «o primeiro restaurante que se reclama especializado em cozinha portuguesa abriu esta semana na Cidade da Praia, sob a direcção de Correia Pinheiro, um português de 43 anos, dos quais 12 passaram em Cabo Verde».

Ora, acontece que nestas páginas (17/6/87) já escrevemos sobre culinária/gastronomia africanas em geral e caboverdiana em geral. Insistimos em que, naturalmente, mesmo as maiores discrepâncias aparentes têm, na maioria dos casos, origem nos hábitos introduzidos pelos portugueses e caldeadas pelas misturas de povoadas das ilhas em questão.

Dá que quase tudo o que por ali se encontra seja mais ou menos, ainda, legitimamente português. Pelo menos «aquele português». Claro que agora ainda mais caldeado, não só pelas mesmas ou maiores presenças ráticas e nacionais: é que há as tais deficiências de abastecimentos que alteram os hábitos e aguçam os engenhos.

Só que, apesar de todas as dificuldades, algumas delas já vão sendo ultrapassadas localmente pelos caboverdianos, agora tão dependentes unicamente das suas forças quanto é possível a qualquer povo naquelas condições.

Assim, temos que é surpreendente encontrar num fim de tarde, com o mar latejante de «hora di bai» (e «di bem»), um leitão estuando como é raro encontrar em Portugal, aqui donde par-

tiram as caravelas e um pouco daquele «sangue». Estamos num outro restaurante, «O Poeta», agora a enfrentar a concorrência deste «Telheiras», onde outra grande surpresa era, exemplificando, um rosbife com categoria de fazer corar muita gente que anda pelas cozinhas cá deste rectângulo. Com o reforço de que se tratava, nesse caso, de carne nacional, criada ali a poucos quilómetros, numa estação experimental (S. Jorge dos Sinos).

Excelente, esse rosbife, em todos os pormenores que

não só respeitavam à qualidade da carne. Era a mão sábia da senhora que não hesitou mesmo em dar a cara quando necessário foi trazer mais.

Mas igualmente reflexo de grande mão era tudo o que completava aquela mesa: os rissóis, os croquetes, a «caldeirada» de lagosta apesar de aí se notar alguma confusão... porque lhe chamavam de «suada» (e também não era «caldeirada», anote-se).



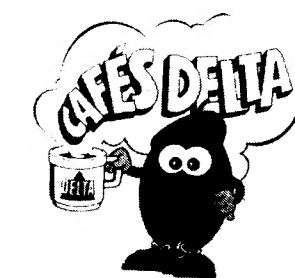
Ah, as lagostinhas e aqueles percebes!

Mas não é tudo — há mais do que «O Poeta». Restaurantes de hotéis asseguram os prazeres mínimos da mesa, um outro, «O Careca», assegura quase em permanência um prazer mariscal que muita gente esquece por causa da verdadeira mania que a lagosta constitui para todos os visitantes. Falamos dos percebes, como já se percebeu.

Aí se encontram uns espécimes como a maioria dos portugueses nunca viu ou de que já não se recorda. É que, neste caso, trata-se mesmo de percebes, com tamanho de adultos e crescimento em águas favoráveis. Sobre os preços, estamos falados. Não há concorrência cá pela terra-pátria.

Mas aí, igualmente, alguns pratos que fazem recordar, de algum modo, as receitas originais levadas pelos portugueses.

Uma saltada a S. Vicente saldou-se, em termos gastronómicos, em algumas provas no grande hotel local. De realçar aquele que tem por base uma das matérias-primas mais legítimas, proveniente do mar. Trata-se de uma garoupa (peixe — espécie caboverdiana) que conhecíamos de «lendas» familiares». A similitude com



as que por cá custam todos os olhos é relativa. Mas, no caso, com aquela preparação de forno, era uma verdadeira delícia. Muito superior à lagosta que povoava as travessas, trabalhada sob a forma de recheio. Asseguro.

Louve-se, pois, esta qualidade, relativa embora, que as gentes de Cabo Verde ainda preservam. Natural, em absoluto, no caso da cachupa ou de outros pratos crioulos. De realçar quando as tradições sobrevivem ou não se adaptam sob a forma de pratos absolutos às condições e gostos vigentes, seja qual for a razão.

Tudo com o pano de fundo de um país repartido em ilhas rasas de vento e calor, verde rarefeito, água tão preciosa que a sua má qualidade generalizada nem sequer é importante.

Também é defesa de uma cultura, da forma de sentir de um povo. Palmas.

Artesanato e gastronomia na Região de S. Mamede entre os dias 23 e 30

Gastronomia (e artesanato) de Portalegre, região, é a temática para uma feira realizada por iniciativa da respectiva Comissão Regional de Turismo, entre os dias 23 e 30, este ano na vila de Marvão.

As duas apostas, gastronomia e artesanato, são paralelas. Mas, sem dúvida, aliciantes são as referências para a mesa, algumas delas proibitivas para esta época do ano: desde as açordas à sopa de cação, passando pelas migas de pão com costado frito, as migas de batata com sardinhas fritas, a chispalhada com feijão branco, a alhada e o escabeche de cação, a sopa de sarapatel.

Mas não se fica por aqui o enunciado da Comissão de Turismo, em termos de riqueza gastronómica. O «programa das festas» inclui ainda os peixinhos de coentrada de Alter do Chão, o gaspacho e as carpas grelhadas de Arronches, a sericaia de Campo maior, as boleimas de Castelo de Vide, o tecomleco do Crato, o arroz de lampreia do Gavião, as sopas de miúdos de Marvão, os toucinho do céu e doce de ovos de Portalegre, o queijo de Nisa. Caça, também, como as perdizes e lebre de coentrada, além dos enchidos e aquele pão que o Alentejo tem.

No caso presente, sob a forma V Feira de Artesanato e Gastronomia da Região de Turismo de S. Mamede, participam os concelhos que a constituem tendo este ano como concelho anfitrião o de Marvão. Por cada dia do certame será dada a oportunidade a dois dos concelhos da região, sempre ao jantar, uma vez que a feira apenas funciona depois das 19 horas.

Claro que para os interessados nestas andanças, há todo um roteiro possível em caso de deslocação: desde Castelo de Vide, uma das mais lindas terras do Alentejo, até Marvão, ali a poucos quilómetros muito há para ver e aprender.

O português prometido em Cabo Verde

O novo restaurante da Cidade da Praia, assumidamente português, tem capacidade para 60 pessoas e gerência da mulher do seu fundador, segundo o despacho da Lusa a que nos referimos.

Continuamos com a referida fonte e para o jornalista da Lusa remetemos a responsabilidade da informação: «O restaurante 'Telheiras' caracteriza-se pela grande simplicidade e pelos pratos que, em princípio, vão matar as saudades dos cerca de 300 portugueses que constituem a comunidade lusitana em Cabo Verde».

Mais, segundo o despacho em apreço: «Dobrada à norteña, cozido à portuguesa e bacalhau de várias maneiras, desde o 'Gomes de Sá' ao 'cozido com todos', são algumas das especialidades a partir de agora à disposição dos clientes por preços que oscilam entre os 600 e os 700 escudos portugueses».

O proprietário, esse, tem a sua história de ligação às paragens onde se encontra. O relato da Lusa dá-nos conta de que «descobriu Cabo Verde quando cumpria o serviço militar» e «está muito ligado ao país onde se tornou conhecido como comentador desportivo».

Depois, o lado absolutamente original: o fado. É verdade, pelo menos como promessa. Há fados e tudo, cantados por caboverdianos! (e sempre que possível portugueses).

É verdade que já existe na Cidade da Praia um restaurante chinês. Vimo-lo de passagem. Mas este é o primeiro a reclamar-se de português...



RESTAURANTE
PIZZERIA - BAR

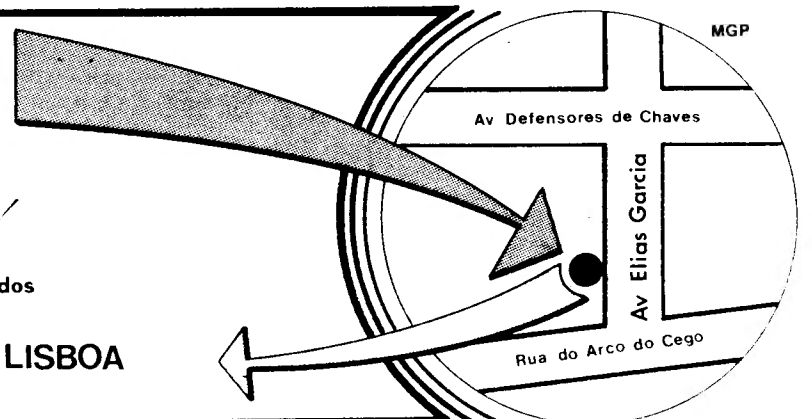
AQUI

... requintadamente seu!

ENCERRA aos Domingos e Feriados

Avenida Elias Garcia, 13 - 1000 LISBOA

77 70 77 / 94



Mira Amaral prefere jogar à defesa

"NÃO FAZ SENTIDO UMA LÓGICA OFENSIVA" PARA A POLÍTICA INDUSTRIAL PORTUGUESA

O ministro da Indústria e Energia defendeu ontem que, na condução da política industrial portuguesa, «não faz sentido seguir uma lógica ofensiva» que se traduza na preferência por determinados sectores de actividade económica em detrimento de outros. Mira Amaral falava numa conferência de imprensa inicialmente destinada a fazer o balanço de um ano de governação na área da indústria e energia, mas onde a actuação futura do seu ministério acabou por ser o centro das atenções.

O PEDIP - Programa Específico de Apoio à Indústria portuguesa, é claramente o instrumento em que o Governo aposta para promover a competitividade do tecido industrial português até final de 1992. O regulamento deste programa comunitário foi aprovado no Conselho de ministros da Indústria da CEE de 24 de Junho último, facto que levou Mira Amaral a comentar que o PEDIP só existe desde aquela data.

Uma semana e um dia depois de 24 de Junho, entrou em vigor o primeiro programa inserido no PEDIP, visando a reestruturação do sector de lanifícios. O seu objectivo é incrementar a competitividade do sector através da modernização das suas estruturas, sem aumento da capacidade produtiva global e reduzindo ao mínimo os custos sociais. Os restantes programas do PEDIP deverão estar operacionais ainda este ano, mas nunca antes de Setembro porque, como justificou Mira Amaral, «Agosto é tradicionalmente um mês de actividade pouco intensa».

Interrogado sobre se a implementação do PEDIP teria preocupações de ordem sectorial e nessa medida poderia vir a melhorar a especialização industrial da economia portuguesa, Mira Amaral manifestou a opinião de que se deve ter uma «lógica defensiva» na condução da política industrial. Essa «lógica defensiva» traduz-se, segundo Mira Amaral, em «apostar nas empresas que existem, na sua modernização acelerada». Se a maior parte dos programas inseridos no PEDIP se orientam para as chamadas indústrias tradicionais, isso deve-se ao facto de a maior parte do tecido industrial existente se encontrar aí localizado, comentou Mira Amaral. O alargamento da base industrial (que também é objectivo do PEDIP) pode fazer-se com base na introdução de novos processos e novos produtos, não existindo a preocupação expressa de partir para novos sectores de actividade.

Outro assunto abordado na reunião com os jornalistas foi a

possibilidade de produção independente de electricidade. Mira Amaral considerou que as respostas já dadas pelos agentes económicos no pouco tempo decorrido desde a aprovação da medida legislativa que abre esta possibilidade, «excederam as expectativas». Existem já intenções de investimentos que totalizam cerca de 300 MW. «Com a mobilização de um conjunto de pequenos produtores de electricidade, evitamos de EDP investimentos vultuosos que iriam degradar ainda mais a sua situação financeira, sublinhou Mira Amaral. O secretário de Estado da Energia, Nuno Ribeiro da Silva, também presente na reunião, apontou a possibilidade de algumas grandes empresas virem a produzir electricidade para si próprias, diminuindo a sua factura energética e eventualmente vendendo excedentes para a rede pública. Destacou também o impacto positivo que pode ter a procura de bens e serviços necessários para montar as futuras unidades privadas produtoras de electricidade.

1992 não é o princípio, é o fim

Para as empresas públicas que se encontram sob a sua tutela, Mira Amaral defende uma profunda reorganização com vista a enfrentarem com êxito o quadro aberto e altamente concorrencial do Mercado Único Europeu. «O sector público não pode ficar isolado ou imune à crescente internacionalização da nossa economia e aos comportamentos das empresas estrangeiras que operam nos sectores onde existem empresas públicas», sentenciou Mira Amaral, que alertou: «1992 não é uma data a partir da qual se irá iniciar um conjunto de acções; 1992 é o fim de um processo de lançamento de um mercado único».

O ministro considerou fundamentais para a reorganização das empresas públicas a alteração à Lei de delimitação dos sectores e a assumpção pelo Tesouro de parte dos passivos da Quimigal, Setenave e Siderurgia Nacional - duas iniciativas



legislativas do Governo já aprovadas na Assembleia da República.

Mira Amaral citou uma série de empresas em reorganização. À cabeça surge a Quimigal, que verá dívidas suas resultantes de apostas falhadas na década de 70 serem absorvidas pelo Estado, após o que passará a sociedade anónima e a empresa «holding», começando a autonomização de vários dos seus negócios. Na Siderurgia Nacional o Estado irá absorver parte do passivo e estão em curso os investimentos constantes do mini-plano siderúrgico.

Logo que seja promulgada a nova Lei de delimitação de sectores, o ministério da Indústria e Energia iniciará um processo de consultas com vista à exploração privada do complexo CNP (Companhia Nacional de Petroquímica) e EPSI. Dessas consultas deve resultar também o saneamento financeiro da CNP. Em relação à Fábrica Escola Irmãos Stephens, Mira Amaral considerou estar-se perante uma «actividade altamente concorrencial em que o Esta-

do não tem nada a oferecer, apenas sabe cobrir défices de exploração usando o dinheiro dos contribuintes». A gestão privada da Fábrica Escola será a solução a adoptar.

Em relação à Setenave, o Estado assumirá parte do passivo da empresa e tentará racionalizar, em conjunto com a Lisnave, o sector da grande reparação naval, bem como «tentar salvar o que for possível» da parte de montagem naval - uma vez que a Setenave actualmente não faz construção naval. A Setenave também terá uma gestão privada, sendo previsível a libertação de um número indeterminado de trabalhadores. Por último, Mira Amaral referiu-se à EDP, que irá ser sujeita a «uma cura de emagrecimento», restringindo-se à sua função de operador eléctrico, abandonando o gás de cidade e outras actividades não essenciais ao sector eléctrico, desinvestindo em activos não necessários ao seu objectivo principal e encarando a possibilidade de libertar pessoal excedentário.

Miguel Beleza diz que a economia está "de saúde"

O vice-governador do Banco de Portugal, Miguel Beleza, afirmou no Funchal que a economia nacional está de «boa saúde».

Acrescentando que de momento «não existem problemas agudos que requeiram tratamentos de choque na economia portuguesa» sublinhando que «ela atravessa um período de convalescença, diria mesmo de recuperação, depois de períodos difíceis repetidos ao longo dos últimos doze anos».

Miguel Beleza participava no Funchal num seminário destinado à análise da situação económica nacional, promovido pela Câmara de Comércio e Indústria da Região Autónoma da Madeira.

Sublinhando que o «crescimento rápido, mais rápido do que o dos nossos parceiros europeus, e a desinflação» são os dois principais objectivos da política económica portuguesa «porventura difíceis de conciliar». Aquele economista disse ser «notório o aumento do bem-estar da população, expresso no crescimento do consumo em 1986 e 1987 a níveis superiores aos registados nos doze anos anteriores».

Referindo que em Portugal a inflação «não está aos níveis que desejamos e queremos», Miguel Beleza acrescentou que «o emprego tem crescido e o desemprego situa-se em cerca de 6 por cento, o que é baixo em termos europeus».

Admitindo que o crescimento do investimento atingirá em 1988 níveis idênticos aos registados no ano anterior, Miguel Beleza acrescentou que «o ritmo do crescimento da procura interna em Portugal não é sustentável, aos níveis actuais, por muitos mais anos».

Na sua comunicação, Miguel Beleza manifestou-se contrário à desvalorização do escudo «por não ser uma opção aplicável e por ser contraditória com os objectivos de desinflação».

Defendeu o aumento da competitividade e dos investimentos produtivos privados, sublinhando que os empresários «devem investir onde entenderem que é produtivo, devendo nesta matéria as autoridades financeiras, o Estado e o Banco central ter uma palavra limitada, ou seja, permitindo o investimento e criando condições para tal».

Beleza considerou a redução do défice orçamental do Estado uma das condições indispensáveis para viabilizar o crescimento, referindo a propósito que, neste domínio, os resultados verificados em 1987 e 1988 relativamente aos anos anteriores «não serão ainda os que desejaríamos».

Referiu serem as privatizações «fundamentais», principalmente para «incentivar a concorrência, amortizar os encargos da dívida pública e evitar decisões erradas em matéria de investimento».

«Se alguns dos elefantes brancos existentes em Portugal não fossem pagos pelos contribuintes, ou não teriam nascido ou não teriam crescido», disse.

A concluir, o vice-governador do Banco de Portugal defendeu a necessidade do sector bancário português se preparar para os desafios resultantes do Mercado Único Europeu, admitindo a introdução de alterações «previstas e desejáveis» no sistema de controlo monetário português actualmente administrado pelo Banco central.

COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)		
COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	52\$85	58\$85
ALEMANHA FED. (marco)	80\$35	81\$55
ÁUSTRIA (xelim)	11\$45	11\$65
BELGICA (franco)	3\$645	3\$891
BRASIL (cruzado)	\$438	\$738
CANADA (dólar — notas de 1 e 2)	123\$70	126\$20
(notas de 5 a 1000)	124\$20	126\$70
DINAMARCA (coroa)	21\$10	21\$50
ESPAÑA (peseta)	1\$181	1\$301
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	148\$05	151\$55
(notas de 5 a 1000)	148\$55	152\$05
FINLÂNDIA (marka)	33\$85	34\$45
FRANÇA (franco)	23\$80	24\$50
HOLANDA (florim)	71\$20	72\$30
IRLÂNDIA (libra)	217\$25	221\$25
ITALIA (lira)	\$099	\$114
JAPÃO (iene)	1\$077	1\$132
NORUEGA (coroa)	22\$10	22\$60
REINO UNIDO (libra)	255\$90	260\$40
SUÉCIA (coroa)	23\$35	23\$85
SUIÇA (franco)	96\$55	98\$05
VENEZUELA (bolivar)	3\$944	4\$944
OBSERVAÇÕES:		

1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil.



Estragos causados pela explosão ontem, em Beirute, de um carro armadilhado. O atentado provocou dez mortos e vários feridos.

Mais de 500 cientistas biomédicos assinaram um compromisso de não envolvimento na pesquisa ou ensino, conducentes ao desenvolvimento de armas químicas ou biológicas, foi anunciado em Washington. Em conferência de Imprensa, os cientistas, norte-americanos e estrangeiros, afirmaram que os Estados Unidos tencionam usar um local do Utah para testes biológicos, o que vai contra um tratado assinado em 1972 entre os EUA, a União Soviética e 100 outros países. Este tratado proíbe todo o desenvolvimento, produção e armazenamento de armas biológicas. "Não restam dúvidas de que, se o complexo de Dugway for construído, a convenção de 1972 sobre armas biológicas será seriamente abalada, se não incapacitada", disse Cedric Davern, professor de biologia da Universidade do Utah.



O Primeiro-Ministro francês Michel Rocard ga Norodom Sihanouk o interesse do seu país na solução da crise em Camboja. Na foto, Rocard e Sihanouk, no encontro em Paris.

A reforma económica na URSS

Os melhores resultados obtidos no primeiro semestre deste ano pelas empresas que trabalham de acordo com o novo regime de autogestão e autofinanciamento mostram que são correctas as principais orientações da reforma económica na URSS, declarou Nikolai Belov, primeiro vice-presidente do Comité Estatal de Estatísticas da URSS, ao fazer a apresentação pública dos resultados económicos da primeira metade do ano.

O funcionário soviético, que em conferência de Imprensa revelou ter a produção industrial crescido neste primeiro semestre 4,7 por cento, e a produtividade do trabalho 5,5, considerou ter-se dado início ao saneamento da situação económica do país, tendo sido cumpridas as principais tarefas do plano. Outro ponto destacado por Belov foi o crescimento da «orientação social» do desenvolvimento económico, traduzido no facto de o aumento da produção de artigos de amplo consumo ter ultrapassado em 50 por cento o acréscimo do fabrico de meios de produção.

Por outro lado registaram-se «progressos agradáveis» na construção habitacional, cujo plano foi ultrapassado, e as receitas monetárias «per capita» cresceram 5 por cento, mas Belov não adiantou quaisquer dados sobre a inflação no país.

Conversações Gorbachev-Nakasone falham

As conversações ontem realizadas entre o líder soviético Mikhail Gorbachev e o antigo primeiro-ministro japonês Yasuhiro Nakasone não conduziram a qualquer progresso na disputa territorial que divide os dois países. Gorbachev, citado pela agência noticiosa soviética Tass, alertou Nakasone para que o Japão nada conseguirá se prosseguir a sua política de «exigências e aproximações tipo ultimatum». Nakasone confirmou à televisão soviética que não houve acordo acerca da questão da ocupação por parte dos soviéticos de algumas ilhas do norte do Japão desde a segunda Guerra Mundial. Gorbachev, que se reuniu com o antigo líder japonês por mais de duas horas e meia, afirmou esperar melhores relações com o Japão e ir considerar a hipótese de se deslocar ao Japão. Ambos confirmaram a visita ao Japão, no final do ano, do ministro dos Negócios Estrangeiros soviético, Eduard Shevardnadze. Gorbachev lamentou a falta de progressos da sua política de reformas ou «perestroika» na melhoria das relações com Tóquio e afirmou: «Lamentamos que, ao fim de três anos de «perestroika», durante os quais as relações da União Soviética com muitos países conheceu significativos progressos, o mesmo se não tenha verificado com o Japão com o qual se registaram até alguns retrocessos.»

Amnistia na Tunísia

O governo tunisiano anunciou uma amnistia que libertará 932 pessoas, entre as quais 180 presos políticos, incluindo integristas islâmicos, comunistas e nacionalistas árabes. A medida, adoptada no âmbito da festa muçulmana do sacrifício que se comemora amanhã, também reabilita ou restitui plenos direitos políticos a 1052 ex-infractores da lei, 60 dos quais são sindicalistas, refere a agência noticiosa tunisiana, TAP. Trata-se da quinta grande amnistia anunciada pelo governo desde que o presidente Zine Al-Abidine Ben Ali subiu ao poder, em Novembro, depois do seu predecessor, Habib Bourguiba, ter sido declarado senil e deposto.

Não obstante o Irão e o Iraque terem aceite reunir-se para a semana na ONU

GUERRA NO GOLFO PÉRSICO CONTINUA E TEERÃO APELA À MOBILIZAÇÃO GE

As autoridades iranianas apelaram hoje para que todas as pessoas com treino militar se apresentem nas frentes da guerra com o Iraque a fim de deter a ofensiva iraquiana. A agência noticiosa iraniana (Irna) indicou que o comando geral, o principal órgão militar do país, fez o apelo depois de uma reunião realizada ontem à noite.

O comando geral acusou o Iraque de prosseguir os «actos de agressão», numa altura em que os dois países concordaram em enviar os respectivos ministros dos Negócios Estrangeiros a Nova Iorque, para conversações na próxima semana com o secretário-geral da ONU, com vista a uma solução de paz para a guerra, que dura há oito anos. Tanto o Irão como o Iraque aceitaram

também receber peritos das Nações Unidas, segundo um porta-voz da ONU.

A mesma fonte disse que a missão, chefiada pelo tenente-general Martin Vadset, da Noruega, chegará amanhã ao Irão, onde permanecerá três dias, seguindo depois para o Iraque, via Turquia.

Enquanto prosseguiram na ONU as negociações com am-

bos os lados, o Iraque anunciava vitórias e o Irão apresentava uma queixa formal contra Bagdad no Conselho de Segurança, acusando-o de ter retomado a guerra química, internacionalmente proibida.

A Irna anunciou entretanto que esta manhã as forças iraquianas lançaram um novo ataque em Shalamchah, a oeste de Khorramshahr, indicando que o assalto tinha sido esmagado e repellido pelas tropas de Teerão.

Ontem, o Iraque anunciou ter recapturado territórios perdidos para o Irão no início do conflito, nomeadamente o desfiladeiro de Sanoba e zonas de Saad, nordeste do país.

O regime de Teerão confirmou o recuo, mas acusou Bagdad de utilizar armas químicas, causando a morte de 80 pessoas e ferimentos em mais 800.

A televisão iraquiana pesados combates em terra e no ar, ignorando os esforços das Nações Unidas para implementar um cessar-fogo que ponha termo ao conflito que já causou a morte a mais de um milhão de pessoas.

A televisão iraquiana relatou intensa actividade aérea na zona, afirmando que as forças do seu país lançaram 321 ataques, causando «enormes perdas ao inimigo».

A rádio de Teerão, por seu

URSS reformula proposta para redução de mísseis de longo alcance

A delegação soviética presente às conversações de controlo de armamento em Genebra apresentou uma nova proposta de redução dos mísseis cruzeiro aerotransportados de longo alcance e aerotransportados das superpotências, informou um porta-voz soviético.

Reformulamos toda uma linguagem no sentido do entendimento atingido durante a cimeira de Moscovo para a limitação de mísseis cruzeiro aerotransportados de longo alcance e bombardeiros, afirmou o porta-voz que não revelou os limites propostos.

Esta é uma questão a ser debatida entre as delegações e não a ser tornada pública, acrescentou.

Reagan e Gorbachev, afirma-

ram, na sequência do encontro de Moscovo, que haviam chegado a acordos sobre a limitação dos respectivos arsenais demísseis aerotransportados de longo alcance calculados em 12 000 para cada lado.

As conversações de Genebra cobrem a redução de mísseis de longo alcance de bases aérea, terrestre e naval.

Não foi possível obter confirmação por parte da delegação norte-americana da proposta soviética.

Inspectores soviéticos rejeitados pela EUA

Os EUA rejeitaram oito dos 200 inspectores propostos numa

lista da União Soviética para verificação do tratado para eliminação dos mísseis de médio alcance, por suspeita de pertencerem ao KGB, afirmaram funcionários da administração norte-americana.

Os funcionários, que pediram para não serem identificados, confirmaram um artigo do «Los Angeles Times», segundo o qual os oito homens foram rejeitados de uma lista de inspectores residentes proposta pelo governo soviético, em Junho.

A acção foi tomada no início deste mês, antes do começo das inspecções. Estávamos perfeitamente conscientes do nosso direito de cortar nomes da lista fornecida pelos soviéticos, afirmou um dos funcionários.

Colômbia vai n paz com rebel

O presidente colombiano, Virgilio Barco, afirmou que o governo estará presente a uma ronda de negociações com a guerrilha, líderes religiosos e organizações sociais e políticas do país.

O governo havia anteriormente afirmado que o diálogo nacional com os rebeldes do M-19 haviam postergado, mas o líder político Alvaro Gomez Hurtado, ocorreu de dois meses de cativo.

«O partido governamental participou num comunicado da Presidência. «Para que este diálogo se mostre útil e realista.»

Os rebeldes do M-19 haviam, raptado, forçado o governo a estar presente a negociações. Líderes políticos, económicos e eclesíasticos com os rebeldes a semana passada na realização do encontro a 29 de Julho, tação de Hurtado.

Soviéticos moderadamente satisfeitos com plataforma eleitoral de Dukakis

A plataforma eleitoral do Partido Democrático dos EUA, aprovada no Congresso em Atlanta, que escolheu Michael Dukakis como candidato do partido à presidência dos EUA, contém elementos positivos no que diz respeito às perspectivas do desenvolvimento das relações sovieto-norte-americanas, declarou Vadim Perfiliev, chefe do Ministério dos Negócios Estrangeiros da URSS, num «briefing» para a imprensa. Perfiliev sublinhou que a linha de continuação das conversações com a URSS sobre os problemas da segurança, defendida pelos democratas, corresponde aos interesses dos dois países e de toda a Humanidade.

Em termos gerais, a plataforma eleitoral dos democratas demonstra que, no seio deste partido, a ideia da melhoria das relações sovieto-norte-americanas e de cooperação construtiva entre os dois países e povos goza de amplo apoio, considerou.

Ao mesmo tempo, Perfiliev criticou os democratas por serem por toda a parte uma ameaça aos interesses norte-americanos vinda da URSS. Talvez de devam a isso, opinou Perfiliev, os apelos a manter posições de força na política externa dos EUA, assim como o facto de, durante os debates no Congresso, ter sido rejeitada a proposta de que os EUA assumam o compromisso de não re-

correr em primeiro lugar ao golpe nuclear.

Convenção termina em festa

Michael Dukakis, ao aceitar a nomeação como candidato do Partido Democrático a presidência como filho de imigrantes e produto do sonho americano, afirmou que «a era Reagan terminou e uma nova era está prestes a começar».

«Vamos ganhar porque somos o partido que acredita no sonho americano», afirmou Dukakis, de 54 anos, na sessão de encerramento da Convenção Nacional do Partido Democrático, em Atlanta. «Eu sei, porque sou um produto desse sonho».

Milhares de exuberantes dele-

gados soltaram exclamações e acenaram com bandeiras norte-americanas e com cartazes de Dukakis, enquanto o candidato, a sua mulher, Kitty, e outros líderes partidários se juntaram no palco do centro de convenções OMNI.

Com o pregador negro Jesse Jackson, o último desafio à nomeação de Dukakis, ao lado dos outros dirigentes, o partido pôde demonstrar um grau de unidade inesperado devido às lutas internas nos últimos anos.

Doces e balões «choveram» do tecto enquanto vários grupos tocavam uma sucessão de marchas. Delegados divertidos empurravam os balões novamente para o ar com chapéus de palha.

Dukakis, que tinha assistido às sessões prévias pela Televisão na sua «suíte» de hotel, fez a primeira aparição na convenção para discursar, depois de os delegados terem aprovado a sua selecção do senador do Texas Lloyd Bentsen para candidato à vice-presidência.

Dukakis, que prometeu manter os Estados Unidos fortes em termos militares, elogiou a acção do presidente Ronald Reagan por ter criado condições com vista a profundas reduções de armas nucleares.



Michael Dukakis e Lloyd Bentsen acenam aos delegados no final da convenção do Partido Democrático norte-americano.

Papa presta homenagem "à grandeza do testemunho" de Nelson Mandela

O Papa João Paulo II prestou tributo à «grandeza do testemunho» de Nelson Mandela, o dirigente do Congresso Nacional Africano (ANC) encarcerado há 26 anos e a cumprir prisão perpétua na África do Sul.

O Sumo Pontífice manifestou também a esperança de que termine em breve a guerra entre o Irão e o Iraque, que «tem custado tantas vítimas, tantos massacres e durado tanto tempo».

João Paulo II falava a cinco jornalistas italianos e a um correspondente da Reuter, no jardim de uma casa nos Montes Dolomitas, Norte de Itália, perto da Áustria, no último dos seus dez dias de férias na região.

Expressando a sua admiração por Mandela, que na segunda-feira passada fez 70 anos, o Papa disse que o líder negro é «um homem que sofre tanto pelos direitos do seu povo» e «com o seu sofrimento oferece um testemunho ao seu povo, mesmo ao governo sul-africano e ao mundo inteiro».

«Este testemunho, naturalmente, tem um preço elevado, que desperta o apreço de todos quantos se preocupam com os direitos do homem, com os problemas da raça», sublinhou, acrescentando que nestes dias tem pensado em Mandela «de modo especial».

«Todos os homens são iguais, independente-

mente da sua raça», prosseguiu João Paulo II, «desta forma pode ver-se a grandeza do testemunho desta personalidade».

Por conselho do Episcopado sul-africano, o Papa não incluiu a África do Sul, na visita que efectua de 10 a 19 de Setembro a cinco países da África Austral — Moçambique, Zimbábue, Botswana, Lesoto e Suazilândia. Mas disse esperar que um dia possa também visitar aquele país, «onde há muitos católicos, principalmente negros».

Mais de dois terços dos 2,8 milhões de católicos da África do Sul são negros, mas os bispos sul-africanos receiam que o governo explore uma visita papal.

Ainda a propósito do aniversário de Mandela, Vassili Solovnikov, membro-correspondente da Academia das Ciências da URSS e vice-presidente do Comité Soviético de Solidariedade Afro-Asiática, disse, em entrevista à Tass, que os soviéticos apoiam todas as formas da luta justa da população negra da África do Sul pelos seus direitos.

Também o secretário-geral da OUA, Ide Oumarou, assinala em telegrama que «a vontade inquebrantável de Nelson Mandela o transformou não só num herói de África, mas também um símbolo de toda a Humanidade contra o racismo e a opressão».

A SEMANA

Segunda-feira, 18

Teerão ordena cessar-fogo - O Irão ordenou às suas tropas o cessar-fogo, aceitando deste modo a resolução 598 das Nações Unidas. Segundo a agência iraniana Irna, o secretário-geral da ONU, Perez de Cuellar, foi informado desta decisão. Na véspera, o Presidente iraquiano, Saddam Hussein, apelava ao Irão para que aceitasse uma "paz honrosa". Mas a declaração de cessar-fogo pelo Irão surgiu na sequência de uma série de vitórias sobre as forças de Khomeiny e no mesmo dia em que o Conselho de Segurança devia retomar o debate sobre a queixa iraniana contra os Estados Unidos pelo derrube de um avião civil, o qual provocou a morte de 290 pessoas.

Terça-feira, 19

Ataques recomeçam no Golfo - As notícias sobre um ataque iraquiano e a luta de caças ocorridas no golfo Pérsico vieram moderar o optimismo que rodeou a divulgação da aceitação pelo Irão de um cessar-fogo patrocinado pelas Nações Unidas, mostrando os problemas, na prática, da implementação de uma trégua, segundo diplomatas daquela região do globo. Mas o secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, disse esperar que o cessar-fogo pudesse ser implementado no espaço de dez dias. Cuellar acrescentou que iria enviar equipas da ONU para ambos os países para trabalhar numa troca antecipada de prisioneiros.

Quarta-feira, 20

Princípios de paz para Angola - O jornal "New York Times" revelou que os governos de Angola, Cuba e África do Sul ratificaram o acordo de princípios sobre a paz em Angola e a independência da Namíbia, saído da última ronda de conversações quadripartidas realizada a semana passada em Nova Iorque. O jornal, que citava diplomatas estrangeiros não identificados e fontes norte-americanas, referiu que os três países informaram os Estados Unidos ter aceitado os princípios acordados na reunião de peritos presidida pelo secretário-adjunto norte-americano para os Assuntos Africanos, Chester Crocker.

Quinta-feira, 21

O conflito étnico em Nagorno-Karabakh - A população de Nagorno Karabakh iniciou uma greve de fome em protesto contra a decisão do Presidium do Soviete

Supremo da URSS, que reafirmou a sua pertença à república do Azerbaijão. A informação foi dada por um porta-voz do diário "Komunist", órgão do Partido Comunista Arménio, acrescentando que num comício realizado na quarta-feira à noite em Yerevan, capital da Arménia, foi ainda decidida a convocação de uma greve geral de dois dias. A população de Nagorno Karabakh, 80 por cento da qual é de origem arménia, iniciou um movimento de manifestações e greves em Junho, exigindo a sua separação do Azerbaijão e a sua integração na Arménia.

Sexta-feira, 22

A paz no Camboja - A União Soviética e a China concordaram em reunir-se em Pequim, em finais do próximo mês de Agosto, para preparar um acordo de paz para o Camboja, ocupado por forças vietnamitas, informou um alto funcionário norte-americano. Estas conversações, a serem bem sucedidas, poderão remover o último obstáculo à realização de uma cimeira entre os dois países comunistas, afastados por várias divergências. Entretanto o Vietname convidou os EUA a participarem numa busca para encontrar os restos de soldados norte-americanos que desapareceram durante a guerra da Indochina, segundo a rádio de Hanoi.



Rui Barros já está apadrinhado por Dino Zoff

Por um camião de contos

Nosso Maradonazinho bem firme em Turim

Tal como o nosso jornal ontem noticiou, concluíram-se ve-lozmente as negociações para a transferência de Rui Barros, que troca o FC do Porto pelos italianos da Juventus (de Turim) exactamente com a verba que revelámos (600 mil contos) a entrar nos cofres dos «dragões», uma vez que Laudrup (que eventualmente estaria envolvido na operação) recusou vir para Portugal. Rui Barros, que em todas as conversações com o presidente da «Juve» e com o treinador (o antigo guarda-redes «internacional» Dino Zoff) esteve acompanhado pelo presidente portista, Jorge Nuno Pinto da Costa, e pelo empresário Luciano d'Onofrio, vai receber 240 mil contos de «luvas» e, durante quatro anos, cerca de cinco mil contos mensais de vencimento, fora prémios que em Itália (como se sabe) são verdadeiramente milionários.

O nosso «Maradonazinho», que nasceu há 22 anos é solteiro e tem residência no Lordeiro (Paredes), estreou-se nos juniores do FC do Porto, e, sucessivamente, esteve emprestado ao Covilhã e ao Varzim, regressando há uma temporada às Antas, para ser campeão europeu, vencedor da Taça de Portugal, conquistar a Supertaça nacional, e, no Japão, ajudar a sua equipa a obter o título mundial de clubes.

Atletismo: "mundial" de juniores

Os dezasseis para o Canadá

Dezasseis atletas portugueses participam no Campeonato do Mundo de Juniores em Atletismo, que decorre em Sudbury, Canadá, de 27 a 31 do corrente.

Os atletas partem amanhã, acompanhados pelo secretário-geral da Federação Portuguesa de Atletismo, Jorge Salcedo, pelos técnicos João Campos e Isidoro Vieira, e pelo fisioterapeuta Carlos Salvado.

Atletas que integram a selecção portuguesa: Lucrécia Jardim, Rosário Pia, Carla Sarmento, Carlos Fernandes, Ilídio Motta, Carlos Pinto, Baltazar Sousa (Benfica); Teresa Machado, Paulo Estiveira (Sporting); João Amaral (Belenenses); Mónica Gama, Fernanda Ribeiro, Cândido Maia, Vítor Barbosa (Porto); Ana Paula Oliveira (CAP); e Rui Vieira (Futebol Clube da Maia).

Jogos Ibero-Americanos

Tempos-marcas dos atletas portugueses presentes nos Jogos Ibero-Americanos disputados na Cidade do México:

110 metros barreiras (1.ª série): 5.º, João Lima, 13,84 (vento 0,8).

100 metros femininos: 2.ª, Virgínia Gomes, 11,47 (vento 2,4).

100 metros masculinos (1.ª série): 4.º, Luís Cunha, 10,36.

100 metros masculinos (2.ª série): 4.º, Pedro Curvelo, 10,38 (vento 2,7).

400 metros femininos (1.ª meia-final): 2.º, Maria João Lopes, 53,93.

400 metros masculinos (1.ª série): 5.º, Álvaro Silva, 47,41.

400 metros masculinos (3.ª série): 3.º, Filipe Lombá, 46,62.

No salto em comprimento, José Leitão foi oitavo, com 7,38m.

Rosa Mota: ponto final

O Ministério da Educação exprimiu o seu apreço pela decisão tomada pela Federação Portuguesa de Atletismo, relativamente à participação de Rosa Mota nos próximos Jogos Olímpicos de Seul-88.

«Trata-se de uma decisão que honra o superior interesse do desporto nacional e como tal unanimemente reconhecido por todos os organismos relevantes (Federação Portuguesa de Atletismo, Comité Olímpico Português, Direcção-Geral dos Desportos e Ministério da Educação)», refere um comunicado distribuído pelo ME.

O documento sublinha ainda «a disponibilidade evidenciada pela PFA em servir os interesses superiores do desporto português», e «a vontade reiteradamente manifestada pela atleta Rosa Mota em integrar a equipa olímpica nacional e concorrer para o respectivo prestígio».

COLECTIVIDADES

Sacavenense: assembleia

Para eleição dos corpos gerentes para completar o biênio iniciado em 1 de Agosto de 1987 realiza-se na próxima segunda-feira uma sessão da assembleia geral que terá lugar a partir das 20.30 horas na sede social do Sport Grupo Sacavenense — Largo 5 de Outubro.

DESPORTO

Nosso futebol ganhando asas

PORTUGAL NAS MEIAS-FINAIS DO EUROPEU DE JUNIORES

Belíssima proeza dos futebolistas juniores de Portugal: na cidade checoslovaca de Opava, a turma nacional bateu a sua congénere da Holanda (3-0) e, para além de ter passado às meias-finais do campeonato europeu, já ganhou o direito a estar presente no campeonato mundial que no próximo ano (Fevereiro e Março) vai ocorrer na Arábia Saudita.

Uma defesa eficaz e um ataque imaginativo estiveram na base do êxito. Na meia-final, que se disputou em Opava, a equipa portuguesa venceu a selecção de Espanha, que derrotou a Checoslováquia, por 1-0.

Apesar dos três golos obtidos, a equipa portuguesa encontrou na Holanda um adversário perigoso mas, ao mesmo tempo, perdulário e que não contou com a boa exibição realizada pelo guarda-redes Bizarro cuja titularidade chegou a estar em dúvida.

Logo nos primeiros dez minutos, foram os holandeses a criar algumas situações de perigo para a baliza portuguesa, nomeadamente através do seu ponta direita (Marciano Vink) que forçou o guarda-redes Bizarro e o lateral Abel a duas boas intervenções. A velocidade de Vink obrigou também ao recuo do meio-campo português, que conseguiu sustentar a pressão do adversário e passou a reagir com a criação de bons lances de contra-ataque.

Aos 26 minutos (e na sequência de uma das tais jogadas perigosas de contra-ataque) Portugal fez o primeiro golo, obtido por João Pinto que, depois de ter interceptado uma abertura de Resende, driblou o central Kruys e rematou rasteiro, sem hipóteses para o guarda-redes Wimderon. Após o golo, a Holanda tentou de novo assumir o comando da partida, mas foi Bizarro quem se opôs (uma vez mais) à acção ofensiva do adversário. A cinco minutos do intervalo, a selecção portuguesa conseguiu dilatar o resultado para 2-0, mediante a transformação de uma grande penalidade apontada por Valido, a castigar falta sobre Filipe dentro da grande área. Mas a um minuto do intervalo, foi a Holanda quem esteve próximo de reduzir a desvantagem: Bizarro voltou a evitar o golo.

Na 2.ª parte, o contra-ataque lusitano voltou a funcionar muito bem, especialmente após a entrada de Folha para o lugar de Resende, mas o técnico holandês van Lingen respondeu de imediato a Carlos Queirós e Nelo Vingada, trocando uma defesa (Kruys) por um avançado (Alma). A opção de van Lingen fez ainda avançar o guarda-redes Wimderon, quase o colocando numa posição de «libero», mas a turma portuguesa aumentou ainda mais a sua velocidade, na tentativa de surpreender o avanço do adversário no terreno.

Aos 59 minutos, João Pinto (que se revelou como um dos melhores jogadores em campo) esteve à beira do 3-0, mas o seu «chapéu» ao guarda-redes contrário saiu-lhe levemente defeituoso. No minuto seguinte (e



Foi ontem: portugueses levam holandeses de vencida

confirmando a toada de parada e resposta da partida) os holandeses, por intermédio de Lankohr, desperdiçaram uma boa ocasião, quando a bola embateu na trave da baliza de Bizarro. E o 3.º golo de Portugal surgiu aos 74 minutos: produto de mais um lance de contra-ataque. Folha escapou-se à defesa da Holanda e à entrada da grande área rematou forte sem hipóteses para Wimderon.

Portugal acabou por vencer com toda a justiça, se bem que os holandeses possam justificar-se com alguma dose de infelicidade. Na turma holandesa, João Pinto, Bizarro e Valido foram os elementos em destaque, enquanto Bryan Roy, Marciano Vink e Lahckohr foram os jogadores holandeses mais em evidência.

Ponto de vista

O responsável técnico da selecção portuguesa, Carlos Queirós, afirmou que «ambição e disciplina táctica» foram factores decisivos para o triunfo sobre a Holanda. Carlos Queirós considerou o jogo efectuado como muito difícil. «Os nossos jogadores foram obrigados a lutar com coragem e determinação. Utilizámos uma estratégia adequada para vencer esta selecção holandesa e conseguimos (simultaneamente) qualificarmo-nos para o campeonato do Mundo. Mas, no plano imediato o objectivo é ganhar o próprio jogo das meias finais, perante a Espanha».

Depois de sublinhar que Portugal nem sequer era considerado favorito no grupo de qualificação em que estava integrado para este europeu de juniores «A» Carlos Queirós garantiu que os bons resultados já conseguidos apoiaram-se, sobretudo,

Dirigiu o encontro o soviético Alexei Spirin que mostrou o cartão amarelo aos portugueses Abel e Xavier e ao holandês Knippenberg. As equipas:

Portugal: Bizarro; Filipe, Valido, Resende (Folha, 55) e Amaral (Jorge Couto, 78); Xavier, Abel, João Pinto e Fernando Couto; Morgado e Tó Zé.

Holanda: Wimderon; Rob Roest, van Gastel, Fred Kruys (Frans Alma, 58) e de Doer; Alfred Knippenberg, Marciano Vink, Arthur Numap e Lankohr; Tebbenh Off e Bryan Roy.

«na ambição e na disciplina dos jogadores».

Visivelmente decepcionado (no final do jogo) encontrava-se o treinador holandês, Bert Van Lingen, que dirigiu uma crítica discreta aos seus jogadores, por uma exibição que considerou deficiente. No que respeita ao onze lusitano, Ven Lingen elogiou a acção de João Pinto («um jogador maravilhoso»), mas não se mostrou particularmente entusiasmado com a exibição do conjunto lusitano. A explicar (em alguma medida) a «actuação decepcionante» da sua formação, Van Lingen afirmou que Vinke, «talvez a nossa arma secreta, esteve muito abaixo do seu rendimento normal e não fez esquecer Witsche, antes pelo contrário».

Espanha vence Checoslováquia

A Espanha qualificou-se para as meias-finais ao derrotar a Checoslováquia por 1-0, com um tento apontado a três minutos do fim do encontro. As seleções da RDA e da União Soviética vão jogar a outra meia-final, após as vitórias frente à Dinamarca por 2-0 e sobre a Noruega por 4-2, respectivamente.

Os quatro semi-finalistas (Portugal, Espanha, União Soviética e RDA) garantiram já o apuramento para a fase final do Mundial da categoria, que se disputa na Arábia Saudita.

Baixa espanhola

O guarda-redes titular da selecção espanhola (Canizares) vai estar ausente no jogo com Portugal. Canizares lesionou-se no encontro perante a Checoslováquia. O guarda-redes, Pedro influente na equipa, já regressou a Espanha para ser operado a um menisco.

Fórmula Um:

GP da RFA

McLaren domina

sessão de treinos

O piloto brasileiro Ayrton Senna alcançou o melhor tempo da primeira sessão de treinos para o Grande Prémio de Alemanha Federal de Fórmula Um que se disputa amanhã no circuito de Hockenheim, na RFA.

Senna fez a volta mais rápida dos treinos no tempo de 1.44.596 minutos à média de 233,940 quilómetros por hora, seguido pelo seu companheiro de equipa da McLaren, o francês Alain Prost, actual guia do Mundial de Condutores.

Após a desistência de Prost no Grande Prémio de Inglaterra e do domínio da Ferrari nos treinos, a dupla da McLaren regressou à sua rotina habitual de conquistar as primeiras posições na grelha e de se afirmar como a principal favorita para a vitória em Hockenheim.

Os Ferrari de Gerhard Berger e de Michele Alboreto qualificaram-se nas posições imediatas, enquanto o actual campeão do Mundo, o brasileiro Nelson Piquet, apenas conseguiu levar o seu Lotus a fazer o 5.º melhor tempo da sessão.

O italiano Alessandro Nannini, em Benetton, voltou a ser o melhor entre os pilotos que conduzem bólides com motores atmosféricos, ao alcançar o melhor tempo.

Resultados: 1.º, Ayrton Senna, Brasil, McLaren, 1.44.596 minutos, à média de 233,940 quilómetros por hora; 2.º, Alain Prost, França, McLaren, 1.44.873; 3.º, Gerhard Berger, Austria, Ferrari, 1.46.115; 4.º, Michele Alboreto, Itália, Ferrari, 1.47.154; 5.º, Nelson Piquet, Brasil, Lotus, 1.47.702; 6.º, Alessandro Nannini, Itália, Benetton, 1.48.223; 7.º, Ivan Capelli, Itália, March, 1.48.703; 8.º, Thierry Boutsen, Bélgica, Benetton, 1.48.837; 9.º, Satoru Nakajima, Japão, Lotus, 1.49.359; 10.º, Maurício Gugelmin, Brasil, March, 1.49.511.

Ténis: Seruca

"joga" para Seul

O tenista Marco Seruca, do CIF, parte segunda-feira para a Hungria onde vai participar no torneio de apuramento para os Jogos Olímpicos de Seul, a realizar em Budapeste.

A presença de Marco Seruca deve-se à recusa de três jogadores, Cunha e Silva, Nuno Marques e Pedro Cordeiro.

A Federação Internacional de Ténis solicitou, no entanto, que Portugal indicasse um jogador, tendo sido designado Marco Seruca.

Taça Sport Goofy

A dupla holandesa T. Kamstra/L. Niemantsverriet e o par checo constituído por K. Proupova/K. Vlcekova qualificaram-se para a final de pares femininos da Taça Sport Goofy, Campeonato da Europa de Infantis.

As holandesas T. Kamstra/L. Niemantsverriet qualificaram-se para a final, a disputar hoje, ao derrotar a dupla A. Földenyi/M. Zsoldos, da Hungria, pelos parciais de 6-1 e 6-0 enquanto o par checo K. Proupova/K. Vlcekova venceu a dupla jugoslava constituída por Mulet/Kritz Ne por 6-1 e 6-4.

Todos os portugueses que participavam no torneio foram já eliminados.

Graça Oliva: distinções de 1.º plano



O antigo árbitro internacional Graça Oliva foi nomeado director do curso de árbitros da FIFA, a realizar em La Valeta (Malta) de 1 a 6 de Agosto. Antes, Graça Oliva dirige o curso de árbitros para instrutores da Federação Internacional de Futebol (FIFA), em Lucerna (Suíça) de 26 a 29 de Julho. Graça Oliva voltou a ser recentemente distinguido com um louvor da UEFA pelo seu relatório referente ao jogo entre as selecções olímpicas de Espanha e da Irlanda.

Decidido pelo Conselho de Justiça

"CASO N'DINGA" VAI SER REANALISADO

O caso é conhecido por força de, nos últimos dias, constituir tema de acesa controvérsia e conferência de imprensa repartidas por Coimbra e Guimarães. Sustenta a Associação Académica que o jogador zairese N'Dinga foi utilizado irregularmente pelo Vitória de Guimarães e alega este que tudo foi feito de acordo com a regulamentação vigente.

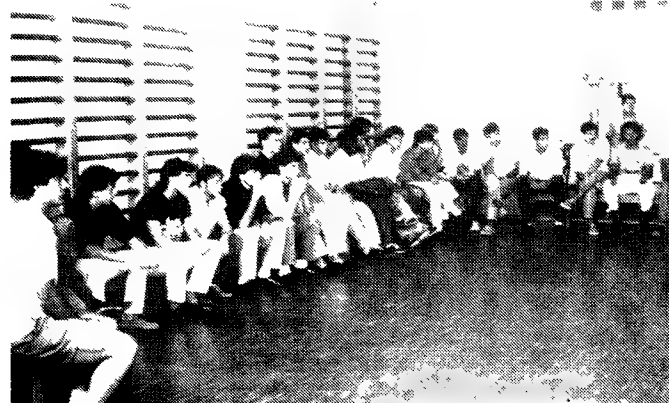
Protestou o clube de Coimbra junto do Conselho de Disciplina que, no dia 9 de Junho, mandara abrir processo disciplinar ao clube minhoto «por eventual utilização irregular» do referido futebolista para, quatro dias depois, ordenar «o arquivamento do processo... por inexistência de ilícito disciplinar». Tal decisão não foi «encaixada» por Jorge Anjinho e seus pares que entenderam recorrer para o Conselho de Justiça pensando

ao processo novos dados recolhidos junto da Federação Zairese e, no final da tarde de ontem, eis a decisão daquele órgão: foi decidido anular a deliberação do Conselho de Disciplina por haver entendido «haver uma grande trapalhada que importava averiguar».

Cumpra agora ao CD retomar o curso das averiguações à luz dos novos elementos constantes do processo. E pronto aqui está um caso análogo ao ocorrido na passada temporada com outro zairese (Mapuata) que esteve na origem do tristemente célebre alargamento como forma de justificar a «reposição da justiça».

Sobre o que sucederá melhor será aguardar. Só esperamos que a FPF não venha a alargar o campeonato para 24 clubes.

AÍ ESTÁ O 'BOAVISTÃO' QUE QUER A EUROPA



Futebolistas axadrezados escutam a voz do presidente Valentim Loureiro

«Querem mandar o Boavista para a 2.ª Divisão, mas não vão conseguir»: «grito de guerra» lançado por Valentim Loureiro aos jogadores, durante a apresentação da equipa «axadrezada» no Estádio do Bessa.

«No ano passado, conseguiram impedir que o Boavista participasse nas competições europeias, mas este ano tudo farão para que seja despromovido» — alertou o presidente «axadrezado». O major Valentim Loureiro insurgiu-se contra a arbitragem, lamentando que «tudo continue mal, apenas com ligeiras maquilhagens para disfarçar». O presidente do Boavista convidou os jogadores a «estarem atentos e contrariarem, dentro das quatro linhas, o que está a ser congelado fora delas», recusando-se (no entanto) a revelar nomes de pessoas ou organismos.

O treinador Pepe apresentou-se mais calmo, perspectivando um ano difícil, embora com a esperança de possibilidade do Boavista efectuar uma época tão boa ou melhor que a da temporada transacta.

Paulo Egídio (oriundo do Brasil), Isafas (ex-Rio Ave) e Jorge Silva (ex-Leixões) são os reforços do Boavista para a época 88-89. Compõem ainda o «plantel» «axadrezado» os jogadores Alfredo, Álvaro, Hubart, Jaime, Queiró, Frederico, Barny, Adão, Caetano, Parente, Agatão, Walker, Casaca, Monteiro, Armando, Jorge Andrade, Chiquinho Carioca, Valério, Valdir, Rubens Feijão, Homberg, Paulito, Nelo, Ricardo, Nelson, Marcos António, João Medeiros e Vítor. Foram emprestados por uma época, Alfredo Mendes, Paulo Duarte, Carvalho, Fua, Joaquim Castro, Jorge Costa, Barreto, Pinto, Tomé, Quim, José Augusto, Márcio e Coelho, enquanto Tonanha saiu definitivamente, tendo como destino o

Louletano. Depois de nove anos ao serviço do clube, Coelho pe-



Coelho: do Bessa para o Estrela da Amadora por um ano



Gente nova para o Boavista: Nelson, Paulo Egídio, Jorge Silva e Isafas



diu para ser emprestado por uma época ao Estrela da Amadora, mas ficará ligado ao Boavista por mais dois anos. A equipa técnica será liderada por Pepe, coadjuvado por Manuel Barbosa e Filipovic, tendo como preparador físico Vítor Frade.

Portalegrense: reforços

O Desportivo Portalegrense, que este ano ascendeu à 2.ª divisão (Zona Centro), assegurou já o reforço de seis novos jogadores, afirma o presidente do clube, António Raposo, revelando que os novos futebolistas já contratados pelo Desportivo Portalegrense (campeão nacional da 3.ª divisão) são os seguintes: Borja (ex-São Pedro da Cova), Valdemar (ex-Arronchense), Nando (ex-Pedrouços), Zé Fernando (ex-Beira Mar), Bravo (ex-Vilafranquense) e Tutas (ex-Oliveiras e Moscardine). João Cardoso continua a ser o treinador do Portalegrense, que está em negociações com um defesa central, para completar o quadro de futebolistas para a próxima época, falando-se no antigo internacional Barros, que jogou em diversos clubes, nomeadamente Benfica e Estoril.

Olhanense reforça-se

Valdemar Custódio é o novo adjunto técnico do Olhanense. Amarante repete jogo

Decidiu o Conselho de Justiça da Federação de Futebol: terá de repetir-se o jogo Amarante - São Martinho, com interdição do terreno amarantino por quatro encontros e multa ao clube no valor de 7500 escudos.

Madjer nas Antas

Afirma o nosso colega «O Jogo»: Madjer volta às Antas para cumprir os dois anos de contrato que o ligam aos «dragões».

Kanu está legal

Fafe não ganhou o seu protesto: o zairese Kanu está legalmente inscrito pelo Famalicão, ficando (assim) totalmente garantida a presença famalicense na 1.ª divisão.

Everton em Belém

Está firmado o contrato: Everton (avançado brasileiro do Corinthians) foi recrutado pelo Belenenses, chegando a Lisboa no dia 2 de Agosto.

Port-Santense sobe degrau

Perante a fusão Portimonense - Torraltal, o lugar vago na 3.ª divisão futebolística foi atribuído ao Porto-Santense, da Madeira.

RFA: campeonato

O VFB Estugarda venceu o Borussia de Dortmund por 2-1, em jogo antecipado da jornada inaugural do campeonato de futebol da 1.ª divisão da República Federal da Alemanha. No outro encontro da mesma jornada, o Waldhof Mannheim empatou (1-1) com o Bayer Leverkusen. Os restantes encontros da 1.ª jornada da nova temporada futebolística da RFA realizam-se amanhã.

"Tour" à beira dos Campos Elísios
Delgado fará tocar os sinos de Segóvia

O francês Thierry Marie venceu a 20.ª etapa da volta ao seu país em bicicleta, após ter surpreendido o pelotão nos últimos 200 metros.

Marie saiu disparado do pelotão no preciso momento em que este perseguia o seu compatriota Inaki Gaston, que tentara antes a sua sorte, e logrou cortar a meta em primeiro lugar, com o tempo de 6:03.45 para os 223,5 km que separaram Clermont Ferrand de Chalon-Sur-Saône, à média de 36,866 km/hora.

O espanhol Pedro Delgado, que mantém a camisola amarela, entrou integrado no pelotão, com mais um segundo do que o vencedor.

A tirada foi monótona, tendo os ciclistas, numa acção de protesto contra a legislação dos controlos «antidoping» utilizada nesta edição do «Tour», retardado a partida por 10 minutos.

Depois rodaram a um ritmo intencionalmente lento e a meio da etapa já tinham um atraso de 30 minutos em relação ao horário previsto.

A acção de protesto visava particularmente o caso do holandês Gert Van Theunisse, cuja análise «antidoping» em Morzine foi considerada positiva.

A partir da metade do percurso foram abertas as hostilidades, tendo-se assistido a uma fuga do norueguês Otto Luritzzen, que pedalou sozinho durante largo tempo, e que só foi anulada quando a meta já se encontrava a menos de três dezenas de km.

Classificação na etapa: 1.º Thierry Marie (França), 6:03.45 horas, 2.º Jean-Paul Van Poppel (Holanda) a 02 segundos, 3.º Jean Pierre Heynderickx (Bélgica), 4.º Eddy Planckaert (Bélgica), 5.º Adri Van Der Poel (Holanda), 6.º

Malcolm Elliot (Inglaterra), 7.º Stefano Zanatta (Itália), 8.º David Phinney (EUA), 9.º Guido Bontempi (Itália) e 10.º Frederic Vichot (França) todos com o mesmo tempo.

Classificação geral: 1.º Pedro Delgado (Espanha), 78:33.36 horas, 2.º Steven Rooks (Holanda), a :04.58 minutos, 3.º Fabio Parra (Colômbia), a :07.18, 4.º Steve Bauer (Canadá), a :09.48, 5.º Eric Bauer (França), a :10.42, 6.º Luís Herrera (Colômbia), a :10.53, 7.º Ronan Pensec (França), a :12.03, 8.º Alvaro Pino (Espanha), a :15.17, 9.º Peter Winnen (Holanda), a :15.20 e 10.º Denis Roux (França), a :17.36.

ACÁCIO DA SILVA classificou-se em (123.º) na etapa com o mesmo tempo do vencedor e subiu um lugar na classificação geral sendo agora 95.º a 1:43.20 horas do líder.

Ciclista agride dirigente

O ciclista holandês Gert Van Theunisse, foi multado em 163 dólares (25 contos) e penalizado em dois minutos na classificação geral, por ter agredido Paul Koechli, director da equipa Weimann.

Ao corredor punido foram também retirados 25 pontos no prémio da regularidade.

Elas

Valerie Simonnet, de França, venceu a 119 etapa do «Tour» feminino e a sua compatriota Jeannie Longo mantém a camisola amarela.

Valerie Simonnet demorou duas horas seis minutos e cinco segundos a percorrer os 82 quilómetros da tirada, entre La Clayette e Chalon-Sur-Saône.



Pelotão de braços caídos: o problema era o controlo do «doping»

Manobras militares soviéticas na fronteira checoslovaca

A União Soviética anunciou que vão ser iniciados exercícios militares envolvendo tropas de apoio e abrangendo uma vasta área da zona ocidental do país, incluindo as regiões vizinhas da fronteira com a Checoslováquia.

Um comunicado do Ministério da Defesa anunciava que os exercícios, nos quais tomarão parte reservistas e tropas das guardas locais permanentes, começam esta noite e prolongam-se até ao dia 10 de Agosto.

O comunicado, publicado na primeira página do jornal governamental «Izvestia», afirma também que as manobras vão decorrer na região ocidental da Federação Russa, Bielorrússia e Ucrânia.

Avião israelita desviado para a Argélia

Um Boeing 707 israelita, que transportava 38 passageiros e 10 tripulantes, de Roma para Telavive, foi assaltado quando sobrevoava o Mediterrâneo e obrigado a aterrar hoje, no aeroporto de Argel.

A El Al Airlines disse que as primeiras notícias do assalto foram dadas numa mensagem pela Rádio captada nos aeroportos de Roma e de Atenas, dizendo que o avião fora desviado da sua rota e aterrara em Argel.

Em Roma, um informador da El Al disse que o aparelho fora assaltado sobre o território italiano. Entre as 48 pessoas que seguiam a bordo, além de 10 italianos, há também alguns canadianos e sete sacerdotes católicos.

Dirigentes políticos presos na Bolívia

O ministro do Interior boliviano anunciou a prisão de vários dirigentes políticos, entre os quais o antigo ministro do Trabalho, Alfredo Franco Guachalla.

Três dos políticos, general Monge Gutierrez, chefe da Falange Socialista boliviana, Mário Rosa, chefe do Movimento Nacional Revolucionário, e Guillermo Aponte, chefe do Partido Revolucionário Socialista, serão julgados pelo assassinio de um agente da autoridade, ataques contra postos da Polícia, atentado contra a ordem pública e a propriedade privada, bem como por atividades subversivas. Só o primeiro destes três políticos, que organizaram uma manifestação antigovernamental no passado, sábado, não se encontra preso, tendo pedido asilo num colégio religioso em La Paz.

Por outro lado, o Ministério do Interior pediu a destituição dos senadores Marlos Valverde e Waldo Castro, socialistas, por terem usado armas de fogo durante a mesma manifestação.

EFEMÉRIDES

1759 Os russos, comandados por Saltikov, derrotam os prussianos em Kay, na Alemanha Oriental, aniquilando um quarto das forças prussianas, constituídas por 27 mil homens.

1828 William Burt, norte-americano do Estado de Michigan, regista a invenção do seu «Tipografo», aparelho considerado a primeira máquina de escrever do Mundo.

1888 O Hino «A Internacional» é entoado pela primeira vez publicamente durante uma reunião de vendedores de jornais na cidade francesa de Lille.

1913 eclode a «segunda revolução» no sul da China.

1945 O marechal Henri Pétain é julgado sob a acusação de ter traído a França durante a Segunda Guerra Mundial.

1951 É fundada em Lisboa a Liga dos Cegos de João de Deus.

1952 O general Mohammed Neguib toma o poder no Egipto.

1954 O acordo sobre a Indochina é aprovado pela Assembleia Nacional francesa.

1958 A rainha Isabel nomeia quatro mulheres pares do reino, as primeiras mulheres na história da Grã-Bretanha com lugares na Câmara dos Lordes.

1964 O presidente francês, Charles de Gaulle, propõe que o seu país, os EUA, a URSS e a China concordem em abandonar a Indochina.

1974 Os dirigentes militares gregos anunciam que vão devolver o Governo do país aos civis, facto que conduz ao regresso à Grécia de Constantino Karamanlis, auto-exilado, que é empossado no cargo de primeiro-ministro.

1976 Em Portugal, toma posse o primeiro Governo Constitucional, chefiado por Mário Soares.

1978 O almirante Américo Thomaz, último presidente da República do regime de Salazar e Marcelo Caetano, regressa a Portugal ao cabo de quatro anos de exílio no Rio de Janeiro.

1983 Terminam, em Braga, os trabalhos do primeiro encontro nacional sobre a origem da vida e aspectos relacionados (ENOVAR/83), que, durante três dias, reuniu cerca de 400 cientistas e investigadores de todo o mundo.

1984 A secretaria de Estado do Trabalho revela que, em Portugal, 45.067 trabalhadores de 350 empresas se encontram com as remunerações mensais em atraso.

1986 Freitas do Amaral anuncia a criação da Fundação Portugal Século XXI, que vai actuar «sobretudo nos campos de ideias e das mentalidades».

- Realiza-se o casamento do príncipe André, filho de Isabel II de Inglaterra, com Sará Ferguson, que passam a ter o título de duques de York.

EM PORTUGAL

	Max.	Min.	Prec.	As 13h.
Bragança	17	16	0,0	P. nub.
V. Castelo	18	18	0,0	Chuva
Vila Real	18	18	0,0	M. nub.
Porto	18	18	0,0	Chuvisco
Coimbra	19	19	0,0	Nebul.
C. Carvoeiro	18	18	0,0	Encob.
C. Branco	18	18	0,0	Limpo
Portalegre	15	15	0,0	Nevoeiro
Lisboa	20	20	0,0	M. nub.
Evora	17	17	0,0	Nebul.
Beja	18	17	0,0	Nebul.
Faro	23	23	0,0	Limpo
Sagres	18	17	0,0	Encob.
P. Delgada	20	20	0,0	P. nub.
Funchal	18	18	0,0	P. nub.

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 26, Porto 22, Faro 31, Ponta Delgada 24, Funchal 26.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

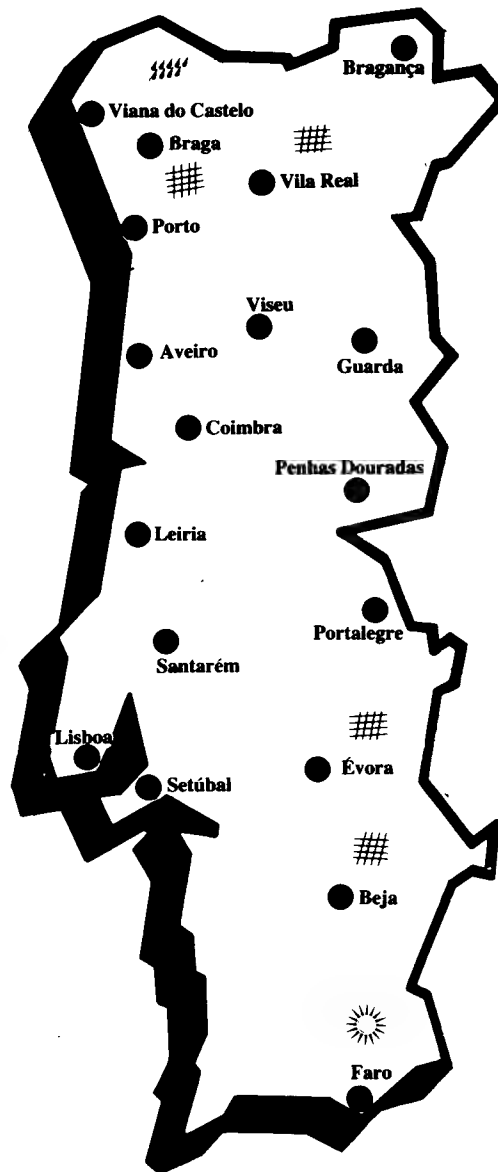
	Max.	Min.	As 18h.
Madrid	19	19	Muito nub.
Londres	18	16	Chuvisco
Paris	19	18	Pouco nub.
Bruxelas	20	19	Muito nub.
Amsterdão	20	17	Nebul.
Genebra	20	17	Pouco nub.
Roma	23	21	Nebul.
Oslo	13	10	Pouco nub.
Copenhaga	18	17	Nebul.
Estocolmo	16	10	Muito nub.
Berlim	21	20	Muito nub.
Viena	23	18	Pouco nub.
Varsovia	22	18	Muito nub.
Atenas	28	26	Limpo
Moscovo	25	19	Muito nub.

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NOMUNDO

	Min.	Max.	As 13h.
Caracas	18	26	Nublado
Joanesburgo	4	25	Limpo
Los Angeles	22	31	Limpo
Montreal	18	25	Nublado
Nova Deli	28	34	Nublado
Nova Iorque	22	31	Chuva
R. de Janeiro	14	25	Nublado
S. Francisco	14	25	Nublado
São Paulo	—	—	—
Tóquio	21	25	Nublado

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

Regiões do Norte: Céu muito nublado apresentando-se pouco nublado em Trás-os-Montes durante a manhã. Vento fraco moderado de noroeste. Períodos de chuva a partir do fim da manhã no litoral, estendendo-se gradualmente às regiões do interior. Pequena descida da temperatura. Mar de pequena vaga e ondulação noroeste com cerca de dois metros.

Regiões do Centro: Céu muito nublado nas regiões do litoral, estendendo-se gradualmente à nebulosidade às regiões do interior a partir da tarde. Vento fraco ou moderado de noroeste. Períodos de chuva fraca a partir da tarde, em especial nas Beiras Litoral e Alta. Pequena descida da temperatura. Mar de pequena vaga com ondulação noroeste de um a dois metros.

Regiões do Sul: Céu pouco nublado ou limpo aumentando de nebulosidade para o fim do dia. Vento fraco, soprando moderado de noroeste na faixa costeira Ocidental durante a tarde. Mar de pequena vaga com ondulação noroeste de um a dois metros na costa ocidental e

encrespado a de pequena vaga inferior a um metro na costa sul.

Açores:

Grupo Ocidental: Períodos de céu muito nublado. Vento fraco ou moderado de norte, tornando-se fraco. Aguaceiros fracos.

Grupo Central e Oriental: Períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco ou moderado.

Estado do mar: Mar encrespado. Ondulação de noroeste de dois a três metros.

Na Madeira:

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de nordeste, soprando por vezes forte.

Estado do mar: Costa Norte: Mar cavado, por vezes grosso. Ondulação de norte de dois a três metros.

Costa Sul: Mar encrespado. Ondulação inferior a um metro.

Funchal: Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco.

MARÉS

Hoje	Praia-Mar	Baixa-Mar
	10.19 3,1 m	3.46 1,7 m
	22.51 3,1 m	16.21 1,8 m
Amanhã	11.36 3,2 m	04.58 1,7 m
	00.16 3,1 m	17.38 1,7 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica.

AMÁLIA ROUCA E BELA

Ernesto Sampaio

Fotos de Rui Pacheco

CREIO haver lido em Tinop, na sua «História do Fado», que no princípio do nosso século o fadista costumava usar tatuagens nas mãos, nos braços e no peito, iluminadas a carmim representando âncoras, navios, guitarras, corações traspassados, corações unidos, a cruz, as cinco chagas, o signo saimão e outros desenhos alusivos ao amor, à religião e à sorte. Com o século já na ponta final, esses emblemas foram substituídos por outroa atavios, catitas nos homens e românticos nas mulheres (os formosos xais de Amália), mas a temática do mar, do amor (infeliz) e do destino (fatal) resiste.

É bem verdade que o **pathos** popular português, retórica melodramática ou patética, se opõe ao **ethos**, isto é, ao equilíbrio e à moderação racionais. Não sabemos, porém, se isso é uma qualidade ou um defeito do povo, já que esse equilíbrio e moderação não são frequentes nos costumes e nas cabeças da pequena, da média e da alta burguesias.

O português, aliás, venera o choro de forma quase supersticiosa. Um próspero empresário que conheci em tempos de vacas magras, safando-se à custa de ratonices em supermercados, sempre que era apanhado rompia em pranto. E punha tanto **pathos** na cena que o deixavam ir embora e às vezes ainda lhe davam dinheiro.

O fado, é bem de ver, deve grande parte da sua popularidade à vaza nacional que consiste em procurar desgraças, contemplá-las o tempo suficiente até se ficar comovido e depois chorar. Ou cantar.

Com Amália, é muito mais do que isso. E deixem-me dizer-vos que num tempo em que os sentimentos e as emoções são para «curtir», para estar «numa boa», constituindo dados manipuláveis, em si mesmos destituídos de qualquer sentimento ou valor, isto é, meras coisas que podem trazer vantagens ou desvantagens e das quais, portanto, é preciso avaliar as implicações e consequências. Amália, com a sua espontaneidade criativa, faz figura de autêntico génio.

«A voz da nossa voz», como já lhe chamaram, festejou ontem os seus 68 anos. E celebrou-os da melhor maneira possível: actuando, pela primeira vez, na Feira Popular de Lisboa.

Deslumbrante, a sua aparição incendiou imediatamente o público. Amália é belíssima e embora não esteja na sua melhor forma (ontem a rouquidão traiu-a por vezes), a verdade é que a canção popular portuguesa continua a brotar facilmente da voz da grande artista. O público, porém, estava ali menos para ouvir um recital do que para homenagear Amália e para lhe expressar a grande e cari-

nhosa admiração que por ela sente.

No recinto destinado aos convidados, havia muitos lugares vagos e uma pequena plateia levemente enjoada. Lá fora, no exterior da barreira que isolava as cadeiras, apinhava-se uma multidão que enchia o grande largo da Feira. A certa altura, aos gritos de «Amália! Amália! Amália!», o povo saltou as grades separadoras e sentou-se (uma pequena parte dele, naturalmente). Depois, iniciou um diálogo extraordinário com Amália, interpellando-a, oferecendo-lhe lembranças, acompanhando eem coro os refrãos mais conhecidos, sublinhando com palmas velhos ritmos populares.

Não se sabia quem estava mais feliz: se Amália, se o seu público, o maravilhoso público popular de Lisboa, a quem a artista ofereceu 23 canções, desde o «Muito boa noite, senhoras e senhores» até à «Lágrima» (com versos de Amália, dedicado «à gente que ama muito»), passan-

do por algumas das mais belas peças do seu repertório: «Tenho o destino marcado / desde a hora em que te vi», «Amor que foste o primeiro» («Se uma gai-vota voasse / por sobre os céus de Lisboa», grande poema de Alexandre o'Neill), «Povo que lavas no rio / que talhas com teu machado / as tábuas do meu cáixão», «Mouraria» («Amor que o vento / como um lamento / levou consigo / mas qu'inda agora / e a toda a hora / trago comigo»), para culminar no «Fado Amália» «Não sei, não sei nem me importo / porque canto o fado / neste tom magoado / de dor e de pranto».

«Os portugueses sabem que a vida é absurda porque a seguir vem a morte. Eu própria sempre tive pensamentos tristes», afirmou Amália, numa entrevista recente à Reuter, «mas a vida de um artista ainda vale a pena ser vivida». Talvez esteja aqui o segredo que levou ontem as pessoas a interromper os fados para aplaudir, a acompanhar Amália num coro imenso, a levantarem-se todas ao mesmo tempo, como que impelidas por uma única mola.

No final, antes do remate com a ceia a que não faltou um dos petiscos da sua infância («a sardinha é uma festa», como costumava dizer) e dos «parabéns a você» entoado pelo Coro da Colónia Balnear Infantil de «O SECULO», à volta do bolo de anos, Amália despediu-se do público, dizendo: «desde os 19 anos que canto, que vivo para vocês. Conto convosco, no ano que vem, para comemorarmos juntos o meu meio século de vida artística.» Gostaríamos de

nos enganar, mas é de aproveitar enquanto ela canta: vai levar provavelmente muito tempo antes de aparecer outra intérprete da canção popular com a sua raça.

Amália Rodrigues nasceu em Lisboa, em 1920. Foi criada pelos avós e o primeiro emprego que teve foi a vender fruta e «souvenirs» na zona dos cais de Alcântara.

Começou a cantar ainda adolescente em festas populares, contra a vontade da família, que considerava a profissão de fadista muito vulgar. O intenso poder emotivo da sua voz (parece que já em criança era triste) abriu-lhe uma carreira que a levou, primeiro, ao Retiro da Sequeira, e depois às salas (cheias a transbordar) tão diferentes do Olympia de Paris, do Roial Philharmonic Hall de Nova Iorque, da Ópera de Frankfurt, do Roial Albert Hall de Londres, do Canecão do Rio de Janeiro ou do Coliseu dos Recreios de Lisboa. Uma carreira, diga-se, que a avalia pelo êxito de ontem, está muito longe de terminiar.

Concluimos como começámos, evocando Tinop. O autor da «História do Fado» diz que a canção vem de **fatum** e os seus temas são a má sina, a dor da ausência, do afastamento, da desesperança, da paixão, do ciúme, do pesar saudosos. Tudo coisas melancólicas, marcadas por uma fatalidade antiga e que encontraram na voz de Amália uma bela, alta e soberana expressão.



Amália: «Toca guitarra que eu canto»

A SEMANA

Rodrigues da Silva

Sábado, dia 16

Morrem os homens, fica a fama. Quando fica... A de Zeca Afonso ficou. De tal modo que a RDP Centro/Rádio Covilhã é acusada pelo Conselho de Comunicação Social de presumível censura de um programa sobre o cantor. Os depoimentos recolhidos pelo CCS são contraditórios, mas um (não desmentido) é elucidativo. Terá dito, na Rádio Covilhã, um chefe (ou subchefe, meio chefe ou quarto de chefe, para utilizar a linguagem de outro cantor, Ferré): «Já o programa da semana passada falava em liberdade...».

Domingo, dia 17

O 30.º aniversário do Casino Estoril começa mal: o concerto de Ray Charles é adiado, porque o avião que deveria trazer o cantor de Nice até Lisboa teve uma avaria técnica. Acontece aos melhores. O que já só acontece aos piores é trocarem um bilhete para um concerto de Ray Charles por outro de... Júlio Iglésias. Foi a proposta do Casino, para salvar a face. Proposta generosa, atendendo à diferença de 20 contos entre o preço dos bilhetes. Mas quem aceitou gostará mesmo de ouvir Ray Charles ou sobretudo de se ver (ser visto) no Casino?

Segunda, dia 18

Joly Braga Santos morre, subitamente, a meio da tarde. Quase à mesma hora, Milton Nascimento, chegado a Lisboa, dissera: «A vida é uma magia sem programa.»

Terça, dia 19

Outra vez a contradição entre Milton Nascimento e (agora) Júlio Iglésias. À mesma hora, cada um actua para o seu público. O «DL», no dia seguinte, titulará, na primeira página: «Milton: um senhor espectáculo; Iglésias, um espectáculo para senhores». Ou de como a coincidência evitou que um acontecimento mundano se transformasse em acontecimento único.

Passa-se isto na Grande Lisboa. Lá para o Norte, Douro acima, Douro abaixo, Soares inaugura presidência fluvial. Com a bênção da Cultura: «Antes de partir, telefonei ao Miguel Torga, a pedir-lhe a bênção para vir ao Douro» — dirá o Presidente.

António Torrado, esse dirá ao «JL»: «Televisão: um crime de lesa-pátria» (...) «A desarticulação do imaginário nacional, ora omitido por tacañez e ignorância ora esbatido por leviandade e desleixo, também tem autoria, responsáveis...»

Quarta, dia 20

Soares continua pelo Douro. Se no rio o vento é de feição, em terra é quase a tempestade, ou, melhor, o muro das lamentações. Uma ex-emigrante regressada à pátria dirá em Barca de Alva e o «DL» regista: «Tenho dois filhos e fui obrigada a tirá-los do colégio por não ter meios de transporte. É uma pena eu vir do estrangeiro, onde tudo pagavam às crianças estrangeiras e aqui não ajudam as crianças portuguesas.» Ou de como a bênção de Torga não protegeu no Douro, totalmente, o Presidente.

A CP, metida na comitiva presidencial, é apupada pelas populações por ter decidido acabar com as linhas regionais. Para se dar ares culturais, porém, a CP leva Soares a inaugurar uma exposição dita de azulejos. Todavia o que se verá não são azulejos... mas fotos de azulejos. A exposição é má até dizer «chega». «Uma vergonha inqualificável» classificá-la-á o «DP».

Da pelintrace nacional para o outro extremo: o Centro de Arte Moderna da Fundação Gulbenkian completa cinco anos. Cinco anos apenas e... imaginar-nos-íamos sem ela? Não. Calouste Gulbenkian, falecido a 20 de Julho de 1955 e conhecido pelo sr. 5%, para Portugal não foi 5%, foi a sorte grande que nos saiu mais uma data de aproximações.

Quinta, dia 21

Jorge Martins diz ao «DL»: «É estimulante a vida artística em Lisboa. A pintura em Portugal está em movimento ascendente e quase irresistível. Mais do que em Paris.»

No Douro, mais concretamente em Vila Real, o que é estimulante é a imaginação. Desta vez, as queixas a Mário Soares são formuladas por... «Camilo Castelo Branco». Soares, na resposta, diz que transmitirá as queixas «não ao ministro do Reino, mas ao ministro da República» e acentua a componente cultural da visita: presta homenagem a Junqueiro, Leonardo Coimbra, João de Araújo Correia e Torga mais uma vez.

Sexta, dia 22

É a noite das várias «premières». Pela primeira vez, Amália canta na Feira Popular; pela primeira vez também, Ray Charles (sempre acabou por vir) e os Platters cantam em Portugal. O concerto é no Casino numa espécie de «mano-a-mano» (contase no «DL» como foi, leiam s.f.f.).

Para uns milhares de portugueses a música é outra: metem-se em tudo o que é transporte e vão até Madrid ouvir os Pink Floyd.

João Bénard da Costa, esse fala de Cinema, ou por outra, não fala, escreve: «Quem sabe hoje — desaparecida a última fila do balcão de segunda do Tivoli — o que é um *plongée*?». É o final de «Cenas de lutas de classes nos Cinemas de Lisboa», a página IV-20 de «O Independente». Humor, amor e nostalgia, o melhor texto da semana. Uma maravilha.

Os Pink Floyd revivem

Mais de 60 mil pessoas, de duas gerações, renderam-se completamente ao concerto que os Pink Floyd deram ontem à noite, no belo estádio do Atlético de Madrid, concerto que foi um autêntico caleidoscópio gigante de luz, som e imagem.

Para trás ficaram duas horas e meia de concerto, em que num ecrã gigante eram projectadas as imagens das canções. Era o fulcro do espectáculo dos Pink Floyd em que não faltaram camas, abutres e porcos a sobrevoar a multidão e robots de luzes a dançar suspensos em palco tal qual bailarinas.

A multidão era constituída, na sua grande maioria, por jovens bonitas de mini-saia e respeitáveis cavalheiros carecas e de barba grisalha.

Carreras renasce

Mais de 100 000 pessoas assistiram quinta-feira, em Barcelona, ao recital ao ar livre dado pelo tenor espanhol José Carreras, agora recuperado da leucemia que lhe tinha sido detectada há um ano.

Junto ao Arco do Triunfo, na capital da Catalunha, houve um engarrafamento colossal, dado que se tratava do renascer de uma das mais belas vozes da Europa.

A rainha Sofia e as principais autoridades catalãs assistiram a este acontecimento histórico, no qual Carreras fez vibrar a alma de mais de 100 000 compatriotas.

Emocionado e acompanhado ao piano por Vicenzo Scallera, o tenor — que conta 42 anos e está no auge dos seus recursos — agradeceu ao público o apoio dado durante a sua convalescença.

Nico morre

A cantora alemã Nico, musa do «underground», morreu na sua casa de Ibiza, vítima de um derrame cerebral, no passado dia 18 de Julho, mas só ontem se soube.

De nome verdadeiro Christa Paffgen, Nico nasceu a 16 de Outubro de 1939, em Colónia, na RFA, e participou em 1960 no filme «La Dolce Vita» de Federico Fellini.

Mais tarde gravou um disco em Londres depois do que se mudou para Nova Iorque e trabalhou como modelo, tendo conhecido Andy Warhol, em 1965.

Contra a opinião de Lou Reed, Warhol, impôs a presença de Nico no grupo Velvet Underground, representante máximos do underground nova-iorquino e com uma influência decisiva no rock dos anos seguintes.

Ray Charles, o público do Casino adorou-o

REI DA "SOUL" E HERÓI DA NOITE

Rui Eduardo Paes

Foto de Jose Tavares

Foi anunciado pelo «crooner» como o «rei da soul» e a sua entrada em palco entusiasmou e desconcertou as mil pessoas que o esperavam. O rei apareceu sob os projectores pelo braço de um fiel, com o seu geito desengonçado de mexer o corpo ao som da música e um leve e inesperado toque de timidez atrapalhada: com quase 40 anos de reinado, mais do que os 30 do Casino. Aí estava ele, o grande ausente do primeiro dia de festas porque, contaram as crónicas, teve medo que o seu avião caísse. Braços compridos, quase até ao meio da coxa, mãos grandes como só vendo, um casaco castanho com brilhantes, óculos negros opacos: Ray Charles. Um nome carregado de história, essa deslumbrante história que é a música negra americana. «Ray Charles is in town», cantou o herói da noite assim que começou.

O cantor e pianista deu o que se esperava dele: nem mais nem menos. O que quer dizer que passou em revista os seus grandes temas de sempre, repetidos ano após ano, espectáculo após espectáculo. Ray Charles pode dar-se ao luxo de não se preocupar muito com renovações de repertório: todos desejavam e esperavam o reconhecimento, não a surpresa, e o georgiano cego que começou por ser um cantor de blues e rock and roll presenteou-nos com os seus vinhos de marca gloriosamente envelhecidos e engarrafados segundo as exigências actuais do mercado e as inspirações do momento, daquele momento. «Georgia on my mind», «Come rain or come shine» são canções impossíveis de datar. Chama-se a isso de virtude.

Ray Charles é sinónimo de grande música. E é também um típico «entertainer» de Casino. Uma e outra coisa costumam ser inconciliáveis, mas com o rei a complicitade torna-se possível. Os puristas do jazz, género no qual o cantor, pianista e saxofonista costumam ser «arrumados», consideram-no um comercial. Ele diz que sim, que sempre tocou por dinheiro. Afinal, a música de consumo também pode ser boa e a verdade é que Ray Charles é o fundador de uma dinastia que está a dignificar o comércio do vinil: sem ele nunca teria existido um Stevie Wonder, por exemplo. O cantor das mãos grandes obriga a dizer sim ao capitalismo de qualidade.

Ray Charles é hoje igual a Ray Charles, no bom e no mau

(que também transparece: ninguém é perfeito). Quando surgiu na cena musical negra foi um original: juntar o gospel, esse canto religioso dos negros do Sul da América do Norte, com a sensualidade profaníssima dos blues foi um atrevimento nos anos 50. Fazer do jazz, essa música meio «intelectual» e meio «marginal», um veículo para a canção popular ligeira, foi uma manha que até hoje vem fabricando dólares. Como criticar um músico que literalmente «inventou» a música negra americana dos nossos dias? Ray Charles é um património cultural, uma majestade da pop: isso ficou ontem bastante demonstrado no Casino Estoril. A cultura não é impoluta, faz-se com cifrões.

Claro está: a generalidade dos que têm cifrões em barba do bolso não faz grandes exigências culturais. Para estes, cultura identifica-se com divertimento, aquele divertimento inconsequente e bem disposto que se basta a si próprio. Porque não? Em meio a esta superficialidade saborosa o valor maior vai para esse mundo de referências a que se chama de «kitsch». Ray Charles é um manual do «kitsch», as suas canções são «kitsch», e os seus arranjos orquestrais, o modo como se veste, as palavras que canta, a forma como os membros da orquestra se apresentam, o que o «crooner» diz, as luzes, os sentimentos que suscita, as reacções.

Muitas das suas canções falam daquele amor peganhento



Um negro feliz da Georgia

que se tornou regra em qualquer tema da pop, negra ou branca — e como todos sabem não há música ligeira branca que não seja herdeira da negra. As baladas langorosas faziam enlaçar os pares pela sala, as mãos escondiam-se por trás das roupas e as bocas encontravam-se. À força da simultaneidade das manifestações amorosas a coisa tomava-se pelo menos curiosa. Imagine só, leitor, ver-se rodeado subitamente de centenas de apaixonados. Os blues mais swingados levantavam os assistentes das mesas, os «yeahs» (expressão fonética que nem sequer é portuguesa) multiplicavam-se como se tivessem sido programados, as palmas ritmadas estalavam,

mesmo que estivessem fora do tempo. Mas também o inevitável nestas coisas aconteceu: as velas postas ao alto e os isqueiros acesos, dançando no ar. É tão bom e tão raro ver a nossa burguesia assim descomposta.

Ray Charles, disse o apresentador do espectáculo, é o rei da soul. «Soul» quer dizer alma e a alma, diz-se, sai (manifesta-se?) pelo sopro, pela voz. A alma de Ray Charles chegou até ao fundo da sala, subiu ao tecto. A língua inglesa tem uma belíssima palavra para este fenómeno: «glamour». Pode dizer-se que as pessoas ficaram mais «glamorosas», mais enleadas, encantadas, especiais, deslumbrantes, mágicas. Só os grandes

artistas e os grandes manipuladores o conseguem fazer. Ray Charles não o via, mas pressentia as alterações que provocava no salão Azul e Prata do Casino, inclinando a cabeça em direcção aos espectadores, escutando. As duas ou três primeiras canções que interpretou com a sua orquestra cumpriram com as regras elementares do profissionalismo. Foi o público, já conquistado, que o motivou para o brilhantismo e o entusiasmo que a partir de então aconteceu. Ray Charles ria-se, fazia comentários, gemia, gritava, saltava, como qualquer negro feliz da Georgia. Ontem, ele também foi um actor. «Mr. Genius», têm-lhe chamado estes anos todos.

The Platters, impecável número de cabaré no Casino

SEM SOQUETES NEM BRILHANTINAS

Marina Tavares Dias

Era o tempo em que as meninas usavam rabos de cavalo e os meninos tinham o cabelo empastelado e havia festa no liceu ao sábado e toda a gente acabava inevitavelmente no «drive-in» a experimentar coisas proibidas. Era a América dos anos 50. Quem então ligasse os novíssimos transistores, tinha 50 por cento de hipóteses de ouvir os Platters. Mais duradouras do que os romances de liceu, as canções do grupo mantinham-se nas «charts» durante vários meses.

Geração após geração, nada muda na boémia. Nada, excepto a música de fundo. Quando pela primeira vez a boémia chegou aos liceus, os americanos estavam a ouvir as novas canções românticas da viragem para o rock. Foi assim que os Platters ficaram ligados a uma época. Mudam-se os tempos, viram-se os discos, e os Platters de hoje já muito pouco têm a ver com os Platters de então. Mas também, quem é que ia hoje pedir-lhes para tocarem numa festa de fim de curso?

Passado o apogeu, o grupo entrou em «reprise». Aquilo que os espectadores do Casino viram e ouviram ontem, foi aquilo em que o grupo se transformou a partir do final da década de 60: um bom espectáculo de «cabaret». Da formação original, não resta um elemento: Tony Williams, Alex Hodge, David Lynch, Paul Robi. Hoje, em vez deles, alinham Monroe Powell, Gene Williams, Benjamin Durr, Don Radford e Nancy Nelson. Quanto aos velhos êxitos, imagine-se um tecido antigo e um figurino novo...

«Ladies and gentlemen, please welcome The Platters!». Entram os cinco em fila, para os cinco microfones, seguidos, em frente da orquestra. Depois do som imenso e compacto que acompanhou o «prelúdio» com raios laser, as vozes deles não saem tão fortes quanto desejariam. Alguém, lá para o meio da actuação, Gene Williams pedirá «mais som, mais alto». A impecável instalação sonora que acompanhou Júlio Inglésias esta semana evidenciou ontem algumas quebras.

O primeiro tema dos velhos tempos chama-se simbolicamente «Twilight Time» e os Platters prometem ao seu público «Vamos levá-los de volta a 1958». Depois, lançam-se pelo caminho dos «blues». O velho «Old Man River» soa muito diferente, com os novos arranjos, quase não se reconhecendo o longo lamento

que era a melhor parte do filme «Show Boat» de James Whale. Como dizia Neil Sedaka, antigo ídolo do rock-and-roll, ao assinar em 1975 um contrato com a editora de Elton John, «quem não muda com os tempos está liquidado».

Por isso mesmo, estes descendentes dos originais Platters aproveitam os «oldies but goldies» para ir divulgando novas canções do «novo disco que temos para sair». E quem agora quiser recordar a versão original de «Only You» vai ter de pedir na loja um disco dos Platters originais.

Mesmo assim, o público do Casino espera réplicas convincentes, e guarda as apoteoses para as canções com o sabor

do tempo. As palmas acompanham a primeira parte de «Smoke Gets in Your Eyes». Mas o tema mudou muito desde os idos de 50 e quem de lá chegasse, vindo directamente, não o reconheceria.

Tal como está concebido, o espectáculo não pode falhar: movimentos coordenados, uma voz sempre destacada do todo, um coro homogêneo a acompanhá-la. Num longo «medley» das canções mais antigas do repertório, ressurtem temporariamente os Platters do passado sem grandes rasgos nem traições. O público está lá para isso e ouvem-se os copos em brinde pelos velhos tempos. «Lembram-se destas canções?» — pergunta um dos elementos do grupo. «São suficientemente velhos para isso».

Entram no rock-and-roll e tem uma certa graça ver completar, em 1988, o vaticínio dos mais esperto papás dos anos 50: «Um dia, este disparate do rock-and-roll acaba cantado em clubes de ricos e nesse dia deixará de ser música para vândalos». Deixou, definitivamente. As níveis mesas do Casino estão repletas de senhoras com colares de péro-

las cultivadas e todas batem palmas à mesma cadência que, há 30 anos, ritmadamente, acompanhava assaltos aos estofos dos cinemas de bairro.

A seguir vem «Earth Angel», e é o lado bonzinho dessa época. É Pat Boone e o primeiro beijo muito sério, de regresso a casa com uma braçada de livros. É, na tela do «drive-in», o mesmo beijo dado por Grace Kelly e Bing Crosby. A ilusão desvanece-se em mais uma mudança de ritmo que vai ter a «Stand by Me», outra das músicas recebidas com os isqueiros acesos. Na versão acelerada de «If I Dint Care», dão-se ao luxo de «saltitar», com a voz, desafiando de propósito, esticando o fio. Nota-se que, de tantas vezes ouvidas, as canções perderam o sentido, tendo de ser sucessivamente reinventadas.

«O início dos Platters, senhores. O vosso tempo!». Chega «Only You», no solo de Monroe Powell imitado pelo público. É impossível analisar o fenómeno de popularidade de algumas canções cujos «lyrics» são francamente confrangedores: «Apenas tu podes fazer-me mudar assim, pois é verdade que és tu o meu destino». Nos bons tempos disto, o tenor cambaleava e torcia-se, agarrava-se à garganta tentando abafar as cordas e o baixo sussurrava como um vulcão. Hoje, entre o tumulto, adivinha-se um «endurance» que não permite grandes emoções. Continuam a ser todos negros e continuam a cantar todos com vozes saídas de um coro católico numa igreja da Irlanda. Mas, algures pelo caminho, os «originais Platters» ficaram para trás. O que nos recorda o segundo «greatest hit» da noite, cuja letra já tem outro peso (dir-se-ia mesmo pessoana). A tradução exacta é «Grande Fingidor» e o tema foi coroa de glória do grupo, embora tenha conhecido versões melhores (como a de Roy Orbison) da mesma época).

Vai mais de uma hora de espectáculo e o público faz a ovação da noite, deixando-os partir sob protesto, apenas aplicado pelo anúncio da actuação de Ray Charles após o intervalo de 20 minutos. O génio da música «soul» entrará em palco igual a si mesmo e reinventado sobre si. Isto é mais do que os Platters conseguiram. Eles são hoje um impecável número de casino. Mas alguma coisa se quedou para sempre naqueles bailes de soquetes e brilhantinas...



Certinhos sem emoções

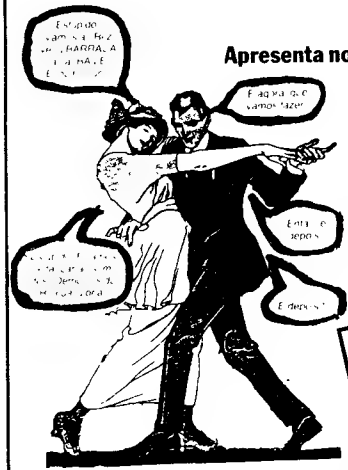
A BARRACA

Apresenta no RITZ CLUB

Rua da Glória, 57
Reservas: Telf. 32 51 40

O BAILE

a partir da ideia de J.C. Penchenat
e do filme de Ettore Scola



Horário: de terça a dom. às 21.30
Às segundas não há espectáculo

DEFENDA-SE DE LOTAÇÕES
ESGOTADAS. COMPRE BILHETES
COM ANTECEDÊNCIA

6º MÊS

Com: M...
Guião e encenação: Heider Costa

Ao Domingo espectáculo
só às 21.30h



DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 9-C Processo 1/67

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do § 1.º do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, n.º 81-3.º andar, tel. 54 88 07, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP - Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica:

Linha aérea a 30 kv, n.º 3133/R-5 com 80 m, do apoio n.º 2 da linha n.º 3133, ao PT n.º 6844 na Herdade da Lezíria das Cortes, no concelho de Vila Franca de Xira.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 15 de Julho de 1988

Por João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços
Eng.º Correia da Fonseca
Chefe de Divisão



DIRECÇÃO-GERAL DE ENERGIA
DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA

ÉDITOS

Arquivo 95-C Processo 1/100

Faz-se público que, nos termos e para os efeitos do art.º 19.º do Regulamento de Licenças para Instalações Eléctricas, aprovado pelo Decreto-Lei n.º 26 852, de 30 de Julho de 1936, e alterado pelo Decreto-Lei n.º 446/76, de 5 de Junho, e outros, estará patente na DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL DE LISBOA, sita em Lisboa, na Rua Pascoal de Melo, n.º 81-3.º andar, tel. 54 88 07, e na Secretaria da CÂMARA MUNICIPAL DE ELVAS, em todos os dias úteis, durante as horas de expediente, pelo prazo de quinze dias, a contar da publicação destes éditos no «Diário da República», o projecto apresentado pela EDP - Electricidade de Portugal-EP, Direcção de Distribuição Tejo, a que se refere o processo em epígrafe, para o estabelecimento da seguinte instalação eléctrica.

Linha aérea a 30 kv, com 704 metros, do apoio n.º 63 da linha para o PT da Herdade da freguesia ao PT n.º 1575, de Januário Francisco L. Sequeira, Herdade da Boavista, freguesia de Ajuda, concelho de Elvas.

Todas as reclamações contra a aprovação deste projecto deverão ser presentes nesta DIRECÇÃO DE SERVIÇOS REGIONAL ou na Secretaria daquela CÂMARA MUNICIPAL, dentro do citado prazo.

Lisboa, 15 de Julho de 1988

Por João Manuel F.C. Garcia
Director de Serviços
Eng.º Correia da Fonseca
Chefe de Divisão

Alfas Triplex

— T. 806496

Alfa 1

HOMEM DE ACÇÃO

(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30,
21.30 e 24.00 h

Alfa 2

IMPÉRIO DO SOL

(maiores 12 anos)
15.15, 18.15, 21.15 e 00.15 h

Alfa 3

ADEUS ÁFRICA

(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e
00.15 h

Alfa 4

POLÍCIA DE CHOQUE

(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e
00.15 h

T. 763319

ACADEMIA DE POLÍCIA

V (maiores 6 anos)
15.30, 18.30, 21.30 e 00.30 h

Amoreiras 1

ADEUS ÁFRICA

(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e
24.00 h

Amoreiras 2

HOMEM DE ACÇÃO

(maiores 12 anos)
13.45, 16.15, 18.45, 21.30 e
24.00 h

Amoreiras 3

POLÍCIA DE CHOQUE

(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45,
21.45 e 00.15 h

Amoreiras 4

101 DALMATAS

(para todos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45,
21.45 e 00.15 h

Amoreiras 5

ALGUÉM MUITO

ESPECIAL
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45,
21.30 e 24.00 h

Amoreiras 6

A GENTE DE DUBLIN

(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30,
21.45 e 24.00 h

Apolo 70

APOCALIPSE NOW

(n/acons. men. 18 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Ávila

— T. 539930

ACADEMIA DE POLÍCIA

V — MISSÃO EM MIAMI
(maiores 6 anos)
14.00, 15.30, 17.15, 19.00,
21.45 e 23.45 h

Berna

— T. 776098

E TUDO O VENTO LEVOU

(n/acons. men. 13 anos)
15.00 e 21.00 h

MISSÃO EM MIAMI



ACADEMIA DE POLÍCIA 5 — Em exibição nos cinemas ALFA — ÁVILA — S. JORGE — 7.ª ARTE — TERMINAL em Lisboa e BABILÓNIA na Amadora

Capitólio

— T. 372358

LIÇÕES PORNO

(Porno)
(maiores 18 anos)
15.15, 17.30, 19.00, 21.30 e
23.00 h

Castil

T. 530194

A CORRIDA MAIS LOUCA

DO MUNDO (parte II)
(maiores 12 anos)
13.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Cinebolso

DESEJO CARNAL

(maiores 18 anos)
Pornográfico
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h
A INSACIÁVEL
(maiores 18 anos)
23.30 h

Cine Camões

T. 324194

A TERRÍVEL VINGANÇA

(n/acons. men. 13 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Cine 222

— T. 533253

MASSACRE EM

S. FRANCISCO
(n/acons. men. 18 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h
O ANO DO DRAGÃO
(maiores 18 anos)
24.00 h

Cine Portela

— T. 9434773

GRITA LIBERDADE

(maiores 6 anos)
14.45, 17.00 e 21.45 h

NA VIGÍLIA DA NOITE

(maiores 12 anos)
15.00, 17.15 e 21.30 h

City Cine

— T. 549999

UMA COMÉDIA SEXUAL

NUMA NOITE DE VERÃO
(n/acons. men. 13 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Condes

— T. 322523

A RAIVA DE VENCER

(maiores 6 anos)
14.15, 18.15 e 21.30 h

Eden

— T. 320768

HOMEM DE ACÇÃO

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio

— T. 555134

ATRACÇÃO FATAL

(maiores 16 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

TRÊS HOMENS E UM

BEBÉ
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Fonte Nova

— T. 7145109

EDIÇÃO ESPECIAL

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30 h

PELA BORDA FORA

(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45 h

O ASSALTO

(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 18.45 e 21.15 h

Forum Picoas

— T. 541037

Ciclo de Cinema

«Exclusivos Triunfo»
DUNE
(maiores 12 anos)
19.00 e 22.00 h

Gemini

— T. 734009

O ÚLTIMO IMPERADOR

(maiores 12 anos)
15.00, 18.00 e 21.30 h

Hollywood

— T. 802859

DANÇA COMIGO

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e
23.45 h

RAIVA DE VENCER

(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 18.45, 21.30 e
24.00 h

Império

— T. 555134

HOMEM DE ACÇÃO

(maiores 12 anos)
13.15, 18.30 e 21.30 h

Las Vegas

— T. 631162

A INSUSTENTÁVEL

LEVEZA DO SER
(maiores 16 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

O ÚLTIMO IMPERADOR

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

Londres

— T. 801313

A INSUSTENTÁVEL

LEVEZA DO SER
(maiores 16 anos)
15.00, 18.15 e 21.30 h

Mundial

— T. 538743

GENTE DE DUBLIN

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.45 h

MAURICE

(maiores 16 anos)
15.15, 18.15 e 21.30 h

Sala 3

AS PROFISSIONAIS DO

SONHO
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e
23.30 h

ANA E AS SUAS IRMÃS

(maiores 12 anos)
00.45 h

Sala 4

UMA RAÇA

(Interdito men. 18 anos)
14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e
23.30 h

CONTOS DE LOUCURA

NORMAL
(Interdito men. 18 anos)
00.45 h

Roma

T. 889192

JOVENS MÉDICOS

APAIXONADOS
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

S. Jorge

T. 579144

Sala 1

ACADEMIA DE POLÍCIA

V — MISSÃO EM MIAMI
(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.45 h

HEMAN — MASTERS DO

UNIVERSO
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15 h

PELA BORDA FORA

(maiores 6 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.30 h

7.ª Arte

— T. 730715

ACADEMIA DE POLÍCIA

V — MISSÃO EM MIAMI
(maiores 6 anos)
14.00, 15.30, 17.15, 19.15,
21.45 e 23.45 h

Star

— T. 804210

GENTE DE DUBLIN

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Terminal

— T. 371573

ACADEMIA DE POLÍCIA

V — MISSÃO EM MIAMI
(maiores 6 anos)
13.15, 17.00, 19.00, 21.30 e
23.45 h

Tivoli

— T. 570595

ADEUS ÁFRICA

(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Turim

T. 706666

(ENCERRADO PARA

OBRA)

Xenon

T. 368480

AS PROFISSIONAIS DO

SONHO
(maiores 16 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30 h

Estúdio ACS

— T. 887255

QUE GRANDE BRONCA

(maiores 6 anos)
15.30, 18.30 e 21.30 h

Linha de Sintra

AMADORA — Cinestúdio
Lido — «Beleza Fatal», às
15.30 e 21.30 h (maiores 16
anos).

AMADORA — Babilónia —
«Cidade do Vício», às
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e
23.45 h (maiores 12 anos).

ALGUEIRÃO — Cine Tea-
tro Chaby — «Chamavam-
lhe Bulldozer», às 15.30 e
21.30 h (maiores 12 anos).

CACÉM — Cinestúdio Flo-
res — «O Grande Assalto»,
às 15.00, 18.00 e 21.30 h
(maiores 16 anos).

MEM MARTINS — Estú-
dio Dois Eme — «Quem
Chamou a Cegonha», às
21.30 h (maiores 12 anos).

Linha de Cascais

ESTORIL — Casino Estoril

— (Encerrado para obras).

ALGÉS — Cinema 2000 —
«Chamavam-lhe Bulldo-
zer», às 15.30, 18.30 e
21.30 h (maiores 12 anos).

LINDA-A-VELHA — Cine-
tropical — «A Colina dos
Heróis», às 15.30 e 21.30 h
(maiores 16 anos).

OEIRAS — Alto da Barra

— Sala 1 — «Malucos no
Divã», às 15.15 e 21.30 h
(maiores 12 anos).

Sala 2 — «Os Guerrilheiros
da Sombra», às 15.30 e
21.45 h (maiores 12 anos).

NOVA OEIRAS — Cine
Palmeiras — Sala 1 — «Ed-
die — O Rebelde», às 15.15 e
21.30 h (maiores 6 anos).

Sala 2 — «As Profissionais
do Sonho», às 15.30 e
21.45 h (maiores 16 anos).

CARCAVELOS — Atlânti-
da Cine — «Académia de
Polícia V — Missão em
Miami», às 15.30 e 21.30 h
(maiores 6 anos).

CASCAIS — Miramar —
Sala 1 — «Polícia de Cho-

que», às 15.15, 18.45, 21.30
e 24.00 h (maiores 16 anos).

Sala 2 — «Académia de Po-
lícia V — Missão em Miami»,
às 15.00, 18.00 e 21.30 h
(maiores 12 anos).

Outra Banda

ALMADA — Academia —
«Uma Missão Impossível»,
às 15.30, 18.15 e 21.30 h,
(maiores 12 anos).

ALMADA — Cine-Estúdio
de Almada — «O Gladi-
ador», às 15.30, 18.15 e
21.30 h, (maiores 12 anos).

ALMADA — Incrível Al-
madense — «Antes Só, que
Mal Acompanhado», às
15.30 e 21.30 h (para to-

dos).

COMPANHIA DE DANÇA DE SDNEY

Se ainda não viu, no anfiteatro da Gulbenkian, a «Sidney Dance Company», recordamos-lhe que esta noite, a partir das 22 horas, terá a última oportunidade para o fazer.

Trata-se da mais importante companhia de dança contemporânea australiana, sediada na maior cidade do país. Foi fundada em 1971, mas deu-se uma importante viragem em 1976 com a nomeação de Graeme Murphy para director artístico.

Assim, o sucesso da carreira coreográfica de G. Murphy e o meteórico aumento de popularidade da dança contemporânea na Austrália são paralelos. Murphy tornou a Companhia de Dança de Sidney na companhia de um coreógrafo. Criou um repertório com mais de quarenta coreografias originais, incluindo doze produções de longa duração.

A Sidney Dance Company tem

o apoio do governo australiano, mas conta igualmente com importantes patrocínios por parte do sector privado.

Esta noite, para a sua última apresentação no anfiteatro ao ar livre, o programa do grupo de Sidney é constituído por «Tabula Rasa», «Black and Blue» e ainda pelo 3º acto de «Shining», (coreografia de Graeme Murphy) que tinha sido dançado na íntegra aquando da apresentação do primeiro programa.



«Shining», uma coreografia de Graeme Murphy

EXPOSIÇÕES

MUSEU NACIONAL DO TEATRO: exposição «A Companhia Rey Colaço-Robles Monteiro».

MUSEU NACIONAL DO TRAJE: as exposições «Travessia sobre a Época de Fernando Pessoa», «O Traje na Dança», «Traje de Ópera-Guarda-Roupa de Tomás Alcaide» e «Colchas de Emelinda Cargaleiro».

MUSEU TAVARES PROENÇA JUNIOR (Castelo Branco): uma colectiva de pintura com trabalhos de 19 artistas da «Margem»-Associação de Artistas Plásticos do Concelho de Almada e ainda do artista convidado, João Sena.

MUSEU DE ETNOLOGIA: as exposições «Timor de Ruy Cinatti», «Índios da Amazônia» e «Têxteis: Tecnologia e Simbolismo».

FUNDAÇÃO GULBENKIAN: a exposição comemorativa dos 80 anos de Maria Helena Vieira da Silva. Patente às quartas e sábados das 14 às 19,30 e terças, quintas, sextas e domingos das 10 às 17.

PALÁCIO NACIONAL DE MAFRA: a exposição «Tapetes Orientais» da Colecção Calouste Gulbenkian.

PALÁCIO NACIONAL DE SINTRA: até 3 de Agosto, a comissão de festas da Vila Velha organiza a IX Exposição de Artes Plásticas.

CASA DAS ARTES DE TAVIRA: até 5 de Agosto, um exposição de Ourivesaria.

GALERIA INTERNACIONAL DE ARTE (Quinta do Lago-Almancil): até 25 de Agosto, para inauguração da galeria, aquarelas e óleos de John O'Connor.

O OUTRO LADO DO ESPELHO (R. dr. Alfredo Costa-Sintra): até 10 de Agosto, todos os dias das 10 às 13 e das 15 às 20, «Linhas Lunares»-Desenho de João Dionísio.

ARCADAS DO PARQUE (Estoril) a Junta de Turismo apresenta uma colectiva de Escultura & Tapeçaria. Dias úteis das 9 às 20, domingos e feriados das 10 às 18.

GALERIA TEMPO (R. Nova de S. Mamede, 17-A): até 31 de Julho, de segunda a sábado das 16 às 20, a colectiva de verão com pintura, desenho e escultura de autores nacionais e estrangeiros.

MONTE-MOR-0-VELHO: no âmbito do CITEMOR 88, uma retrospectiva da obra gravada de Manuel Cargaleiro em exposição na galeria do Posto de Turismo local.

LIVRARIA BARATA (Av. de Roma, 11-A): a exposição de Sam, «Uterus Communis».

GALERIA DE ARTE ARCADEA (Estoril): exposição de Cerâmica com obras de Jorge Mealha e Janet Brown, de quarta a segunda-feira das 11 às 13 e das 14 às 20.

CODILIVRO (Pº Dr. Nuno Pinheiro Torres): até 31 de Julho, uma colectiva de pintura intitulada «Cães, Gatos e Outros Bichos» com trabalhos de Teresa Silva e Guy Ferreira entre outros.

GALERIA ZEN (R. D. Manuel II, 246-Porto): até 19 de Agosto, pintura de Manuel Baptista, de segunda a sexta das 15 às 20.

GALERIA ARA (C. C. Libersil, loja 48-Av. da Liberdade): até 31 de Julho, todos os dias das 12 às 22 horas, pintura de Carlos Dugos e escultura de Figueiredo Sobral.

GALERIA DO CASINO ESTORIL: até 31 de Julho, uma exposição de pintura de Costa Martins, inteiramente dedicada a Lisboa.

FORUM PICOAS: até 30 de Julho, uma exposição de jovens pintores espanhóis intitulada «Paisajes». Patente das 9 às 24 horas.

GALERIA ALGARVE (Pátio da Aldeia, Alreias de S. João-Albufeira): para

inauguração deste novo espaço cultural, ur exposição de aquarelas de Júlio Resende.

VILAMOURA MARINOTEL (Quarteira): até 31 de Julho, uma exposição de pintura de Martins Gomes.

CENTRO CULTURAL SÃO LOURENÇO (Almancil): até 9 de Setembro, pintura de António Pimentel.

GALERIA VIRAGEM (Cascais): até 31 de Julho, a primeira exposição individual de João Samina (pintura), todos os dias das 15 às 19.

C.C. O PESCADOR (Costa de Caparica): até 31 de Julho, tapetes de Arraiolos e cerâmica de Manuela Cerqueira, patente todos os dias das 17 às 23.

GALERIA ARTELA (R. prof. João Barreiro, loja 15-Telheiras): até 31 de Julho, serigrafias de Vieira da Silva e Arpad Szenes.

GALERIA ALMADARTE (Shopping Center Marimar-Caparica): até 19 de Agosto, pintura de Pedro Olayo (filho). Todos os dias das 15 às 23.

Patente também a exposição permanente da galeria.

GALERIA ATELIER E. C. (Várzea de Colares): até 7 de Agosto, pintura de Manuel da Silva, às quartas das 16 às 19, sextas, sábados, domingos e feriados das 12 às 20 horas.

GALERIA SPATIUM (Tavira): até 16 de Agosto, pintura de Joaquim Bravo.

GRUPO DRAMÁTICO POVOENSE (Póvoa de Santa Iria): até 31 de Julho, uma colectiva de pintura integrada no programa «Arte Jovem» da Câmara Municipal de Vila Franca de Xira.

OCTÓGONO (Av. Visconde Valmor, 2): até 28 de Julho, de segunda a sexta das 15 às 19,30, a exposição de pintura de Fernando Martins «Rafes de Vento».

MUSEU DE SETÚBAL (Convento de Jesus): até 20 de Agosto, uma grande exposição de Eurico Gonçalves, um dos mais importantes nomes do movimento surrealista na pintura portuguesa.

Até 28 de Agosto, uma exposição sobre «Laureano Rocha - 50 anos ao serviço do Turismo e da Cultura setubalenses».

TAVIRA (Posto de Turismo): até 25 de Julho, a exposição itinerante «Estações Floridas».

FARO (Museu Arqueológico): até 25 de Julho, a exposição «Vinte Anos Depois» de Zé Manuel.

GALERIA ARTEX (R. Nova do Almada, 87): até 10 de Setembro, uma colectiva de Pintura com a participação de Alfredo Luz, Ilídia Soares Lopes, Lívio Moraes, Mário Silva, Paulo Afonso, Paulo Ossião e Silva Palmeira.

ATELIER 15 (R. Freitas Gazul, 24-D): até 6 de Agosto a exposição «Tauromaquias» - desenhos de José Noel Perdigão. Patente de segunda a sexta das 18 às 21, sábados das 15 às 19.

MOSTEIRO DOS JERÓNIMOS: até 31 de Julho, uma colectiva de Pintura que reúne cerca de uma centena de obras de 46 dos mais significativos nomes entre os artistas portugueses contemporâneos.

LAGOS: até 30 de Julho, a IV Bienal de Artes Plásticas.

ARCO (R. de Santiago, 18): até 25 de Julho, de segunda a sexta das 10 às 18, uma mostra colectiva de fotografias executadas por fotógrafos do sector de formação/aprendizagem.

COOPERATIVA ÁRVORE (Porto): até dia 27 de Julho, duas exposições: uma de tapeçaria de Maria Antónia Santos e outra de desenho de Joaquim Mónica Filipe.

GALERIA 48 (Av. D. Vasco da Gama, 48-A): até 29 de Julho, a exposição «Tendências da Paisagem» com obras de Alice Jorge, Alves de Sá, Augusto Barros, Bernardo Marques, Catarina Rocha, Felippa Lobato, Gracinda Candeias, João Moniz, Jorge Freire, José Augusto, Maria Gbriel, Nuno da Câmara Pereira, Romy Castro e Tomás Mateus. De segunda a sexta das 14 às 20,30.

PALÁCIO DOS ANJOS (Algés): a Câmara Municipal de Oeiras expõe até 8 de Agosto, entre as 14 e as 20 horas, o seu património artístico, no total de 35 obras.

GALERIA 6.0.1 (Av. António José de Almeida, 7): até 29 de Julho, uma exposição de 9 «naifs».

DISCO-PUB 111 (R. de S. Marçal, 111): até 25 de Julho, diário das 19,30 às 3,30, a exposição «Olhar Relevos» com obras de Mria Cristina, Maria Helena e Maria da Paz.

CASA DE BOGAGE (Setúbal): até 24 de Julho, a exposição «Cores em Movimento» - pintura e desenho no feminino.

GALERIA DIFERENÇA (R. S. Filipe Nery, 42): até 30 de Julho, de terça a sexta das 15 às 20, sábados e domingos das 16 às 19, «Arte High-Tech em Questão», uma colectiva organizada por E. M. de Melo e Castro com trabalhos do próprio organizador e ainda de Cecília Melo e Castro, Pedro Barbosa, Silvestre Pestana, Clara Menêres e Eduardo Kac.

GALERIA DE SANTA JUSTA (R. de Santa Justa, 93-2º): até 28 de Julho, de segunda a sexta das 15 às 20, pintura de Verónica Nel.

GALERIA MIRON (R. do Mirante, 14 r/c à Feira da Ladra): até 30 de Julho, uma colectiva de Arte Contemporânea.

GALERIA 12 A (Costa do Castelo, 12-A): até 28 de Julho, uma exposição de fotografias de Luís Silva.

NEUPERGAMA (Torres Novas): até 31 de Julho, de segunda a sexta das 14 às 20, sábados das 10 às 13 e das 16 às 19, domingos e feriados das 16 às 19, uma colectiva com trabalhos de «18 Pintores Contemporâneos».

SOLAR DA PRAÇA DE SANTA MARIA ÓBIDOS: até 31 de Julho uma colectiva com obras de alguns dos mais destacados ceramistas do país.

MUSEU DE JOSÉ MALHOA (Caldas da Rainha): a exposição «A Arte da Miniatura em Barro -

Escultores e Barristas» integrada na Feira Nacional da Cerâmica/88. Paralelamente, a exposição «Gravuras da Colecção Calouste Gulbenkian».

BAILADO

GULBENKIAN (anfiteatro ao ar livre): às 22 horas, último espectáculo da Sidney Dance Company com «Tabula Rasa», «Black and Blue» e o 3º acto de «Shining».

CINEMA

CINEMATECA PORTUGUESA: Ciclo Série B - às 15,30 «Discrimination Murder»/1950, de Edward L. Cahn; às 18,30 «Stranger On The Third Floor»/ 1940, de Boris Ingster; às 21,30 «Detour»/ 1945, de Edgar G. Ulmer.

MUSICA

TEATRO ACADEMIA (Almada): às 21,30, integrado no Festival de Música dos Capuchos, um concerto pela Orquestra Filarmónica de Moscovo dirigida pelo maestro Dimitri Kitayenco, com o pianista Sequeira Costa. Obras Rachmaninov e Tchaikovsky.

PALÁCIO DA CIDADELA (Cascais): integrado no Festival de Música da Costa do Estoril, às 21,30 a Capela Lusitana e Escola Cantorum Lusitana em música portuguesa dos séc. XVI e XVII para voz, trompete, sacabuxa, fagote e órgão.

VILA NOVA DE GAIA (Caves Sandeman): às 21,30 concerto pela Nova Filarmonia Portuguesa dirigida por Álvaro Cassuto com obras de Rossini, Mendelssohn e Prokofiev. Amanhã, às 17 horas, concerto pela mesma orquestra no salão nobre da Câmara de Matosinhos.

CASINO ESTORIL: esta noite, a partir das 20,30, o segundo e último espectáculo dos Platters, com jantar.



MÉDICO
DE
URGÊNCIA

76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE (Sábado) — BAIRO ALTO: Pinharanda, R. da Rosa, 94-96 (T. 321534); **BOA-HORA — AJUDA: Boa-Hora,** R. dos Quarteis, 25-27 (T. 637777); **CAMPO DE OURIQUE:** Porfício, R. Francisco Metras, 45-B (T. 663349); **CHASAS — C. OLEGIO VAL-SASSINA:** Santos Silva, zona n.º 2, Chelas, Bloco III, lote 226, loja 22 (T. 851265); **CHILE:** Bastos, R. Morais Soares, 91-D (T. 844350); **CONDE REDONDO:** Salus, R. Luciano Cordeiro, 73 (T. 542239); **ENCARNAÇÃO:** Ascenso, P. do Norte, 11-A (T. 311216); **FEIRA POPULAR — AVENIDA DA REPÚBLICA:** Alcântara, Av. da República, 74-A (T. 771379); **LUMIAR — QUINTA DO LAMBERT:** Reis, R. Pedro Bandeira, 2 A; **PRACA DE LONDRES:** Imperial, Av. Guerra Junqueiro, 30 B (T. 886860); **SÃO DOMINGOS DE BENFICA:** Sousa, E. de Benfca, 429-431 (T. 780027); **SÃO SEBASTIÃO:** São Sebastião, L. de São Sebastião da Pedreira, 1-3 (T. 548642); **CARNAXIDE:** Central de Carnaxide, Av. de Portugal, 16-B (T. 2184913); **ODIVELAS:** Joleni, R. Dr. Alexandre Braga, 3-B (T. 9810812); **PONTINHA:** Cruz Correia, E. de Santo Elói, 41-A (T. 992453).

PERMANENTE (Domingo) — AREIRO — APEADEIRO: Chinde, R. Agostinho Lourenço, 6-B (T. 890331); **CALVÁRIO:** Monge, R. dos Lusíadas, 30-32 (T. 636704); **CAMPO DE OURIQUE:** Castro Fonseca, R. 4 de Infantaria, 28-A (T. 688857); **CAMPO PEQUENO — AVENIDA DE ROMENA:** Galeno, Av. Oscar Monteiro Torres, 38-A (T. 774920); **CARNIDE:** Guimarães Morais, R. Neves Costa, 33-35, CONDE BARRO: Moz Teixeira, R. Poço dos Negros, 117 (T. 601961); **ENCOSTA DO RESTELO — MOINHOS:** Tanara, R. Rodrigo Reinel, 3-A (T. 611814); **ESTEFANIA:** Universal, R. Actor Taborda, 5-7 (T. 544158); **LUMIAR:** Alameda, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T. 790942); **MARQUES DO POMBAL:** Liberal, Av. da Liberdade, 219 (T. 543641); **MARTIM MONIZ:** Tavares, R. da Palma, 194 (T. 863350); **SAPADORES:** Branquinho, R. dos Sapadões, 87-89 (T. 842725); **RANDAO — AMADORA:** Tavares de Matos, R. Irene Lisboa, lote 108 (T. 993220); **CARNAXIDE:** Central de Carnaxide, Av. de Portugal, 16-B (T. 2184913); **ODIVELAS:** Catela Tavares, Av. Prof. Dr. Augusto Abreu Lopes, 29-A (T. 9815446); **PONTINHA:** Pimentel, Az. dos Besouros, lote R 8 (T. 991328).

Outra Banda — ALMADA: Algarve, R. Fernão Lopes, 1 (T. 2750271). Permanente; **COVA DA PIEDADE:** Atlântico, Av. Rainha D. Leonor, 45-A (T. 276466). Permanente; **MONTE DE CAPARICA:** Guerreiro, lote 31-I-J, Moinho (T. 2950727). Até às 19 horas; **COSTA DE CAPARICA:** Higienica, Av. da República, 24 (T. 2300020). Até às 19 horas; **FELJO:** Tovar Chaves, R. Dr. António Elvas, 104-D (T. 2298572). Até às 22 horas; **SESIMBRA:** Lopes, R. Cândido dos Reis, 21 (T. 2233028). Até às 19 horas; **LAVRADIO:** Parreira, R. D. Silva Cristino, 15-A (T. 2042016). Até às 19 horas; **BARREIRO:** Higienica, R. D. Manuel I, 178 (T. 2072017). Permanente; **BAIXA DA BANHEIRA:** Teixeira,

B. de Moçambique, 84-B (T. 2040946). Até às 19 horas; **CORROIOS:** Universo, E. Nacional, 10 (T. 2290084). Até às 19 horas; **AMORA:** Matos Lopes, R. 1.º de Maio, lote 401 (T. 2216824). Até às 22 horas; **TORRE DA MARI-NHA:** Alves Velho, L. de Camões, 27 (T. 221132). Até às 22 horas; **MONTIJO:** Moderna, R. Bulhão Pato, 60 (T. 2310156). Até às 22 horas; **MOITA:** União Moitense, Av. Dr. Teófilo Braga (T. 239025). Até às 19 horas; **ALHOS VEDROS:** Portugal, Av. da Bela Rosa, 8 (T. 2040250). Até às 19 horas; **ALCOCHETE:** Nunes, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 2340127). Até às 19 horas; **SETUBAL:** Fuzeta, Permanente; **Saião,** Av. da Portela, 55 (T. 22709). Permanente; **Normal do Sul,** P. do Bocage, 137 (T. 22216). Até às 22 horas.

Linha de Cascais — ALGÉS: Miraflores, R. Dr. António Granjo, 2-B (T. 4101161). Permanente; **LINDA-A-VELHA:** Melo Almeida, R. D. Diogo Couto, lote 182 (T. 4191697). Permanente; **CAXIAS:** Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T. 2432839). Permanente; **OEL-RAS:** Coeiras, L. Henrique de Paiva Couceiro (T. 2430485). Permanente; **CARCAVELOS:** Vilar, Av. Maria da Conceição, lote B (T. 2470777). Permanente; **PARADE:** Mendes Junqueiro, R. de Luanda, lote 5 (T. 2477838). Permanente; **CASCAIS:** Marginal, Av. Marginal (T. 280078). Permanente.

Linha de Sintra — AMADORA: Clabel, R. António Sardinha, 23-D (T. 4938551). Permanente; **Carlos,** R. Sebastião da Gama, 28, Casal de São Brás. Permanente; **Heleno,** R. 1, lote C, Reboleira Sul (T. 964796). Até às 22 horas; **QUELÚZ:** Queluz, Av. Miguel Bombarda, 123-A (T. 965849). Permanente; **CAMARATE:** Batalha, R. Avelino S. Oliveira, 5 (T. 2571069). Até às 19 horas; **CACEM:** Garcia, Av. dos Missionários, 2 (T. 9242181). Permanente; **ALGUEIRAO:** Vitor Manuel, E. de Algueirão, 123 (T. 9217814). Permanente; **MERCES:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A (T. 9215275). Até às 22 horas; **RIO DE MOURO:** Riomouro, Av. Oscar Monteiro Torres, 6 (T. 9262006). Até às 22 horas; **SINTRA:** Misericórdia, Penedo, 17 (T. 9231070). Permanente; **COLARES:** Abreja (T. 9290088).

Outras Farmácias — SACAEM: Lourenço, Av. Almirante Reis, 31 (T. 2518151). Permanente.

Porto — DE DIA E TODA A NOITE — PASTELEIRA: R. André de Rezende, 92; **SAMPAIO,** R. de Cedofeita, 636, à Carvalhosa; **COSME,** R. de Costa Cabral, 584; **SÃO ROQUE DA LAMEIRA,** R. de São Roque da Lameira, 1111; **CENTRAL,** R. 31 de Janeiro, 203.

Coimbra — CENTRAL, R. da Sofia, 19-21 (T. 32089); **SITALIA,** L. da Sé Velha, 13-14 (T. 23234).

TEATROS

Ritz Club

R. da Glória, 57 — Tel. 32 51 40

De 3.ª a domingo, às 21.30;

«O BAILE». Pelo grupo de teatro «A Barraca». Encenação de Hélder Costa. Interpretação de Maria do Céu Guerra, Maria João Luís, Paula de Sousa, Maria Teresa Faria, Leonor Alcácer, Marta Terno, Margarida Barão, António Cardoso, Luís Tamar, Vítor Torres, Paulo Oom e Miguel Rodrigues.

TIL

Rua Leão de Oliveira, 1 (ao Calvário)

Tel. 639974

(Sábados e domingos, às 16.00)

«A NÚVEM QUE NAO QUERIA CHOVER», de Fernando Bento Gomes.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

De 4.ª a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«A RUA», de Jim Cartwright. Pelo Novo Grupo. Versão de João Lourenço e Vera San Payo de Le-mos. Encenação de João Lourenço. Cenografia de José Carlos Barros. Figurinos de Maria Gonzaga. Música de Eduardo Paes Mamede e Simon Wads.

Teatro do Bairro Alto

R. Tenente Raul Cascais, 1-A — Tel. 66 15 15

De terça a sábado, às 21.30; domingo, às 16.00

«AUTO DA FEIRA», de Gil Vicente. Pelo Teatro da Cornucópia. Dramaturgia: Luís Filipe Lindley Cintra/João Nuno Alçada. Encenação: Luís Miguel Cintra. Cenários e figurinos: Cristina Reis. Música: Paulo Brandão. Intérpretes: Alda Rodrigues, Gilberto Gonçalves, José Manuel Mendes, Luís Miguel Cintra, Luís Lima Barreto, Márcia Breia, Rogério Vieira, Teresa Madruga, José Wal-lenstein, Miguel Guilherme, António Fonseca e alunos do Conservatório Nacional.

Teatro Municipal de Almada

R. Conde Ferreira — Tel. 275 21 75

De terça a domingo, às 21.30; sábados e domingos, também às 16.00

«D. ROSINHA A SOLTEIRA», de Federico Garcia Lorca. Encenação: Joaquim Benite. Cenários: Vasco Eloy. Interpretação: Ana Nave, António Assunção, Bibi Gomes, Cecília Guimarães, Fernando Jorge, João Azevedo, Josefina Correia, Luiza Paramés, Manuela Cassola, Manuela Costa, Margarida Leal, Mário Timóteo e Teresa Gafeira.

Teatro Iberico

R. de Xabregas, 54 — Tel. 38 25 31

De terça a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«OS VELHOS NÃO DEVEM NAMORAR», de Alfonso Castela. Encenação: Xosé Blanco Xil. Intérpretes: António Filipe, Francisco Soromenho, Jorge Sousa Costa, Fernanda Montemor, Fernanda Figueiredo, Leonor Poira, Maria José Baião, Alexandra Sedas, Artur Mendonça, Paulo d'Araújo e António Liza.

Teatro Maizum

R. dos Poiais de S. Bento, 75-B, Telef. 601866. De 4.ª a sáb., às 21.30; dom., às 16.

LISBOA MONUMENTAL, de Fialho de Almeida, pelo Teatro Maizum. Enc. de Silvana Pereira, dram. de Manuel João Gomes, cen. de Henrique Nunes, fig. de Ana Andrade, mús. de Rui Luís Pereira e int. de Alfredo Brito, Fernando Candeias, Filipe Petronilho, Isabel Fernandes, José Lopes e Silvana Pereira.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

De 3.ª a sábado, às 21.45; domingo, às 17.00.

Preço: 500\$00 (desconto para estudantes).

«DEUS OS FEZ, DEUS OS JUNTOU», baseado em 4 contos de Anton Tchekhov. Encenação de Mário Vieras. Interpretação de Mário Viegas, Manuela Freitas, Juvenal Garcês e Adélia Loureiro.

Teatro ARC

Parque Mayer — Tel. 36 67 45

De 3.ª a sábado, às 20.30 e 22.45; sábados, domingos e feriados, às 16.00; domingos, às 21.30

«OLHA A BOLSA Ó ZÉ». Com Carlos Miguel, Natalina José, Joel Branco, Glória Cristal, Amélia Videira, Paulo César, João Rodrigo e Rui de Sá, entre outros.

Espaço CESL

R. Almirante Barroso, 3

De 4.ª a sábado, às 21.45; sábados e domingos, às 17.00

«O QUEBRA-MAR», de Steven Berkoff. Encenação de Durval Lucena. Cenários de Fernando Pinto. Interpretação de Durval Lucena e Júlia Correia.

Nacional D. Maria II

Rossio, Telef. 372246

Sala Garrett: de 3.ª a sáb., às 21.30; sáb. também às 16.

O FIDALGO APRENDIZ, de D. Francisco Manuel de Melo, em versão atualizada de Norberto Varela Silva e Octávio Clérigo, cen e fig. de Octávio Clérigo mús. de Fernando Guerra, direc. mus. de Jorge Machado, apoio vocal de Luís Madureira, apoio coreog. de Vicente Trindade e int. de Raul Solnado, Ruy de Carvalho, Barroso Lopes, entre outros.

Sala Experimental: de 3.ª a sáb. às 21.45; dom., às 16. Estreia: dia 3.

CRIMES DO CORAÇÃO, de Beth Henley. Encenação de João Canijo. Interpretações de António Feio, Margarida Rosa Rodrigues, João Cabral, Rita Blanco, Susana Borges e Teresa Corte-Real.

Estoril — Teatro Mirta Casimiro

Avenida Fausto de Figueiredo, tel. ef. 2670320. De 4.ª a sáb. às 21.30; domingo às 17

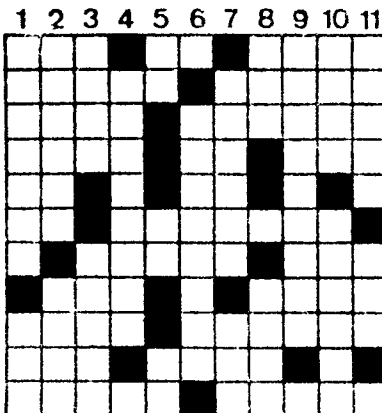
«OPERETA», de Gombrowicz, pelo TEC-Teatro Experimental de Cascais. Enc. Carlos Avilez, cen. e fig. Paulo Seabra, mús. orig. Luís Pedro Fonseca, coreog. Sara Oliveira, apoio corp. George Sto-baerts, apoio vocal Cristina Castro.

PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N. 17 397

HORIZONTAIS:

- 1 Cabo na costa de Marrocos em frente às Canárias. Tempo do verbo haver. Desabar.
- 2 A alma. Paludam.
- 3 Estorvo. Repusam.
- 4 Impulso. Érbio (s.q). Estima.
- 5 Nota musical. Senhor.
- 6 Pertences. Vila e sede de concelho (Coimbra).
- 7 Lodos. Um cento.
- 8 Calote. Fogão rústico constituído de pedras soltas, sobre as quais assentam as panelas (Bras).
- 9 Tempo do verbo ser. Velhaco (pop).
- 10 Dá aviso de alguma coisa em voz alta. Filtrar.
- 11 Cidade de Itália. Peneira



VERTICAIS:

- 1 Cidade de Itália. Preposição.
- 2 Flores também chamadas lírios-do-campo. Planta narcótica.
- 3 Um dos Estados da América do Norte. Raça (pl).
- 4 Touro novo.
- 5 Hólmio (s.q). Antiga unidade monetária da Alemanha. Aqui.
- 6 Mágica.
- 7 Carapuças. Chefe etíope.
- 8 Coragem. Um dos Estados do Brasil.
- 9 Aqueles que padecem de asma.
- 10 Parcela (fig). Camas.
- 11 Nome de frutos. Cidade da Índia.

Resolveu completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N 17 395

HORIZONTAIS:

- 1 TEM POUCOS
- 2 Oleo. Acon
- 3 Mas. Anatava
- 4 Amancebura
- 5 Der. Anari
- 6 And. An
- 7 Mi. Ha. PS
- 8 Iron. No
- 9 Gosma. Rolat
- 10 Osa. Brava
- 11 Sassa. Sango

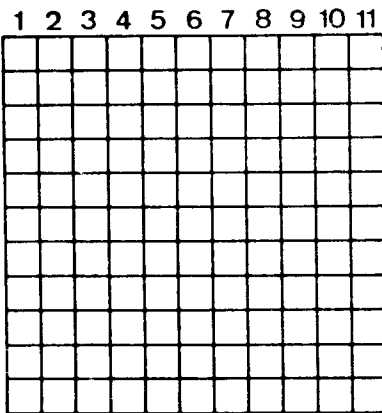
VERTICAIS:

- 1 Toma. AMIGOS
- 2 Lam. Irosa
- 3 Mesada. Osas
- 4 NENHUM
- 5 Avela. Aba
- 6 Orne
- 7 Ana. Poras
- 8 Carapa. Osa
- 9 Ocarat. Mar
- 10 Soveras
- 11 Ra. INIMIGO

PROVERBIO: Tem poucos amigos, nenhum inimigo.

HORIZONTAIS:

- 1 Deusa das flores e dos jardins. Milho torrado que se reduz a pó temperado com azeite de cheiro e mel de abelhas.
- 2 Conjunção. Esmurrar.
- 3 Freguesia do concelho de Oliveira do Bairro. Nome de mulher.
- 4 Involgar. Irmão de Moisés.
- 5 Sigla de Instituto de Selecção e Orientação Profissional, órgão da Fundação Getúlio Vargas Reis.
- 6 Rio de França e da Alemanha. Preposição.
- 7 Remam para trás. Direcções.
- 8 Tenho forças, coragem para. Magnete natural.
- 9 Anel. Transpira. Criminoso.
- 10 Cidade da antiga Caldeia. Antiga unidade monetária da Alemanha.
- 11 Silhueta (fig). Três mil e um em romano.



VERTICAIS:

- 1 Ilha do arquipélago dos Açores. Naípe das cartas de jogar.
- 2 Seguiu. Vou em auxílio de.
- 3 Califa que mandou incendiar a Biblioteca de Alexandria. Alegria.
- 4 Batráquio. Encolerezas. Rubídio (s.q).
- 5 Guarnecêsemos de asas.
- 6 Larva das feridas dos animais.
- 7 Fugiram do perigo.
- 8 Olé. Rio da Sibéria.
- 9 Transportaremos às costas.
- 10 Oferecerás.
- 11 Cidade da Argélia. Tomei sobre mim.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N 16 215

HORIZONTAIS:

- 1 Raposas
- 2 Ta. Mata. Mor
- 3 Ama. Oato. Ra
- 4 Rata. Ma
- 5 Arame. Mae
- 6 Acordaras
- 7 Mura. Cai
- 8 Sor. Omat
- 9 Sots. Ara. Em
- 10 Aos. Diana
- 11 Ass. Assas

VERTICAIS:

- 1 Mata. Massa
- 2 Amara
- 3 Atacaras
- 4 Am. Amoroso
- 5 Pao. Eras. Se
- 6 Otao
- 7 Sai. Acorda
- 8 Om. Remata
- 9 Sm. Amata. As
- 10 Or. As. Rena
- 11 Arabe. Mas

Rádio

Antena Um

14.00: Vivosábado; 19.00: Actual; 20.00: Sábado suave e música portuguesa; 23.30: Tempo de teatro. Noticiários de hora a hora.

Desdobramento em Onda Média-Emissoras do Litoral Continental

20.00: No estúdio e no estúdio; 21.00: No estúdio e no estúdio; 22.00: No estúdio e no estúdio. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

17.00: Uma hora, com Maurice Ravel; 18.00: Momento de sonata, de César Franck; 18.30: A literatura na música; 19.40: Música de câmara; 20.40: Obras, para piano a quatro mãos, de Robert Schumann; 21.00: Ângulos e reflexos; 22.00: Concerto para piano e orquestra em lá menor op. 16, de Grieg; 22.30: Música sinfónica, de Jean Sibelius; 23.00: Intercâmbio musical; 00.35: Sinfonia, n.º 43, em mi bemol maior, de Joseph Haydn; 01.00: Concerto nocturno; 02.00: Música na madrugada em disco compacto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL Onda Média

(283, 290 e 397m)

15.00: Fim de-semana; 19.00: Quando o telefone toca; 20.00: Genérico; 21.00: Fim de-semana; 23.00: 24.ª hora; 01.00: Música portuguesa; 03.00: Guarda nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

16.00: Lança-chamas; 18.00: Top do TNT; 19.00: Música da América; 20.00: Luso-clube; 22.00: Regresso ao futuro; 00.00: Um toque de classe; 02.00: Guarda nocturno. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

14.00: Frente desportiva; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: A hora dos clássicos; 20.00: Sombra/sol; 20.30: Conversa de amigos; 21.00: Vozes na música; 22.00: Encontros; 23.00: Bola branca; 23.30: Suplemento especial da BBC; 23.55: Meditando.

RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

14.00: Fábrica de música; 18.00: Oblá-di-oblá-dá; 19.00: Colar de pérolas; 21.00: Rios negros; 22.00: Os amigos de Alex; 23.58: A vida também se diz.

Voz do Alentejo

15.00: Largo da Sé; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Especial.

Voz do Alto Tâmega

14.00: Frente desportiva; 18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Miratâmega.

Voz de Lisboa

15.00: Clube fim-de-semana; 18.00: Bola branca; 18.30: Meia de jazz; 19.00: Bric-à-brac; 20.00: Diálogo; 20.30: Transmissão do terço.

RTP

16.10 - Sessão da Tarde

«O Morto Vivo»

17.40 - Allô, Allô

18.10 - Vivamúsica

19.10 - Sete Folhas

19.45 - Totoloto

20.00 - Jornal de Sábado

21.15 - ALF, Uma Coisa do Outro Mundo

6º episódio: Alf convence Willie a dar uma festa especial para impressionar o patrão. No entanto, a situação complica-se para os Tanners quando Alf se transforma no centro das atenções de todos os convidados.

Realização de Burt Brinckerhoff

22.00 - Clubíssimo

Participam Henrique Viana, Graça Braz, José Pedro Gomes, António Feio, Manuel Coelho, Fernando Ferrão, Helena Isabel, Raquel Almeida, Eva Cristina, Margarida Reia e Carla Wahnnon.

Artistas convidados: Ana, Henrique, Marco Paulo, Teresa Mauiko, Ban e Maria Viana.

23.00 - Volta a França em bicicleta

23.10 - Cinema da Meia Noite

«Julia»: Anos 30. Numa casa da costa leste dos EUA, a escritora Lillian Hellman tenta concluir a sua primeira peça, escutando atentamente as sugestões do seu companheiro Dashiell Hammett, também escritor. Lillian recorda-se da sua amiga de infância, Julia, agora em Viena para estudar com Freud. Lillian empreende, então, uma viagem à Europa. Em Paris, vem a saber que Julia, como muitos outros cidadãos de origem judaica, começou a sentir os efeitos das perseguições nazis.

Interpretação: Jane Fonda, Vanessa Redgrave,



Amanhã no 1º canal às 21.50, o 6º episódio da série «Acasos de Guerra»

Jason Robards, Maximilian Schell, Hal Holbrook, Rosemary Murphy, Meryl Streep.

Realização: Fred Zinnemann



16.00 - Troféu

16.00/16.55 - Ténis: Final de Singulares do Open da Madeira

17.00/18.00 - Ciclismo: perspectivas da Volta a Portugal-88

18.00/18.30: Ténis: Final de «Pares» do Open da Madeira

18.30/19.00 - Reportagens diversas

19.00/20.00 - Golfe na Carregueira

20.00 - Music Box

«Off the Wall»

20.55 - Uma Boa Ideia

21.20 - Molière - Comédia e Drama

Em finais do reinado de Luis XII, um burguês de Paris que se dedica ao fabrico de móveis e sofás não cabe em si de contente: o seu filho, Jean-Baptiste Poquelin, está prestes a tornar-se advogado e a esquecer a sua «pecaminosa» relação amorosa com a actriz Madelein Béjart. No entanto, de um momento para o outro, Jean-Baptiste corta relações com a família, abandona os estudos de Direito e parte com a sua companheira comediantes à aventura pelo Midi. É nessa região que Jean-Baptiste Poquelin decide então dar livre curso à sua paixão pelo Teatro e fundar uma pequena companhia, dando o sugestivo nome de «L'illustre Théâtre» e passando ele próprio a ser conhecido como Molière. Uma realização de Claude Brulé.

22.15 - Concorde... ou Talvez Não

Tema: O Divórcio

23.50 - Música n'América



No 2º canal às 21.20, o 1º episódio da série «Molière - Comédia e Drama»

AMANHÃ

RTP-1

10.01 - Juventude e Família
11.15 - Eucaristia Dominical
12.05 - 70X7
12.30 - TV Rural
13.00 - Notícias
13.10 - Um País de Floresta
13.35 - O Continente Americano
14.35 - Primeira Matinée
«A Ponte Estreita»
16.15 - Deixem Passar a Música Com Paulo de Carvalho
17.10 - Filme Português «A Menina da Rádio»
19.00 - O Justiceiro
20.00 - Jornal de Domingo
20.30 - O Tempo
20.35 - Acasos da Guerra
21.50 - Cacau da Ribeira
23.55 - Domingo Desportivo
Inclui volta à França em bicicleta

RTP-2

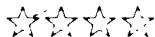
10.00 - Troféu
12.15 - Novos Horizontes
12.40 - Caminhos
13.10 - Troféu
17.00 - Ideias e Negócios
18.05 - 5ª Dimensão
18.55 - Piana Bar
20.00 - Quem Sai aos Seus
20.25 - Artes e Letras
«Seurat»
21.10 - É Tudo Comédia
21.45 - Cineclube
«Fugiu um Condenado à Morte»



ESPECIAL FÉRIAS/88

no HOTEL DO PARQUE

VIANA DO CASTELO



O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um programa especial «Férias 88» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, etc.

Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço

OUTUBRO NOVEMBRO E DEZEMBRO

Programa 1: 11 700\$00 - 6 noites/7 dias c/entrada DOMINGO e saída SÁBADO.

Programa 2: 14 700\$00 - 7 noites/8 dias. Entrada a qualquer dia.

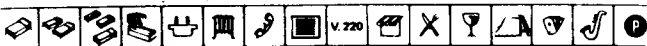
JULHO, AGOSTO, SETEMBRO

13 500\$00 - Programa 1 16 800\$00 - Programa 2

• Peq. Suplemento p/ocupação single.

• 1 a 31 de Agosto supl: 1 000\$00/dia/quarto em qualquer modalidade.

Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 88», por escrito para CP 4900 ou telef. (058)24151/5, Telex 32511 HOPARC P ou no seu AGENTE DE VIAGENS.



GRUNDIG

a segurança de um grande nome

seleccionou para si...

RTP-1

Cinema da Meia-Noite

RTP-2

Música na América

Assistência Técnica Grundig NACIONAL RÁDIO

Rua Bento Jesus Caraca, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871



Roque Santeiro

O Presidente da República despediu-se esta manhã da «Presidência fluvial» que o levou a terras do Douro: muitos milhares de pessoas postaram-se junto à berma da estrada e nas localidades por onde deveria passar a comitiva oficial. Ambiente completo de festa com foguetes, bandas e outras manifestações de apreço pela decisão de Soares, ao pretender, com esta viagem, promover a região do Douro.



DECO acusa pelo menos seis

Seguradoras violam lei de assistência em viagem

Há empresas seguradoras que estão a violar a lei dos seguros de assistência de viagem — acusa a Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor (DECO), com base em várias queixas de consumidores. Por seu turno, o Instituto Nacional de Defesa do Consumidor, organismo dependente do Ministério do Planeamento e da administração do território, tornou pública uma nota à Imprensa, na qual informa sobre «o seguro de assistência em viagem e os interesses consulidores».

Empresas seguradoras ofereceram, recentemente, aos seus segurados do ramo automóvel, um novo seguro de assistência em viagem, apresentando-o como «complementar do seguro automóvel», que é — como todos sabem obrigatório nos Países da CEE. De uma forma geral, essas empresas seguradoras — seis pelo menos, segundo posição pública assumida pela DECO e pelo INDC — informaram o cliente que esse seguro entraria em vigor, a menos que ele o recusasse expressamente.

Mas não se ficaram — algumas delas — por isso: exigiram também que em caso de recusa, devolvessem um cartão que lhes é enviado. Parte das proposta contratuais concediam, inclusivamente, um prazo, na maioria dos casos de oito dias, para a recusa do seguro proposto, a partir de uma «habilidade» que, todavia, não passou despercebida aos clientes: é que a proposta não tinha data.

As relações entre segurados e as companhias de seguros estão tradicionalmente sujeitas a uma certa desconfiança, não só em Portugal, mas de forma mais flagrante entre nós. Essa desconfiança radica, por um lado, no desconhecimento por parte dos segurados da amplitude exacta dos seus direitos e da forma de os fazer valer, o que é reforçado pela linguagem cifrada e dificilmente decodificável das apólices e respectivas condições — nota o Instituto Nacional de Defesa do Consumidor.

O mesmo organismo chama a atenção para o decreto-lei 272/87 que, sobre «venda forçada» — um dos tipos de venda agressiva proibidos por aquele diploma —, sublinha ser «proibido o emprego, com fim de promover a distribuição, a retaliação de bens ou serviços, de práticas comerciais pelas quais, da falta de respostas de um consumidor a uma oferta ou proposta que lhe tenha sido dirigida, se presuma a sua aceitação».

O sector dos seguros é um dos que mais patenteia uma competição em crescendo da política de mercados, em que as companhias procuram naturalmente conquistar os segurados, o que não lhes está vedado. No entanto, quer neste como em muitos outros casos que por vezes ficam no silêncio, há situações que configuram a imagem de abuso, quase de coacção, como se poder inferior do vínculo a partir da não recusa. O seguro de assistência em viagem é em si interessante como novo produto do mercado, dele podendo resultar benefício para o próprio consumidor, uma vez que socializa os riscos — como nota o INDC.

Com efeito, como complemento do seguro automóvel, destina-se a cobrir riscos até aqui não cobertos pela generalidade dos seguros em vigor sendo o seu âmbito bastante mais alargado do que o destes, pois agrange qualquer tipo de transporte, o alojamento, reboque de veículo, assistência jurídica e o transporte do segurado e acompanhantes.

Não pode, contudo, é configurar como a que a DECO e a INDC denunciam, consubstanciando uma «venda forçada» que viola o decreto-lei, de 3 de Julho.

Nas condições acima descritas, essas propostas contratuais são ilegais e em caso algum o consumidor fica vinculado «ao cumprimento de qualquer obrigação, mesmo que nas ofertas ou propostas se tenha expressamente indicado que o decurso de um certo prazo sem qualquer reacção, implica a sua aceitação», diz a Associação Portuguesa para a Defesa do Consumidor-DECO, que refere as seguradoras «Mundial Confiança», «Tranquilidade», «Bonança», «Império» e «Fidelidade».



JOSÉ SARAMAGO foi a Pamplona ver as festas de San Fermin e sobre elas escreveu para a prestigiada revista espanhola «Cambio 16». A revista explica em introdução que «o autor capta nestas páginas uma imagem muito peculiar e distinta das habituais narrações sobre a festa dos 'sanfermines'. O escritor português acaba o seu texto evocando Hemingway e, ficcionando uma interpelação a ver passar o cortejo (?), a agradecer-lhe por ter escrito «Por quem os sinos dobram».

CHE GUEVARA terá o seu famoso «Diário» reeditado pela «Editoria Política» de Cuba. O volume, segundo foi anunciado, terá um total de 428 páginas e incluirá as 13 páginas de texto até agora inéditas em Cuba, além de fotografias, mapas e documentos. As páginas inéditas que não tinham chegado a Cuba aquando da publicação de «O Diário de Che na Bolívia», em 1968, correspondem aos dias 4, 5, 8 e 9 de Janeiro; 8 e 9 de Fevereiro, 14 de Março, 4 e 5 de Abril, 9 e 10 de Junho; 4 e 5 de Julho. O conjunto que será publicado compreende 336 notas do punho de Che Gue-

vara, de 7 de Novembro de 1966 a 7 de Outubro de 1967.

LUÍS BARBOSA, ex-dirigente centrista foi nomeado presidente da administração do Teatro de S. Carlos, para substituir Serras Formigal. Trata-se de uma remodelação nas «cabecas» do Teatro, que passarão a incluir ainda Teresa Vendas e Manuel José Vaz, enquanto para director artístico ribeirão da Fonte. O ex-ministro da Habitação é um economista por formação mas estudou música e fez locução de programas de música clássica na antiga Emissora nacional.

RUI MACHETE, nos termos de um despacho hoje publicado no «Diário da República», é o novo presidente do Conselho Executivo da Fundação Luso-Americana, em substituição de Donald Finberg. Com este deputado do PSD (onde preside às Comissões de Economia e à de Revisão Constitucional), ficam a dirigir a Fundação, Bernardino Gomes, Pedro Pires de Miranda e Charles Buchanan, Jr.. O novo presidente tem 48 anos e de-

sempenhou até agora diversos cargos em vários governos, incluindo o de vice-Primeiro Ministro.

JOSÉ JORGE LETRIA venceu o prémio de jornalismo atribuído pela Câmara Municipal do Seixal instituído a propósito do 150.º aniversário do concelho. Ao concurso — aberto com o objectivo de «assinalar esta data festiva e despertar o interesse público para o interesse histórico, sócio-económico e culturais deste município» — responderam 12 concorrentes de diversas regiões do país, incluindo o ramo de «jornalistas não profissionais». José Jorge Letria ganhou os cem mil escudos com um trabalho inserido em «o diário», onde exerce.

JOÃO CUNHA E SILVA obteve vitória de registar sobre o campeão argentino Guillermo Vilas, por 6-1, 4-1, em provas a contarem para os «75 mil dólares» de Clermont-Ferrand. Mas, agora, após quatro semanas de intensa actividade, o campeão nacional culminou com a participação na Oporto Cup, um dos períodos mais áureos da sua carreira profissional.

Brucelose mata gado bovino na zona de Odemira

Um surto de brucelose verificado na zona de Odemira, na costa do Baixo Alentejo, já matou mais de uma centena de cabeças de gado bovino, segundo informaram os serviços de pecuária da região, dependentes do Ministério da Agricultura, Pescas e Alimentação.

A doença, cujo foco foi agora detectado na charneca de Odemira, mais concretamente na freguesia de Salvador, é transportada através do gado comprodantes diversas feiras por negociantes «que não se certificam do seu estado sanitário», segundo disse à agência Lusa um informador daqueles serviços.

A brucelose, facilmente transmissível a outros animais através das pastagens e da água dos bebedouros, está a ser combatida e controlada pelos serviços sanitários da zona agrícola de Odemira.

Os agricultores e criadores de gado cujos efectivos pecuários tenham sido atingidos por esta doença são indemnizados em vinte mil escudos por cada cabeça perdida, acrescidos de 580 escudos por cada quilo de carneca.

Artejo leva Pessoa a Belém

Integrado na «Artejo 88», programa de animação cultural da zona ribeirinha organizado pelo pelouro da Cultura da Câmara de Lisboa e pela Casa de Cultura da Juventude de Lisboa, efectua-se esta tarde (das 15 às 19 horas) na Torre de Belém, uma iniciativa através da qual se pretende oferecer ao público a possibilidade de dialogar sobre Fernando Pessoa.

Integrado no evento, além dum colóquio que conta com a presença de Ernesto Melo e Castro, tem lugar uma exposição acerca de Pessoa, declamação de poesia por João D'Ávila e ainda música electrónica pelos «Telectu» com Jorge Lima Barreto e Victor Rua, e passagem de vídeos sobre as comemorações de Fernando Pessoa no Largo do Teatro de S. Carlos ocorridas nos passados dias 12 e 13 de Junho.

LER ESCRIVER

SUPLEMENTO SEMANAL DO «DIÁRIO DE LISBOA». SAI ÀS QUINTAS-FEIRAS.
NÃO PODE VENDER-SE SEPARADAMENTE DO RESTO DA EDIÇÃO. CORRESPONDÊNCIA: RUA LUZ SORIANO 44, 1200 LISBOA. TELEF. 32 02 71/32 02 72.
TELEX 12363.

Porque se escreve porque escrevo

Dias de Melo

Dedico este trabalho a Fernando Namora, ao Escriitor e ao Amigo, que se encontra bastante doente, em Lisboa.

«Porque se escreve?» — pergunta-se, ou pergunta aos leitores, Fernando Namora, no seu último livro, «Jornal sem Data».

Suprimindo o se e passando o verbo para a primeira pessoa no singular, a mim próprio faço a mesma pergunta — porque escrevo.

No meio social em que tenho vivido, escrever, como escrevo (bem ou mal, não vem ao caso), sem abdicar do que sou, não é fácil e tem consequências: poucos lucros e tem muitos aborrecimentos e desgostos traz, embora, tenho que o dizer, a par de admirações expressas em privado ou em público, se algumas vezes hipócritas e interesseiras, na sua maioria puras e sinceras. Emocionam-me e não as esqueço. Como está a decorrer neste País em que passaram, mourejaram, derramaram muito suor e muitas lágrimas, tantos antepassados meus, entre os quais meu Pai, onde muitos deles se fixaram e se encontram sepultados, onde familiares meus, descendentes deles, continuam vivendo, onde outros meus familiares, muito queridos, se encontram relativamente há pouco tempo.

Traduzido o meu livro «Pedras Negras», por iniciativa do velho

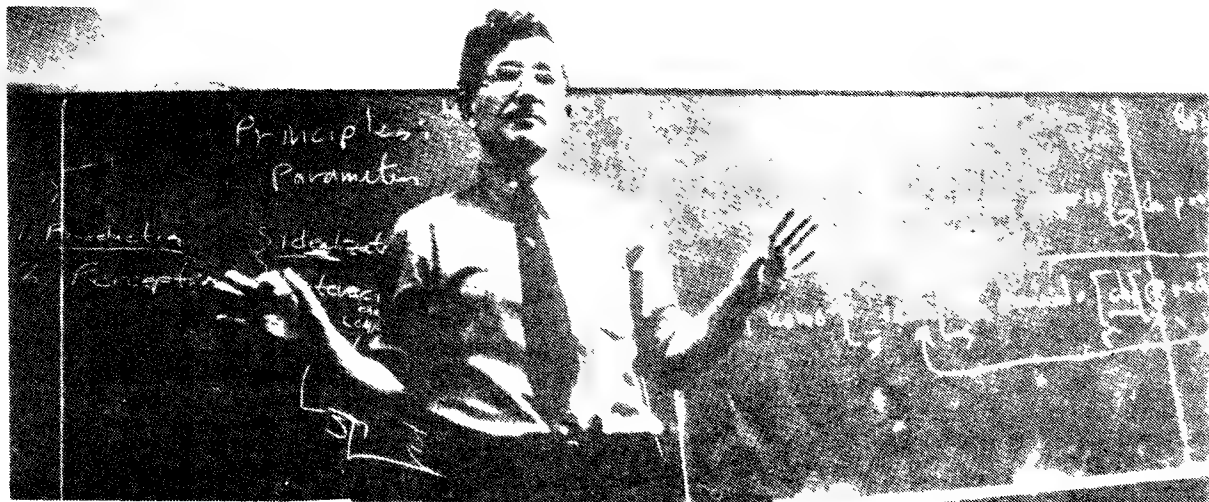
Amigo dr. Onésimo Teotónio Almeida, do Centro de Estudos Portugueses e Brasileiros da Universidade de Brown, para a Gávea Brown da mesma Universidade, feita a tradução, com o título de «Dark Stones», pelo dr. McNab, da Universidade de RI, esta se realiza por iniciativa ainda do dr. Onésimo Teotónio Almeida, da dr.ª Mary Vermette, da Universidade de Mass — há dias na Universidade de Brown, em Providence, Rhode Island, por aqui, na Califórnia, por iniciativa também do António Goulart, do meu antigo aluno Emanuel Lopes, de tantos outros, dizer os nomes de todos é-me impossível, até porque nem de todos sei. É, de quantas tenho recebido, a mais significativa, generosa, de maior simpatia e carinho pelo que escrevo, pela pessoa que sou — um simples homem do Pico. Mais que nenhuma outra a poderei esquecer. Palavras com que a agradeça, com que vo-la agradeça. Sinto-as dentro de mim, mas de dentro de mim as não consigo arrancar, por mais que rebusque nos limites do meu vocabulário estreito.

II

Voltemos à minha pergunta:
Porque escrevo?

Deixai que recue, no tempo cinquenta e muitos anos, no espaço vários milhares de milhas, e que me detenha: no tempo, naquele que foi o da minha infância e da minha juventude; no espaço, na

cont. na pág. 4 / 5



Noam Chomsky

Linguagem e ideologia

Ernesto Sampaio

NUMA das recentes tentativas de conciliação entre o meu pequeno apartamento e a minha biblioteca, que, sem ser grande, faz neste espaço exíguo figura de selva tropical, invadindo e cavalcando tudo, veio ter comigo, lá das alturas, direito à minha cabeça, um volume felizmente levezinho: **Entrevista a Noam Chomsky sobre Política e Linguística** (Cuadernos Anagrama, 1970).

Já nem me lembrava que possuía semelhante opúsculo, acolhendo satisfeito, após alguns momentos de natural enfado por ter levado para baixo em cima do cabelo, um livro que me interpelava com tanta urgência.

De um modo geral, Noam Chomsky é talvez mais conhecido por causa da sua acção militante contra a guerra do Vietnam e a repressão nos EUA do que pela sua actividade de lingüística. Esta entrevista tem o mérito de abrir um espaço de discurso onde ambos os exercícios, o político e o lingüístico são confrontados através de uma interpelação directa ao seu autor.

Chomsky diz-nos, por exemplo, que entre a sua militância política crítica e a sua actividade de lingüista não há nenhuma relação. À primeira, pode dedicar-se quem quiser: não exige nenhum saber especializado, mas apenas «bom senso cartesiano». Quanto à segunda, nenhum valor possui sem a especificidade das suas técnicas e instrumentos.

A leitura das passagens cruciais da entrevista, induziu-nos, pelo nosso lado, na convicção de que, longe de constituir uma dicotomia sem remédio, o contraste de Chomsky supõe a única possibilidade logicamente compatível. A perfeita unidade da tradição não-conformista e racionalista anglo-saxónica e dos valores éticos he-

braicos, comuns, aliás, a grande parte da **intelligentia** americana, tem em Chomsky um dos seus expoentes mais prestigiados.

A propósito de uma discussão que manteve com Michel Foucault na televisão, disse Chomsky significativamente: «Não estávamos de acordo. Onde eu falava de **justiça**, ele traduzia por **poder**. Não pode haver maior diferença de pontos de vista».

Para Chomsky, a Razão impõe-se directamente ao cidadão na vida social pelo simples facto de que ele pertence à sociedade, e neste sentido não tem necessidade de mediações. Na reflexão lingüística, as coisas já não se passam assim: a investigação propõe-se um objecto não imediato, um processo que se constitui em objecto científico.

«A natureza humana não é **ainda** um objecto científico. A ciência não conseguiu, até agora, elevar-se ao nível global e sintético que semelhante conceito exigiria. Penso, contudo, que em alguns campos particulares, como o do estudo da linguagem, podemos começar a formular um conceito significativo de «natureza humana»...». Enunciando este propósito como objectivo da sua investigação, a solidez e a complexidade em que esta se articula levam Chomsky a conclusões da limpidez inelutável.

A este propósito, devemos abster-nos de acusar Chomsky de ingenuidade epistemológica: os seus enunciados de «natureza humana», «falante ideal», «criatividade lingüística», «estrutura profunda», «faculdades inatas», «gramática universal», partem da definição cartesiana de um estatuto do humano de que a linguagem é o traço distintivo e o corpo o limite biológico. Neste sentido, a opção racionalista e iluminista de Chomsky

é nítida, explícita e absolutamente coerente, em todas as suas possibilidades e limites, e nunca confusa ou mal amanhã, nem tão-pouco **ingénua**.

São esclarecedoras as suas réplicas aos sociólogos e sociolinguistas que o acusaram de contribuir, com o seu idealizado conceito de «competência», para a legitimação da língua dominante e para a anulação das diferenças na visão científica: «A luta contra a idealização», afirma Chomsky, «é a luta contra a racionalidade... Tudo o que é suficientemente complicado para valer a pena ser estudado comporta uma interacção de diversos sistemas. E para isso é **preciso** extrair e abstrair um objecto, é **preciso** eliminar os factores não pertinentes... Não existem critérios para obter uma idealização correcta, a não ser os resultados significativos. Se alguém obtém bons resultados, isso significa que não está longe de boa idealização. Se, mudando de ponto de vista, conseguem obter-se resultados ainda melhores, é também a própria idealização que melhora. *Em minha opinião, a noção de língua não é uma noção lingüística...* O único objecto susceptível de discussão baseia-se na idealização dos sistemas em comunidades homogéneas.

Existem muitos tipos de discursos expressivos, mas o único que cumpre e satisfaz a forma da teoria é o discurso científico. Por isso, Chomsky chama à capacidade explicativa da ciência «o método da verdade». Cartesianamente.

Este método, é bem de ver, conduz a uma hiperformalização, nele concorrendo todos os conhecimentos. Pressupõe um constante desafio epistemológico e, portanto, uma prática que não pode deixar de chamar ao seu espaço omnívoro a ideologia e a política.

Daqui em diante só há dragões

QUANDO José seguia para os lados da fortaleza, a mãe seguia-o com o olhar. Nesse olhar não havia nem inquietações nem curiosidade, nenhuns desses sentimentos fortes que as mães cultivam. Ela olhava-o apenas, e no seu olhar havia um rapaz que corria para o mar. Esse menino fugia das vistas dela o que, como as mães sabem, era também uma forma de escapar ao seu amor. Mas quando ela já não podia vê-lo, parava, sentava-se numa pedra, sempre a mesma, e ali ficava virado na linha azul de mar e céu.

A mãe assim não chegava a saber o que se estava a passar dentro da cabeça do seu infante, senão levaria a mão ao peito, ao lugar exacto do coração, depois à boca, ao lugar exacto do grito, repetindo os jeitos aflitos de todas as gerações de mães.

Pequeno navegador de muitas rotas inventadas, na verdade José já se despegara dela, e há muito partira por esse vasto mundo. O resto era só uma questão de tempo.» (pág. 9-10).

Cotumava dizer-se que, uma das mais importantes consequências do 25 de Abril no campo da literatura, foi o surgimento de uma torrente de obras escritas por mulheres. Desta constatação que ninguém desmente, por várias vezes se tem discutido a problemática da existência de uma Literatura Feminina ou se, independentemente de escrito por uma mulher, um livro de Literatura não passa de um livro de Literatura, melhor ou pior, como acontece com os vários livros que são publicados e cujos autores são homens. Nunca tendo defendido uma Literatura Feminina, antes,

acentuado que uma Grande Obra, independentemente de escrita por homem ou mulher, emergir do equilíbrio das componentes masculina e feminina que estão presentes em todo o ser humano, não nego o mundo reinventado pelas mulheres e partindo do pressuposto de que eu sou «eu e a minha circunstância». Como cada mulher reinventa o seu mundo, só o poderemos descobrir através da sua obra. É o que acontece com «Daqui em diante só há dragões», de Ângela Caires. Um livro cujo tema tem sido predominantemente, para não dizer quase exclusivamente, abordado por escritores do sexo masculino. Um livro de uma mulher que reflecte acerca de um mundo aparentemente conhecido apenas pelos homens: o mundo do Poder, com as componentes da colonização, da descolonização, através de vários universos que se interpenetram em narrativas várias de modo a poder-mos dizer que coexistem histórias não só história, contos num só romance, dragões dum reino outro inserido num outro reino de fluidez, ironia, desconcertante sapiência do anedótico que todas as situações trágicas comportam.

Ângela Caires não é propriamente uma autora que venha do nada, em termos de escrita. No entanto; para o grande público, não será um nome muito sonante e, suponho até, que será de muitos desconhecida. «Daqui em diante só há dragões» é um bom cartão de visita para conhecer uma autora que agora se afirma na ficção portuguesa. Sobretudo, pegando num tema para o qual muitas mulheres escritoras teriam o pudor de fazê-lo soltar-se numa história bem contada, por-



Ângela Caires

quanto não linear como nada na vida. Trata-se de Angola. Dessa Angola da qual parecem ter conhecimento apenas os homens que por lá passaram como recrutados no exército ou como resistentes. Como José, mais tarde Olímpico e, por fim, Bismarck. Ângela Caires descomplexiza uma certa visão de esquerda de Angola, põe-nos a todos no mesmo barco, dissecando cada situação numa ironia que só nos não provoca a gargalhada porque tudo aquilo é trágico. Trágica até a oposição. Trágica até a tentativa de comprar os pretos, através, dos pares de sapatos, para que votem em Humberto Delgado. E, no fundo, trágica é a forma como Ambriz se torna a povoação com mais votos para Humberto Delgado.

Dando-nos uma outra visão da História, Ângela Caires não hesita em confundir-nos o passado, o presente e o futuro numa única dimensão: a do «ghetto» de brancos, pretos e mulatos à espera de um D. Sebastião que faça esvoaçar o tédio de ser africanista, mulher num casamento por procuração, médico-bêbado por vocação ou 'Miss' Beleza para fugir perante uma glória já prometida.

Vários universos se entrecruzam: o universo da colonização e o do progresso. A história de um Portugal multirracial porquanto os brancos não hesitam em fazer filhos às pretas-lavadeiras para depois as despejarem mais o universo de mulatos, para fora das fazendas de café e bananas. O hóspede do Hotel Central que compra «borga» à custa da venda de mais uns hectares das suas imensas propriedades, a D. Adélia que aposta no progresso com a lavandaria e depois com a gelataria saindo vencida pelos homens, na vida e nos negócios. A sua única vitória: o teatro amador onde revive a estrela que fora no Parque Mayer, o Paiva que tanto inventa, tanto inventa até que por fim consegue construir uma piscina-aquário na qual generais e soldados são iguais porquanto «de cuecas todos os homens são iguais», o divertimento das senhoras do chá perante as exuberâncias dos soldados nessa casa-de-chá subaquática, para grande ferocidade de seus maridos dos quais um deles, certamente o mais arrojado, esvaziava a piscina dando um tiro no vidro já que no mundo subterrâneo

todas estas mulheres perdem o verniz do estatuto social. O universo da clandestinidade na figura de José que, como presságio de outras viagens, fora nascer a Luanda no Hospital de São Paulo da Assunção, já que vinha atravessado, José que fará escola de clandestinidade enquanto Olímpico em Inglaterra tentando perceber o que é isso de guerra entre católicos e protestantes para mais tarde se tornar em Bismarck e morrer. O universo da oposição com situações de verdadeiro delírio como o de fazer o Oliveira pade de Ambriz, ler todos os livros que chegavam até ficar cansado e deixar de ler. Este Sampaio e este Oliveira, um da oposição, outro da clandestinidade, por fim desmascarando as tramóias que faziam um ao outro, agora numa pastelaria da Alexandre Herculano, por fim reconciliados com os outros velhos jogando à bisca na Avenida da Liberdade: «Arranjem aí lugar para mais um», e o Sampaio encolheuse, o mesmo fazendo os outros velhos, para que o Oliveira pudesse tomar a sua vez na roda de batoteiros.

Mas o mais cativante desta obra constituída, por tantos puzzles e saltos de situação para situação, como se a escritora de Ângela Caires fosse a montadora de uma longa metragem, é o universo da Cultura Feminina, das mulheres de Ambriz: são as mães, as noivas, por procuração, com os seus desaires, as raparigas que não devem ir à escola, as que negam casar com o africanista que só é rico porque se gaba de rico ser, as mulheres brancas que nem sabem como se chegou a Ambriz, as pretas-lavadeiras que fazem toda a concorrência à lavandaria da D. Amélia (a mais fascinante das personagens) acabando por arruiná-la, a São sem jeito para o estudo, sem jeito para a costura, por fim descoberta até pelo próprio padre Morais como um prodígio de beleza. Ostentação de D. Amélia que nunca reparara na filha, isca da oposição e do próprio regime para um medir-de-forças através de um concurso de Misses, a São que parte para não se sabe onde. A única que é diferente pelo silêncio, pela naturalidade, pela sua forma de ser sem saber o que é.

«Daqui em diante só há dragões» é um livro que tem que ver com todos nós. Obriga-nos a retirar ideias preconcebidas acerca da nossa forma de estar nos países africanos e da nossa forma de sair olhando essa saída com uma profunda nostalgia e alegria de procurar a verdade, sem cedências nem condescendências. Os antigos, que tudo sabiam de ciência sofrida na pele, davam-se ao trabalho de deixar avisos à navegação. Quando chegavam à beira do desconhecido, suspendiam-se, cautelosamente, inscrevendo nos seus mapas, «Daqui em diante, só há dragões» (pág. 8). Ângela Caires parece ter um mapa desconhecido e sabiamente (o riso que a sabedoria traz!) diz-nos: «Daqui em diante, só há dragões.» Não deixe de ler e de se reencontrar em muitas destas situações. Bertrand Editora.

Fátima Murta



Poema

Vigoroso e atraente as folhas douradas tão coincidentes nas arestas - um corpo - era aquele livro de saberes o mais desejado por quantos procuravam As Razões do conhecimento. Perante a matinal despreocupação de tantos em bosques de mistério fresco julgar-se-ia a estante acolhendo a lombada vermelha cardeal largas as fitas de seda colorida descendo aqui e ali dos verdadeiros assuntos. Contudo a concavidade livre de espaço sugeriu incursões de estudo constante já que nem pelas soalheiras tardes de véus encobridores em repousos íntimos o livro se dispunha a simples leitura.

Nos sucedâneos de tudo o que rejeita misteriosas causas encarregam-se os tempos do manto da simplicidade - chaves da vida.

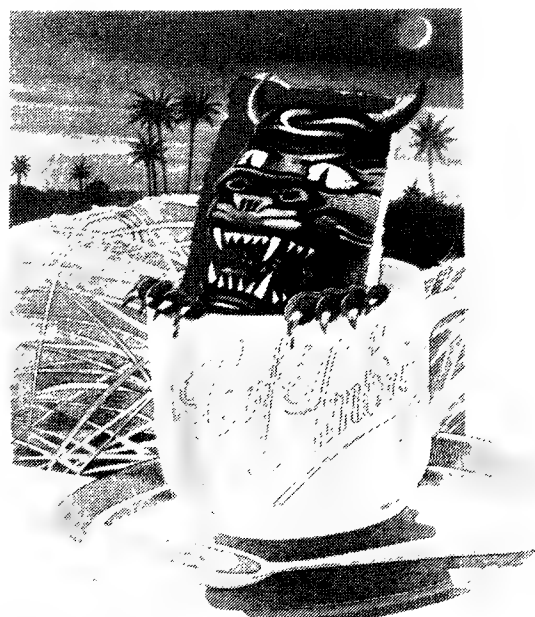
Dirigia-se o sol para outras iluminações os corredores da biblioteca resentindo-se dum nevoeiro alaranjado quando um adolescente sofrendo nos cabelos e na face o reflexo das mudanças colocou o volume de ouro no seu preciso local uma fita violeta evidenciando o capítulo.

Apartou-se pois na nervura indicada por quem anos a fio possuía. Em letra bem moldada - água forte do pensamento - lia-se: (...)

Teresa Soares

Do livro *A Corpo Inteiro, Espiral/Poesia* (1988)

Daqui em diante só há dragões



Ferreira Lapa

Maria Jose Marinho

João Inácio Ferreira Lapa (1823-1892) nascera numa localidade do concelho de Sátão, distrito de Viseu, nos conturbados tempos em que a reacção, pela mão de D. Miguel, arremetia contra o poder liberal instituído em Agosto de 1820. A morte do pai, quando ainda era criança, determinara a sua vinda para Lisboa e o ingresso na Casa Pia, em 1834. Aí, o gosto pelo estudo, a brilhante inteligência, a capacidade de apreensão de todas as matérias, mesmo as mais áridas, despertaram a tal ponto a atenção e o entusiasmo dos mestres que acabaram por se empenhar na continuação dos estudos do jovem beirão, conseguindo-lhe um subsídio pago pela instituição onde vivia.

Em 1845, onze anos volvidos sobre a chegada a Lisboa, ei-lo nomeado lente da Escola Militar Veterinária onde, brilhantemente, cursara medicina. Aquando da extinção dessa escola, em 1852, transitou para o Instituto Geral de Agricultura, primeiro como professor de física e fisiologia e, finalmente, ensinando tecnologia rural e química agrícola, matérias em que se tornou famoso especialista. Os inúmeros trabalhos que escreveu ao longo da vida, muitos dos quais inseridos no «Arquivo rural», revista que fundou com Bernardo Lima e Morais Soares, pretendiam quase sempre divulgar conhecimentos sobre a agricultura, valorizando-a e tornando aliciente a sua prática. Esta «divulgação dos conhecimentos úteis» da vida agrícola esteve na mira de muitos escritores desse período. Também Castilho com a «Felicidade pela Agricultura» desejou alcançar idênticos objectivos. Só que tal campanha não logrou grandes efeitos práticos: o fontismo estava na berra e a população que poderia lucrar com esses conhecimentos era, na sua esmagadora maioria, analfabeta.

Jaime Batalha Reis a quem esta carta é dirigida, fora discípulo dilecto de Ferreira Lapa e manteve-se sempre, pelos anos fora, um amigo muito dedicado. Ora o especialista em química agrícola que no decorrer deste ano de 1876 será nomeado director do Instituto Geral de Agricultura, tinha, no momento, amigos na área do poder. Não admira que o seu antigo aluno houvesse, por algum tempo, recebido apoio em umas tantas iniciativas, tendo sido nomeado para Comissário da Exposição Universal de Filadélfia, e alcançando até, depois, a continuação da estada na América para estudar a filoxera nas vinhas e a cultura do algodão.

Vista em carta de Ferreira Lapa vem confirmar a nomeação para o novo trabalho, obtida junto de António Cardoso Avelino e João Andrade Corvo, responsáveis, respectivamente pelas pastas de Obras Públicas e Marinha, ambos ministros regeneradores dum governo presidido por Fontes Pereira de Melo.

Os festejos de abertura da Exposição Universal, haviam-se realizado a 10 de Maio de 1876, no Fairmount Park, em Filadélfia. Batalha Reis encontrava-se indigitado para

comissário de Portugal na secção de Agricultura desde Janeiro desse ano. Partira em Março com a mulher e a filha. Já com trabalho realizado no campo da viticultura e no estudo da doença propagada pela filoxera, o jovem enólogo encontrava-se em posição favorável para ser encarregado do estudo da praga nos Estados Unidos, pois que se sabia que a cepa americana era imune à doença. Parece que Andrade Corvo lhe teria prometido verbalmente aquela nova comissão, mas a promessa só se iria concretizar depois da pressão de amigos junto das «altas esferas». O decreto, assinado por D. Luís a 23 de Outubro de 1876, veio dar forma legal ao parecer favorável da «Comissão de Estudo da Filoxera» que propusera que «[...] Jaime Batalha Reis, membro desta mesma comissão e relator dos estudos e exames feitos nas vinhas filoxeradas do Douro se guie pelas seguintes instruções [...], deixando aos seus muitos conhecimentos, critério e perspicácia desenvolvê-los e especializá-los ou modificá-los conforme melhor entender.»

Em 10 de Novembro deu-se o encerramento da Exposição e o Comissário deslocou-se, com a família, para Nova Iorque donde partiria para realizar os estudos científicos que lhe haviam sido cometidos. Felizmente Celeste Cinatti, sua mulher, que fora educada num colégio inglês, dominava a língua o que lhe permitia um relacionamento mais fácil com as pessoas em casa de quem estavam hospedados, durante as longas ausências do marido. Contudo não se sentia muito entusiasmada com as maravilhas da nação americana. Em carta ao sogro, de 8 de Outubro, confidencia que «[...] quem me quisesse matar depressa era dizerem-me que havia de ficar aqui toda a vida. Serão os tapetes e toda a riqueza por aqui espalhadas provas de alta civilização e conforto, eu morro-me por o meu belo chão de pinho nacional e pelos meus fogareiros de barro que cá na Exposição se mostravam num edifício dedicado a relíquias seculares e cheios delas. Será muito racional e alimentício jantar vegetais cozidos com água e sal e carne assada com sal e sem água, mas se eu me vejo a comer em sua casa de Verão os petiscos da bela Teodora, não o acredito [...]».

Recordemos que Jaime Batalha Reis se encontrava na posição de «persistir na América» o tempo que julgasse necessário ao cumprimento da missão de estudo. Foi, por conseguinte, com grande pasmo e não pequena irritação que recebeu, logo em Março de 77, um telegrama comunicando-lhe que cessara a sua comissão e devia regressar imediatamente ao País. Interdito, o comissário «descomissariado» enviava ao pai e amigos urgentes mensagens. Não será engano? Saberá o governo a importância do trabalho que estou em vias de realizar? Como nos lembra João Garcia no seu trabalho «O Distrito de Bragança



João Ignácio Ferreira Lapa

em 1876 [...] o novo presidente do conselho de ministros não se esquecera que Jaime Batalha Reis fora um dos organizadores das «Conferências democráticas» do Casino Lisboense e que afrontara o seu poder descrecionista com uma célebre carta em que afirmava a dado passo: «Aos conservadores da espécie de V. Ex.^a só posso caracterizá-los dizendo que são cabeçudos. O ser conservador desta forma é uma forma de ser idiota.»

Na verdade, o governo regenerador de Fontes Pereira de Melo caíra e, em seu lugar fora nomeado António José de Ávila, agora duque de Ávila e Bolama que cinco anos antes mandara encerrar, pela força as mesmas «Conferências».

Lisboa, 25 de Setembro (1886)

Meu caro Amigo e sr. Jaime

Acabo de receber a sua estimável carta, e em continente fui falar ao Avelino sobre a conveniência da sua permanência na América para estudar aí o que houver de melhor relativamente às vinhas americanas, filoxera e microscopia. O ministro conveio nas razões, principalmente porque tendo-se desenvolvido o filoxera no Douro e na Madeira de um modo já muito alarmante, e exigindo os vinhateiros providências do governo, quer estar prevenido contra qualquer interpelação na imprensa, ou no parlamento. Com este mesmo fim me encarregou de lhe apresentar um programa do que o governo poderá fazer contra o perigo que já se antolha ameaçador. Neste programa vai a proposta escrita para o Amigo persistir na América o tempo que julgar indis-

pensável ao cumprimento da sua nova comissão. Ele carece desta proposta para autorizar a sua resolução que todavia lhe vai já comunicar.

Sinto com a Adelaide e com o António que estava presente quando li a sua carta as contrariedades e dissabores que tem sofrido, assim como os incómodos de saúde por que tem passado o amigo, a Sr.^a D. Celeste e o formoso anjinho. Deus os proteja com saúde e fortuna.

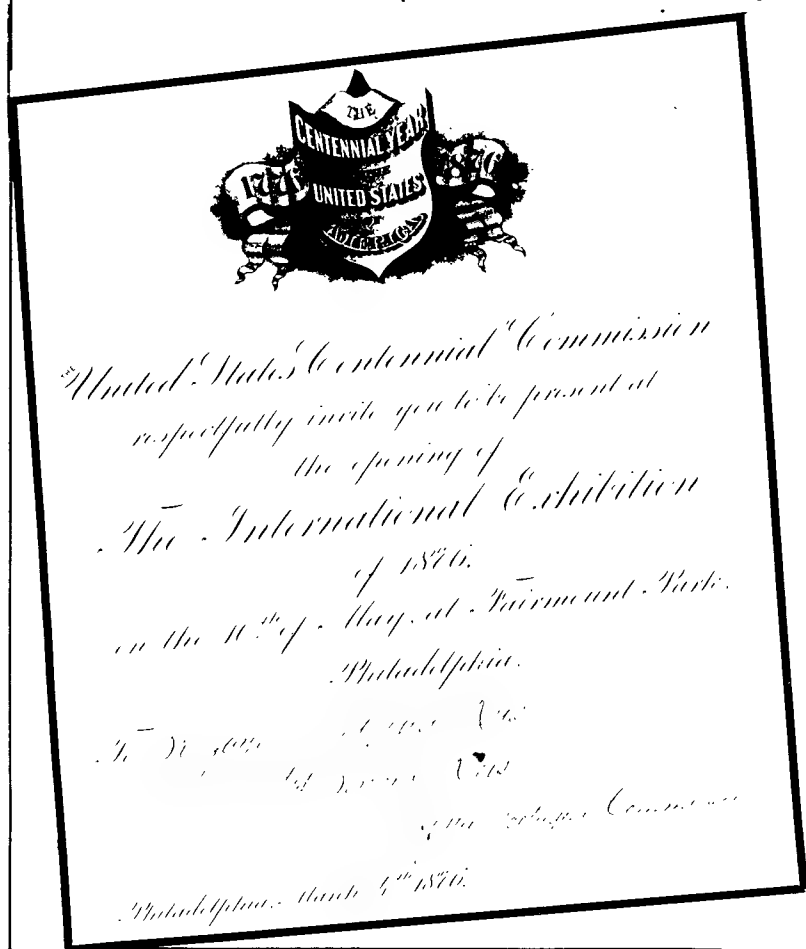
Fiquei comovido com a prova da sua muita Amizade. É grande e generosa a sua alma, como é superior o seu espírito, e acima das pequenas invejas a sua preclaríssima inteligência. Só os homens realmente grandes se sabem fazer justiça. Perdoe da minha parte a immodéstia. O Instituto vai ficar engrandecido e reconhecido ao grande serviço que lhe fez e eu eternamente penhoradíssimo.

Por estes dias irá um caixote com os programas e os regulamentos que pede. Nas minhas revistas não tenho deixado de falar no meu Amigo a propósito da Exposição, auxiliando-me com o que a «Production National de Hespanha» tem dito a seu respeito. Quanto a comprar alguma coisa para o Instituto, há-de ser difícil alcançar. Eu mesmo não quero prejudicar o mais com esta exigência.

Muitas saudades minhas e da Adelaide à Exm.^a Sr.^a D. Celeste. Muitos beijos na Celestinha, e um abraço do coração deste leal e fervoroso amigo.

Ferreira Lapa (*)

(*) Espólio Jaime Batalha Reis, Esp. 4 29/34



Porque se escreve

cont. da pág. 1

terra em que nasci e onde me decorreram, e ficaram sepultadas no coval do Passado, a infância e a juventude perdidas — a minha Ilha, o Pico, em particular a minha freguesia, a Calheta de Nesquim.

Então, em mais de metade da minha Ilha não havia estradas: para leste, no Sul a partir das Lajes, no Norte a partir de S. Roque. Aí, os caminhos que tínhamos, rompidos pelos primeiros povoadores, na lava negra e dura, imitação grosseira das estradas romanas, eram autênticos e tenebrosos calvários. Raramente, a não ser em circunstâncias extremas, alguém a tais caminhos se arrojava para distâncias grandes. O mar, principalmente o mar — a porta que se nos abria para irmos fosse onde fosse e víamos de aonde tivéssemos ido. Mas o mar é o mar. Nunca se sabe ao certo o que de mar se espera. Se em muitos de nós habitava, e habitava, o feitiço e a atracção do mar e fomos e somos marinheiros, grandes e destemidos marinheiros, também a muitos de nós o mar apavorava e apavora.

E não foram poucos os que, século após século, até quase aos nossos dias, nasceram, viveram, morreram, sem que jamais ultrapassassem as fronteiras da nesga de terra em que saíram do ventre materno.

Acontecia nas freguesias e nos lugares que naquela área se situavam, e situam — Santa Bárbara, Santa Cruz das Ribeiras, Pontas Negras, Calheta de Nesquim, Piedade, Ribeirinha, Santo Amaro, Prainha do Norte —, antes que as estradas viessem, a partir da década de 40 deste século. Cada uma dessas freguesias, cada um desses lugares, era um mundo, um minúsculo mundo, apartado do mundo, do grande Mundo — e dos demais minúsculos mundos que lhe ficavam ao lado.

Assim a minha Terra, a Calheta de Nesquim. O nosso minúsculo mundo começava e acabava entre a Ponta da Feiteira a nascente, a Ponta do Morroco a poente, a linha do horizonte, ao sul, e as encostas, as montanhas do interior, das pastagens do mato, dos baldios da serra, ao norte. Naquele nosso minúsculo mundo, um pouco em comunhão com a Piedade e a Ribeirinha — as três freguesias constituíam, e constituem, a região da Ponta — vivíamos nós esquecidos do resto do mundo: da Capital do País, da Capital do Distrito, da sede do Concelho, a vila das Lajes. Só se lembravam de que existíamos para nos virem pedir votos e extorquir impostos.

Naquele nosso viver, um tanto ou quanto primitivo, havia coisas boas, apesar de tudo. E muitas coisas más. E coisas com aspectos bons e com aspectos maus.

Coisas boas:

Em crianças, as nossas brincadeiras, os nossos jogos, quantos perdidos e trocados por outros, de importação, pelas crianças de hoje; em crianças, e já adultos, a quadra das cultivações, na Primavera, e a quadra das colheitas, nos finais do Verão e começo do Outono, princi-

palmente as vindimas, as festas de Verão, a começar pelo Espírito Santo e a acabar pela Senhora das Mercês, a 24 de Setembro, na Manhã, a Festa do Vinho Novo, a última da estação: a todas íamos de romaria por aqueles caminhos, nós, os novos, a cantar, a bailar, na saga do arraial com a nossa música a tocar no palanque e a gente a circular, para um lado, para o outro, os rapazes atrás das raparigas, as raparigas com o rabo do olho para o arrifão dos rapazes, às vezes pegava o namoro, acabaria ou não em casamento; as festas de Inverno, no Inverno, a festa das festas, a maior de todas na roda do ano, a festa das matanças dos porcos por Janeiro fora, a meter-se por Fevereiro dentro, e a culminar na festança maluca do Entrudo com os mascarados, as danças de arcos, tão lindas, os bandos, tão fascinantes, melhores que todos os bandos do Tio Jorge...

Mais, no Inverno, coisas boas:

Os ensaios na filarmónica, na Música Velha ou na Música Nova, quando em uma delas começávamos a tocar, e os serões em casa, na cozinha, com a família, os vizinhos, sentados todos ao calor do lume perfumado da lenha ardendo manso no canto do lar, e nós na esteira aberta no chão, ao redor da candeia, de claridades trémulas e mortícias, dependurada do mancebo no meio, e o fascínio dos causos que se contavam, dos romances que se liam (lia-os a Tia Maria Augusta), das histórias que se repetiam. Histórias de emigração: de tantos que, à margem da Lei, fugidos à vigilância dos guardas ou dos remadores da Alfândega (se não havia padrinho que os subornasse), esperavam, pelo breu da escuridão, nos recantos mais escusos e inacessíveis da costa, o embarque, de salto, na canoa que vinha e os levava a bordo do navio à vela, baleeiro, de New Bedford, para deambularem pelos mares todos do mundo todo atrás dos rabos das baleias, ou a caminho da América e lá desembarcarem, ou para apesar dos maus tratos e da exploração dos capitães, de navio em navio fazerem, para sempre, vida de baleeiros, alguns chegavam a oficiais, outros a capitães, se não encartados pelo menos de facto, como o Capitão Anselmo; histórias, mais próximas de nós, dos que, entregando-se à ganância dos engajadores clandestinos e pelos engajadores clandestinos ainda mais maltratados e explorados, eram, por eles, atirados, como reses, para os porões tenebrosos dos navios de passageiros, já em ferro e a vapor, por sobre o convés o luxo da primeira classe, e eles escravos ali encurralados, até que, mais mortos do que vivos, pusessem os pés no novo El Dourado; histórias da América, do dinheiro que na América se ganhava, ou mal se chegava a lóbrigar, do muito que se penava, a ordenhar vacas, a vigiar ovelhas, trabalhando sem horário para patrões nem sempre muito humanos — não raro conterrâneos que tinham passado pelo mesmo; histórias do Capitão Anselmo, da sua

companhia baleeira, juridicamente a primeira que nos Açores se fundou; a partir daí, histórias dos nossos baleeiros — baleeiros da Calheta (os calhetas), de Santa Cruz das Ribeiras (os ribeiras), das Lajes (os vilas), do Cais do Pico, em tempos passados de S. Mateus, S. João, Santo Amaro, Prainha do Norte —, da luta no mar, do homem com o homem entre botes rivais, da luta do homem com as baleias, dos desastres, quantos mortais, da luta com as tempestades, de naufrágios — numa noite, os vilas com dois botes abandonados e perdidos, os ribeiras com um bote (vinham dois atrás da lancha) revirado à Ponta do Pargo, e os tripulantes salvos pelo outro, de Mestre José André que arriba, de remos, à Calheta, carregando ambas as companhias e rebocando a lancha, entretanto avariada; e o mais trágico de todos, o desastre do Canal, acontecido, dois anos antes de eu nascer, com baleeiros da Calheta, sete homens sepultados nas catacumbas das águas à boca da Baía do Calhau.

Histórias boas, estas, que nada tinham de bom: boas, todavia, porque eram bem contadas, entravam dentro de nós, nos emocionavam.

E histórias dos parentes que continuavam na América e mandavam, de quando em quando, uma cartinha com dólares, uma saquinha com roupas, conferia-lhes direito a que se falasse muito deles, sempre laudatoriamente, e se inventassem lendas mirabulantes acerca das suas riquezas fabulosas, aí estavam os retratos, com o armobil a comprová-lo (ninguém sabia, na verdade, se eram ricos, se não — o automóvel podia nem ser deles ou não ser mais que um instrumento necessário de transporte para o trabalho distante): nada mandassem, e duvido que alguém, mesmo os irmãos, se lembrassem mais deles. Só os pais os não esqueceriam nunca.

Coisa boa, rutilante de vibração, ouvir, no Inverno ou no Verão, mais no Verão que no Inverno, o foguete na vigia, a dar o alarme de baleia, ver os baleeiros, correndo para o porto, em desfilada de loucura, vê-los, como um safanão, arrancar os botes das casas-dos-botes, arriá-los, vertiginosos, pelo varadouro abaixo, ver os botes cair à água, ver os botes, o reboque das lanchas, ainda fraquinhas, motores de quinze, vinte, vinte e poucos ca-

valos, a matraquear, açodadas, de proa ao horizonte no rumo dado pelos sinais da vigia: ver, depois, mais de largo, mais de longo, os nossos botes — calhetas, ribeiras, vilas —, velas bancas, recortadas no azul ou no cinzento do céu, voando, como garças de asas brancas, por sobre o azul do mar, na perseguição das baleias a bufar — coisa boa vê-los regressar são e salvos, melhor, mil vezes melhor, se apanhavam baleia, com duas, três, mortas, atrás de si, seis ou sete era o delírio, e logo as caldeiras acesas em cima do cais, e os baleeiros a desmancharrem-nas, e logo os baleeiros a derreterem-lhes, nas caldeiras, o toucinho, três, quatro dias de trabalho duro. E coisa boa, tão boa que nem lhe sabíamos dar o valor, ter cada qual casa para viver e meia dúzia de palmos de terra que lhe davam o bastante, milho, batatas, feijão, ervilhas, para a família não morrer de fome.

Mas coisas más... Tantas coisas más!

Ouvíamos-lo nas histórias que nos contavam e tanto gostávamos de ouvir, víamos-lo quando começávamos a ter, na cara, olhos para ver as coisas na crua realidade: os desastres, os naufrágios, as mortes, os homens inutilizados na faina da baleia. E o óleo derretido comprado por tanto para ser pago no fim do ano — e muitas vezes só pago ao fim de dois, três anos, algumas nunca mais, outras, não foram poucas, pagavam-no por menos dez, vinte centavos em quilo que o preço apalavrado. Dez, vinte centavos, hoje são quantias irrisórias: nem moedas de dez e vinte centavos existem. Naquele tempo, não: quarenta centavos, duas cerrilhas, ou um cruzado, ganhava por dia, poucas dezenas de anos atrás, um homem a cavar a terra. E dez, vinte centavos em quilo, multiplicados por vários milhares de quilos, montavam a um produto que pesava, substancialmente, nas soldadas de duzentos, trezentos escudos, — se botavam aos quinhentos, um autêntico delírio de alegria. Certo ano, nas Lajes, contou-me Mestre João Lelé, não passou do meio escudo. Graças a Deus e bico calado.

Contra um caso destes se atreveram, um dia, uns quantos baleeiros da Calheta a protestar. Correram à vila, pediram, pela justiça que lhes cabia, a intervenção do Delegado Marítimo, um pobre diabo que se vendia por um copo de vinho — os armadores enchiam-lhe o bucho com pipas dele. Escorraça-os, como quem escorraça cães. E prendeu o que os encabeçava, o trancador Artur Faidoca. Eu vi. Vi o Artur Faidoca, o senhor Artur, levado, como criminoso, entre guardas armados até aos dentes, pelas ruas da vila, a caminho do calaboiço. Vi. E vi os companheiros atrás. Aqueles homens, que não temiam a fúria das vagas, as arremetidas das baleias, a ameaça da morte iminente —, aqueles homens choravam. Andaria pelos quinze anos. Senti a revolta, a



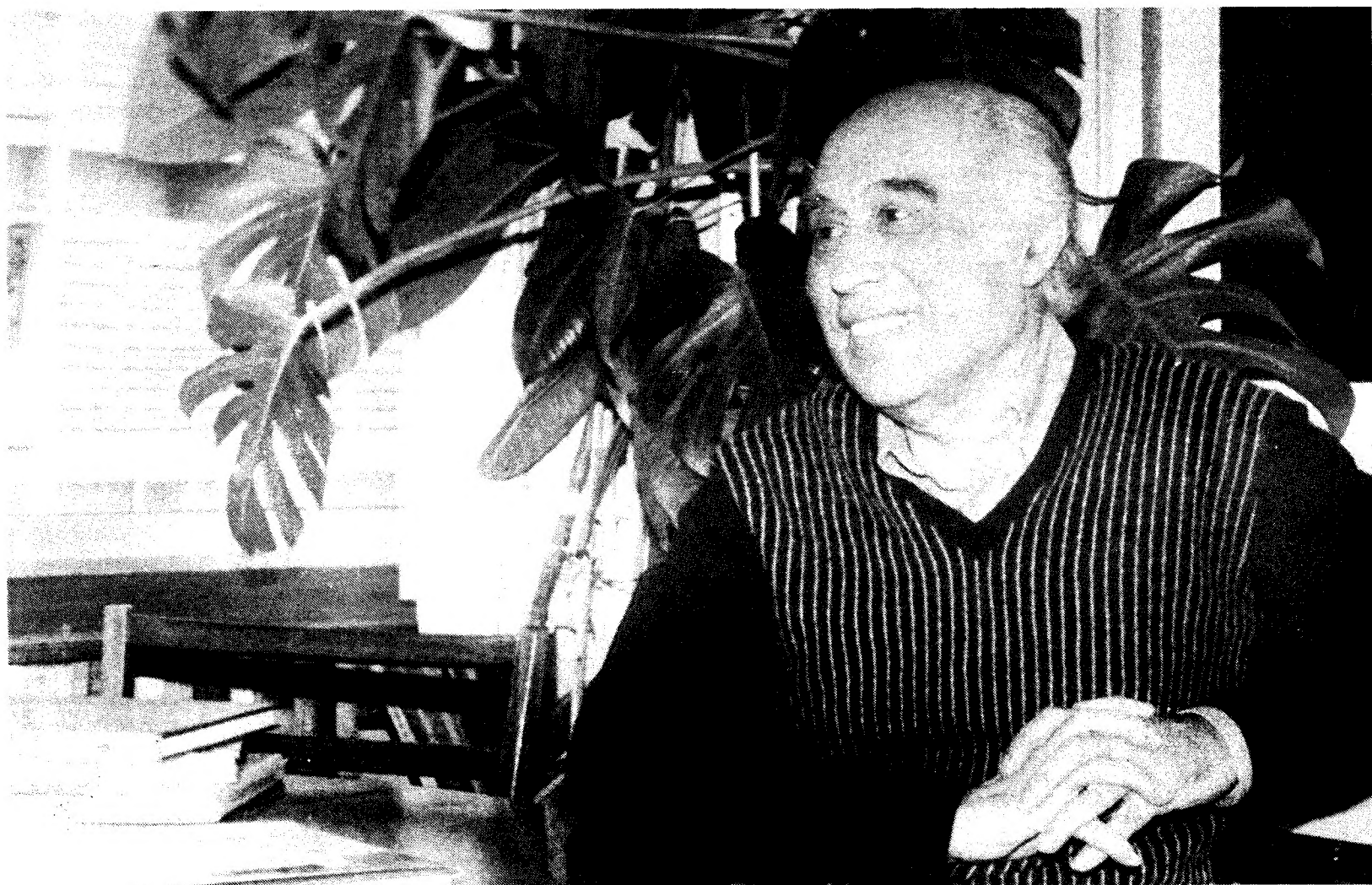
Dias de Melo

porque escrevo

dor, a raiva que aqueles homens sentiam. Senti-as, minhas, dentro de mim. De alma e coração, fui, pela primeira vez, um deles. Companheiro, irmão deles. Não chorei: vociferei. Tanto e de tal modo que, não fosse filho de quem era, muito provavelmente teria sido mais um mandado para a enxovia. Até que andei sempre com um cabo-do-mar a rondar-me de perto.

Em terra, quase todo o trabalho com trabalho se pagava — vens hoje comigo, amanhã vou contigo. O que deste modo se não pagava, por permuta, pouquíssimo, não rendia mais que cinco, seis escudos por dia, a molhado, sete, oito, a seco. Daí que os rendimentos, naquela terra, provinham, principalmente, da miséria das soldadas da baleia e, para os que criavam gado, alguns também baleeiros, do leite das vacas deixado na fábrica de manteiga, no Paúl, dos San Joões da Ribeirinha, de algum queijo que as companheiras faziam e vendiam, pouco, e de alguns os podiam mercar, e de alguma rês que, no fim do Verão, embarcavam para Lisboa. Mais do que isso — só os dólares e as saquinhas de roupas que os parentes mandavam da América.

Com variantes maiores ou menores, o mesmo, no Pico, se passava em toda a parte — sabíamos-lo, apesar de fechados no nosso minúsculo mundo. Em Santa Cruz das Ribeiras, sem terra que lhes desse pão que bastasse, nas Lajes, com densidade populacional relativamente excessiva, tinham que porfiar, mais que na Calheta de Nesquim, nas lides do mar. Além de irem, individualmente, baleeiros seus, oficiais, transcodores, e alguns nossos, menos, ensinar a balear por todas as ilhas, e pela Madeira, e pelo Continente, dos que ficavam, parte prosseguia com a baleação local, a outra parte metia-se das Lajes a balear no Faial, de Santa Cruz das Ribeiras a balear com alguns botes e à pescaria do fundo, com alguns batéis, na Terceira e na Graciosa, quarenta, sessenta milhas, mais talvez, por aí fora à vela, ou a remos se não havia vento — os ribeiras foram os últimos a ter lanchas que os reboçassem —, para, atimada a safra, venderem o óleo sujeitos às mesmas contingências que os da Calheta e se enfiarem, no Pico e no Faial, por terra dentro, a trocar o peixe, por salgado e seco ao sol, por milho e por batatas, enquanto outros andavam, de Abril a Outubro, a trabucar nos iates, o «Andorinha» e o «Ribeirense», de ilha em ilha, do Faial a S. Miguel, de Santa Maria ao Corvo, em competição renhida entre os dois e com o «Santo Amaro» e o «Bom Jesus», de Santo Amaro (já então, e de sempre, com os



Fernando Namora

melhores estaleiros e os mais afamados construtores navais), e com a «Patriota» e a «Helen», da Prainha do Norte. Na Fronteira, apegavam-se à fruta, vendiam-na na cidade da Horta, na outra banda do Canal, ao vinho e à aguardente; noutras localidades mais finca-pé se fazia na criação do gado. Em S. Mateus e na Prainha do Sul, eram as rendas que as mulheres faziam e, a fazer renda, algumas cegavam.

De qualquer maneira, por toda a parte o dinheiro escasseava, não havia quem não esperasse a cartinha com dólares, a saquinha com roupas, do filho — e quem, com a América não sonhasse. Só que, fechada a emigração, a largada tornara-se quase impossível. Com assistência social — nem se sonhava, Estar doente, pois, um luxo de alto preço. Sobre tudo em toda a parte leste da ilha, sem estradas.

Na Calheta de Nesquim, médico e farmácia, apenas nas Lajes, a cerca de cinco léguas. Ir consultar o senhor doutor, um problema. Cara a consulta e caros os medicamentos, em relação com o que se ganhava. Caindo alguém doente em dia que não houvesse a lancha da carreira — e não a havia senão às segundas e às quintas —, ou, estando mau o mar... Trazer o senhor doutor a casa... O senhor doutor levava coiro e cabelo: um conto de réis, por terra, a cavalo (um conto de réis, afora

o custo do aluguel da montada), quinhentos escudos, vindo por mar: quinhentos escudos que acabavam por ultrapassar os mil, caso tivessem que pagar o frete à lancha que o fosse buscar e levar. Ir bater-lhe à porta, com o enfermo estendido numa padiola levada, por quatro homens, dependurada de dois paus de carreto, só para chegar lá de dia: se de noite, o senhor doutor mandava que esperassem que abrisse o consultório na manhã seguinte, às nove, dez horas. Não é ficção: morreram pessoas, pelo menos uma, assim à espera, no frio da noite, que o senhor doutor mandava o seu consultório. Não com a febre tifóide, como conto no «Pedras Negras»: na realidade, com um tétano.

Eu senti, vivi, por dentro, isto que acabo de relatar — atrás me ficaram, escaparam-me, as histórias dramáticas dos vulcões, dos tremores de terra, do pavoroso Ano da Fome com o imenso cortejo de mortos que vitimou.

Senti, vivi, por dentro, a vida do trabalhador da terra. Desde relativamente criança, fiz todos os trabalhos que na minha freguesia na terra se faziam. Todos, menos um: roçar no mato.

E senti, vivi por dentro, já homem (antes, não mo consentia meu Pai) a vida do mar, a vida dos baleeiros, a bordo da lancha «Medina», na companhia de Mestre José Faidoca, fui baleeiro, marinheiro como qualquer

marinheiro, embora não profissional: nunca tirei cédula marítima, apesar dele bastante insistir para que a tirasse.

Com o que acabo de relatar, não pretendo senão colocar perante vós a imagem imperfeita do minúsculo mundo da minha infância e da minha juventude — desse minúsculo mundo e das suas gentes. Para vos significar quanto esse minúsculo mundo e essas gentes, a vida dessas gentes, pesaram na definição do meu posicionamento na vida e na determinação daquilo que sou e que só eventualmente deixarei de ser se, um dia, a degenerescência, que acompanha certas velhices ou resulta de certas enfermidades, destruir em mim o vigor da claridade e da lucidez que me iluminam a consciência e a razão. Nesse dia, porém, já eu não serei eu. E, tendo de acontecer, prefiro morrer antes.

III

Volto à pergunta de Namora:

«Por que se escreve?»

Formula-a ele pensando, evidentemente, no escritor.

Em qualquer, e não neste ou naquele especificamente, já que o se, pela sua condição de pronome indefinido, a nenhum individualiza. E formula-a, penso, porque escrever, como escritor, é um acto de criação artística e todo o acto de criação artística se nos revela envolto em densas névoas de mistério.

Porque o acompanha, quase sempre, a angústia e a alegria, o abatimento e a exaltação, o desânimo e a esperança? Porque há escritores que logo se revelam na infância, ou na adolescência, ou na juventude, enquanto outros tardiamente se descobrem escritores, alguns já na velhice, às vezes avançada, nem sempre, mas em muitos casos de talento?

Complexa, pois, a resposta à pergunta de Namora. Com rigor aproximadamente possível, exigiria, em extensão e profundidade, a análise de numerosos e diversos elementos de ordem social, psicológica, ambiental, cultural, etc. E tempo e espaço em demasia. Não vamos por aí. Reduzimo-la à sua expressão mais simples:

O escritor escreve porque nasceu para escrever.

Como qualquer ser vivo, animal ou planta, nasce para fazer alguma coisa bem determinada. Como a macieira, por exemplo, para dar maçãs. Pode que nunca as dê com abundância nem de boa qualidade: mas não dará outra coisa senão maçãs. Para isso nasceu. Para isso a criou a Natureza.

O escritor, porém, é homem. Diferentemente dos outros seres vivos, nasce com aptidões várias. Predominantes, não serão muitas. E destas, uma, invariavelmente, se sobrepõe às demais. Dotado de inteligência, vontade, capacidade de decisão, o que não

cont. na pág. 6



Natureza morta

De repente a seguir à
esquina da rua
o ser claramente visto uma
porta grossa
e suja o longo corredor
sombrio duma ilha
A mulher quotidiana e
eterna que lava a roupa
no tanque Nem mais
Dava-lhe o sol seria só
naquele metro quadrado
de quintal que o sol dava
Como se de repente
as figuras duma pintura de
Vermeer se animassem
ou o contrário a mulher
iluminada se imobilizasse

em cores na fracção de
segundo que durou esta
minha passagem Logo a
seguir é a padaria
e o cheiro azedo dos
cereais menstruados
Ser ciclo de impressões de
cor no cérebro
da rua matinal que desce
Persistência
da cor no cheiro Harmonia
onémica
das imagens comuns
imaginadas

Mais adiante não vi era a

parede cinzenta
e em ruínas onde os ferros
ferrugentos
duma cama se encostavam
e que as gavinhas
da hera abraçavam verdes e
sem vento

Havia também um gato que
via a mulher
lavar roupa O seu olhar não
tinha expressão
esvava sério julgo mesmo
tê-lo visto bocejar

Carlos Leite

Porque se escreve porque escreveo

cont. da pág. 5

acontece com os restantes seres vivos, pode pôr inteiramente de parte essa aptidão maior para que nasceu. Por razões diversas. Sobre tudo de subsistência: nem sempre aí, nomeadamente nos países pequenos e de desenvolvimento retardado, colherá rendimento que lhe garanta o pão para a boca. E pode optar por, cumprindo, com dedicação e competência, o mister único ou múltiplo, em que ganha os trocos para os feijões, dedicar o tempo sobrando àquele para que nasceu: favorecendo-o a sorte, um dia, querendo, se lhe entregará por inteiro — com o pão de cada dia assegurado pela reforma na maioria dos casos.

Também nos países com alto nível de progresso não basta nascer-se escritor para, de imediato, se viver dos livros que se escreve. Por exemplo, sem sairmos das fronteiras deste grande país que são os Estados Unidos da América, Steinbeck e Caldwell: antes que viessem, ou, se quisessem, pudessem viver dos seus livros. John Steinbeck, com uma passagem breve pela Universidade, exerceu, entre outras, a profissão de trabalhador agrícola e de jornalista, Caldwell trabalhou em fazendas de algodão, foi maquinista, operário em fábricas, também jornalista. O que é que, neste país, como em qualquer país evoluído, aí se chega, se não estou em erro, relativamente cedo. Nos países pequenos, sem grande desenvolvimento, não. Nem os melhores. Em Portugal, Ferreira de Castro não passa de uma excepção. Mesmo assim mourejou muito, em muitos e muito duros mourejos em diversos pontos do mundo, antes que o conseguisse. Fernando Namora lá foi: ao cabo de dezenas de anos, gastos na prática competente da medicina, na Província, em Monsanto, em Pavia, etc., mais tarde em Lisboa, no

I.P.O., e não sei se em consultório privado. Hoje, as coisas modificam-se: para quem viva em Lisboa, Coimbra ou Porto. E nem sempre para os melhores: para os que caíam nas boas graças dos grandes editores e entrem na engrenagem da monstruosa máquina promocional que lhes pertence e eles arbitrariamente comandam.

Neste entretanto uma questão me ocorre:

Que será melhor para o próprio escritor? Ter praticado, ou praticar, simultaneamente, outras actividades, ou apenas a de escritor? Para saber algo de qualquer actividade não será absolutamente indispensável praticá-la: bastará observá-la, ouvir falar dela, estudá-la. Mas praticá-la é conhecê-la no íntimo, senti-la na carne, lado a lado e em comunhão com as pessoas que nela labutam, sofrem, sonham; é recolher e acumular, sangrando de dor e resignação, frustrações e revoltas, esperanças e desesperanças, precioso material de criação literária, vozes, almas autênticas do escritor, pela obrigação de solidariedade que lhe cabe, tem de fixar, no livro que escreve, com amor, com verdade — o amor, a verdade, que, de outro modo, jamais, com verdadeira autenticidade humana, conseguirá expressar.

Nos melhores livros de Fernando Namora está a sua experiência de médico — e Fernando Namora com os seus doentes; nos de Steinbeck, a de trabalhador agrícola, filho de emigrantes, nascido e vivendo na Califórnia, especialmente no Vale de Salinas — e Steinbeck com os companheiros de trabalho, os emigrantes que chegam, como chegaram, um dia, os antepassados dele, e os próprios antepassados dele lá estão com ele; nos de Caldwell, a sua experiência de trabalhador dos algodões, de maquinista, de operário nas fábricas, de filho de pai simultaneamente pastor protes-

tante e andarilho que não pára em ramo verde — e Caldwell com os que, com ele, derramaram suor e sangue nos algodais, nas fábricas, e a sombra do pai caminhando... caminhando..., em alguns casos à procura do impossível, assim o estou a ver n'«A Geira de Deus». E teria Hemingway escrito, como escreveu, «O Adeus às Armas» e «Por Quem os Sinos Dobram», não tendo participado, como participou, na Grande Guerra de 1914 e na Guerra Civil de Espanha, com o seu empenhamento total na luta pela liberdade e pela justiça?

Em qualquer caso, cada escritor tem as suas raízes na terra em que nasceu, nas suas gentes, no seu país, nas gentes do seu país — mesmo escrevendo longe da sua terra e das suas gentes, do seu país e das gentes do seu país e localizando o que escreve noutras terras, noutros países, e povoando-o de outras gentes. Hemingway é sempre americano, ainda quando os seus livros se situam longe da América e são povoados por gentes que, com a América, não têm que ver.

No seu livro «Confesso que Vivi», afirma Pablo Neruda:

«A minha poesia é a minha vida fluíra como um rio, como uma torrente das águas do Chile» — e Neruda vagabundeou muito por todo este planeta e alguma da sua obra, com certeza, a criou distante da Pátria e talvez nem nela a sítue.

Significará o que temos vindo a dizer que toda a obra literária é autobiográfica? Oíçamos Unamuno, no ensaio «Como se Faz uma Novela»:

«Sim, toda a novela, toda a obra de ficção, todo o poema quando vivo é autobiográfico. Todo o ser de ficção, toda a personagem poética criada por um autor faz parte do próprio autor. E se este insere no seu poema, eu acrescentaria no seu romance, «um homem de carne e osso que acaso veio a conhecer é, depois de o ter feito seu, par-

te de si mesmo.»

Cada escritor tem, pois, as suas raízes e todas as raízes são raízes dele quando com ele se cruzam e dentro dele penetram. Daí derivam os seus temas, os seus assuntos, cada escritor tem os seus e todos convergem para um só e são um só tema e um só assunto, na frase com que Steinbeck define o que trata no seu livro «A Leste do Paraíso»:

«O assunto é o mesmo que cada homem tem utilizado como tema: a existência, o equilíbrio, a batalha e a vitória, na eterna guerra entre a sabedoria e a ignorância, a luz e a treva, o bem e o mal.»

Tenho plena consciência da imensa distância que me separa dos escritores que refiro e de outros de igual estatura, que não menciono, mas que não esqueço: são gigantes e eu não passo de um pigmeu. No entanto, a razão primeira por que escrevo é igual àquela por que eles escrevem: porque, se com mais algumas aptidões me dotou a Natureza, foi primordialmente para escrever que nasci. Naquele minúsculo e desterrado mundo.

Nesse minúsculo mundo e nas suas gentes me reconheço, nele e com elas me identifico em tudo o que têm de bom e generoso, de mau e mesquinho. Nesse minúsculo mundo e nas suas gentes — suas e minhas que não sou senão, integralmente, um dos seus membros — vi, vivi, partilhei, entranhadamente, as alegrias da terra e das gentes da terra, a epopeia e as tragédias do mar e das gentes do mar, a felicidade e a infelicidade comuns da terra e do mar e das gentes, a maioria, simultaneamente do mar e da terra. São minhas as suas dedicações e os seus rancores, as suas revinditas e as suas sedes de justiça, as suas resignações e as suas revoltas contra as prepotências, injustiças, traições, explorações que partem de poucos e recaem sobre muitos.

Consciente de que nasci dotado,

como todo o ser humano, com algumas aptidões, mas, principalmente, para escrever, já no liceu, depois de, sem rumo definido e sem claramente atinar com o que quer, muito rabiscar sobre coisas diversas, algumas com certo mérito, a maioria baboseiras (todos passamos pelo período das baboseiras), fui, a pouco e pouco, levado pela enorme cultura e intuição pedagógica da minha Tia Maria Hermínia Ávila, conhecendo, bastante bem, na forma, no conteúdo, nas intenções, alguns dos maiores escritores, da prosa e da poesia, do nosso país e do mundo. Em todos descobria, maravilhado, «a guerra entre a sabedoria e a ignorância, a luz e a treva, o bem e o mal». E a solidariedade para com os homens. Até que deparei com Mestre Aquilino Ribeiro. Confesso: foi-me difícil penetrar nele. Com o paciêntissimo apoio da minha Tia, conseguí: assombrado. E logo me pus esta questão: se Aquilino localiza o que de melhor se encontra nos seus livros na Beira Alta, se neles conta e não trata senão dos problemas das gentes da Beira Alta — porque, guardadas as devidas proporções, não hei-de eu situar o que escrevo no meu minúsculo mundo, contar a vida das suas gentes, a minha própria, pôr perante o mundo, as suas vivências e os seus problemas? Assim surgiram os meus temas, os meus assuntos. Nunca mais os larguei — nem quando vou, com o que escrevo, para outras paragens e falo de outras gentes, e isso cada vez acontece mais. Porque o mundo é sempre o mesmo e os problemas do mundo, de qualquer mundo, e os problemas do homem, de todos os homens, sem que valha a pena evocar Steinbeck, num só tema e num só assunto se resumem. No fundo, bem no fundo, a fraternidade e a solidariedade na busca de um mundo mais perfeito, harmonioso, justo, para todo o ser humano.



As escassas luzes

As escassas luzes nunca abandonam a noite, circundam-na, húmidas, como desassossegadas margens friorentas. Pela tarde, a chuva abraçou as copas das árvores num tumulto obscuro. Ouço-as, em suspiros dilatados pela invocação das sombras, perfeitos fios de água descerrando as brumas.

Como mudam os olhares, pacientemente, por vezes apenas descerram o lento ritmo do corpo, em amplos movimentos, barcas flutuando na tremura dilatada do rio.

Secam os olhos, como lençóis antigos enlaçando o rosto. De entre os ombros magros desprendem-se minúsculos naufragos.

Mas neste luar não sobrevive a juventude: o som do fósforo chega para além das recordações, a água e o fogo consomem o tempo, nem sorriso, nem olhar, nem sequer vazio. Aqui, a escuridão é inamovível.

Carlos Alberto Braga

Descubram esta velha senhora inglesa muito digna e as suas personagens: é um cortejo à maneira de Fellini...

Como se existisse algures um tesouro perdido, esquecido, procuramos continuamente nas bibliotecas, tal como os herdeiros que procuram um testemunho escondido. E acontece cada vez mais vezes descobrimos, de súbito, uma velha senhora inglesa muito indigna quanto à moralidade, mas digna do maior respeito dos leitores. Ontem foi Sylvia Townsend-Warner (1) falecida em 1978 sem que os seus compatriotas se tivessem dado conta da sua existência.

Hoje é a vez de Edith Sitwell - lady Sitwell - poetisa e prosadora, que gastou durante a vida tanta energia para ser conhecida como escritora do seu tempo - o que era, afinal de contas, inevitável - e tanto tempo a fazer a sua própria publicidade, que a imagem que fabricou acabou por esconder a obra frágil, graciosa e às vezes apaixonada que é a sua.

Nascida em 1887, morta em 1964, são numerosos os amadores de literatura, fora de Inglaterra, a só conhecer dela as sublimes fotografias de Cecil Beaton, nas quais exhibe, conforme a sua disposição de momento, um ar de doge, de bispo travesti, ou de gárgula gótica com chapéu de penas de avestruz.

Se, como alguém disse, a inteligência é em si um exagero que destrói a harmonia do rosto, Edith Sitwell, segundo os que a conheceram, modificava-se, quando reflectia, tanto no rosto como na atitude, e, ao mesmo tempo também mudava o seu estilo e até a sua época. É assim que Frederic Prokosch, que a encontrou num *cocktail-party* em Nova York, escreve, em *Voix dans la nuit* (2), que quando ela falava de elisabetanos, «o seu rosto adquiria uma simetria ornada de joias» e as suas longas mãos pesadas por enormes anéis afluavam uma imaginária gola de pregas. E se a conversa derivava para outros assuntos, tratando, por exemplo, da Idade Média, as próprias pregas do seu vestido se tornavam esculturais, e litúrgica a entoação da sua voz. E Prokosch acrescenta que a sua impassibilidade era tão impressionante, que o grande camarão com *mayonnaise* que caíra das mãos de Edmund Wilson no cabelo da poetisa, acabara por tomar com o tempo, o «aspecto de um amuleto de marfim».

Tal como uma rainha sem trono, acompanhada pelos seus dois irmãos - Osbert, autor de uma lacónica autobiografia em cinco enormes volumes, e Sache Verell, poeta e crítico de arte, amador de arquitectura - Edith Sitwell frequentou a Florença de Berenson, o Paris dos *ballets* russos, e essa enorme que tentou espantar, tal como antes o fizera Wilde. Consagrando muito do seu tempo a dizer mal de D. H. Lawrence e a gabar-se de ter descoberto Dylan Thomas. E em dada altura da sua vida tinha tantos inimigos que um dia se viu obrigada, para não tomar sôzinha o seu chá, a publicar no *Times* um anúncio em que pedia uma amnistia geral.

Hoje, tal como Cocteau no seu último poema, teria o direito de exclamar: «Il est juste qu'on m'envisage après m'avoir devisagé.»

Há, grosso modo, duas espécies de escritores: aquele para quem a linguagem é um problema, porque é o único instrumento de que dispõe para compreender o homem; e aquele para quem as palavras aspiram à música, sendo esta perspectiva a mais eufónica, a mais justa. Se tem talento, o primeiro será louvado pela sua humanidade e pela sua profundidade, enquanto que ao segundo será atribuído esteticismo e até gratuidade.

Foi este o caso de Edith Sitwell que, em dada altura quer recrear,

fox-trot ou da valsa. Ora ela sabia através da linguagem, o ritmo do que era mais grave, e foi uma verdadeira teórica no que diz respeito ao emprego fónico da língua, à utilização da cadência, à relação das consoantes e das vogais no verso, à aliteração que utilizava com frequência, à metáfora surpreendente. Tal como os antigos anglo-saxões, principalmente os das sagas.

Tal como esses velhos antepassados que, de resto, não toleriam chamar as coisas pelo seu nome e que, para o evitar, só dispunham de um número restrito de metáforas - «delfias dos corvos», para o guerreiro, «tecto da baleia», para o mar, - Edith Sitwell achava que era vão tentar variantes quando um pensamento já tivesse encontrada a expressão adequada. Assim, os seus poemas e a sua prosa são por vezes um *patchwork* dos seus próprios poemas e prosas, para mais, salpicados de citações que se limita a reunir com engenho e muita graça, mas sem confessar ao leitor as suas fontes. Foi acusada de se auto-plagiar, e mesmo, simplesmente, de plágio.

Ela devia decerto pensar que a originalidade é uma superstição bastante recente e que tirar uma linha admirável de um livro salva por vezes do esquecimento tanto a linha como o livro. Seguindo provavelmente exemplos ilustres como Montaigne, Shakespeare e Cervantes, que tinham ido buscar muito, e muito livremente, aos Antigos.

Seja como for, corremos o risco de não apreciar totalmente o talento de lady Sitwell, já que o essencial da sua obra, a poesia, não está traduzido em línguas latinas. E isto é compreensível porque, se traduzir um poema é sempre um acto de fé, no caso de uma poesia em que o jogo das sonoridades domina o sentido, a fé não seria o bastante.

Dito isto, o espírito dessa original sente-se em cada página dos *Excêntricos Ingleses*, o seu melhor livro em prosa - apesar do seu aspecto indisciplinado.

Encontram-se nesse livro «eremitas ornamentais» - que os senhores colocavam nas grutas dos primeiros jardins românticos - e os profonadores do túmulo de Milton; o belo Brummel morrendo de miséria em Caen, e um actor tão prodigiosamente mau que as pessoas enchiam as salas onde ele representava, só para lhe atirar toda a espécie de projecteis; homens de ciência incríveis, senhoras de exagerada prudência, mágicos... É um desfile felliniano *avant la lettre* que este livro nos oferece, e todos os seus episódios se apresentam como um conto.

JR Wilcox, o argentino que se tornou escritor italiano deve ter-se lembrado disto quando escreveu um livro deslumbrante e pouco conhecido, *La Synagogue des Iconoclastes* (3). Mas, tendo em conta que os *Excêntricos Ingleses* é, em princípio, uma antologia de factos vários, uma colecção de personagens que realmente existiram, seria mais justo aproximá-lo de uma obra do abade Englebert (4) que reúne trezentas e sessenta e cinco biografias de santos, verdadeiro florilégio de extravagância humana onde a graça triunfa do desejo de edificação, mostrando que os justos que salvam o mundo são muitas vezes aqueles a quem o mundo chama loucos. E que, se há mais loucos do que ajuizados, no próprio ajuizado, como dizia Chamfort, há mais loucura do que juízo.

Les excentriques anglais, Edith Sitwell, Ed. Le Promeneur

(1) Laura Willows, ed. Picquier, 1987

(2) «10-18», 1987

(3) Gallimard, 1977

(4) *Fleurs de Saints*, Albin Michel, 1980

Hector Bianciotti





Acabados de Chegar

Pessoa e os surrealistas, Fernando J.B. Martinho, Hiena Editora

Afigura-se-nos redundante insistir na importância deste pequeno texto: trata-se da primeira abordagem de um tema que, apesar das decisivas implicações que tem na poesia portuguesa dos últimos cinquenta anos, jamais foi tratado, nem mesmo superficialmente.

De Pessoa, toda a gente fala; dos surrealistas, também fala alguma, embora pouca (e da forma como geralmente o faz era preferível que estivesse calada); de Pessoa e dos surrealistas, é a primeira vez que alguém fala.

Eis as palavras finais do pequeno (em tamanho, não em interesse e importância) livro de J.B. Martinho:

«De diversos modos referência inevitável dos surrealistas, seu confessado precursor, o Pessoa plural, como temos que o aceitar, sondador também ele das zonas rarefeitas e abissais, mas por via da divisão e da multiplicação, não podia deixar de constituir um desafio para os seguidores de Breton, na sua aspiração à unidade tendo de defrontar-se com um «escândalo», com um «monstro» ao mesmo tempo motivo de fascínio e de edipiana rejeição — figura tutelar que, afinal, terá ajudado a abrir, quiçá com um esfíngico sorriso do além-túmulo, os caminhos da convulsiva aventura surrealista entre nós».



A Fanfarlo, Baudelaire, Hiena Editora

Geralmente, considerado o primeiro escrito de Baudelaire, A Fanfarlo dá-nos já o poeta inteiro, o «dandy» que transforma a estética numa ética e faz de si mesmo uma coisa artificial, barroca, mascarada.

Bem traduzido por António Guerreiro e Fernando Guerreiro, este texto, conforme se diz na introdução, «pode ser lido como uma alegoria hiperbólica e voluntariamente deformada da condição da modernidade literária de que Baudelaire é o principal fundador, e como um jogo irónico que se interpreta a si mesmo e resulta numa irrisória epifania da arte e do artista».

Citado na breve mas aguda introdução já referida (da autoria de António Guerreiro), Baudrillard diz que o «feminino seduz porque ele não está nunca no lugar em que se pensa». A Fanfarlo seduz o sedutor porque é capaz de «morrer como realidade e produzir-se como logro».

O Desenvolvimento da Criança, António Brito Avô, Texto Editora

A Texto Editora lançou recentemente o segundo livro da sua Coleção Informação e Saúde, intitulado O Desenvolvimento da Criança.

Escrito por um pediatra (e pai) do Hospital de Santa Maria, António Brito Avô, que é também médico escolar do Centro de Medicina Pedagógica de Lisboa, é um livro de divulgação que pretende responder às interrogações e dúvidas dos pais das crianças até aos 10 anos de idade.

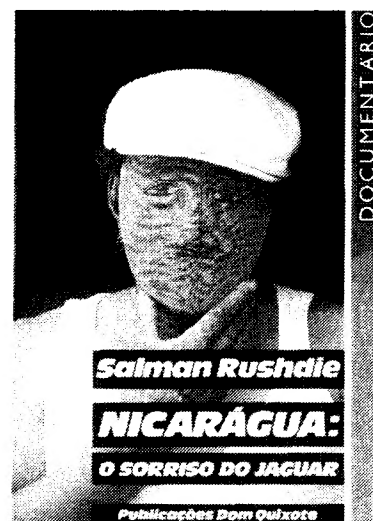


Washington D.C., Gore Vidal, Publicações Dom Quixote

Gore Vidal tem 63 anos e é um dos mais importantes escritores norte-americanos, com uma obra inscrita no topo dos programas editoriais de todo o mundo. Contudo, permaneceu até agora inexplicavelmente inédito no nosso país.

Este romance, traduzido por Fernanda Barão, faz parte do conjunto de livros que Vidal, nos últimos vinte anos, dedicou à história dos Estados Unidos. Retrata a política da nação americana desde a época do New Deal rooseveltiano até ao período do senador McCarthy.

De Gore Vidal, actualmente considerado o mais importante cultor de ficção histórica da moderna literatura norte-americana, a D. Quixote editará também, em breve, os romances Julian e Creation.



Nicarágua: o sorriso do jaguar, Salman Rushdie, Publicações Dom Quixote

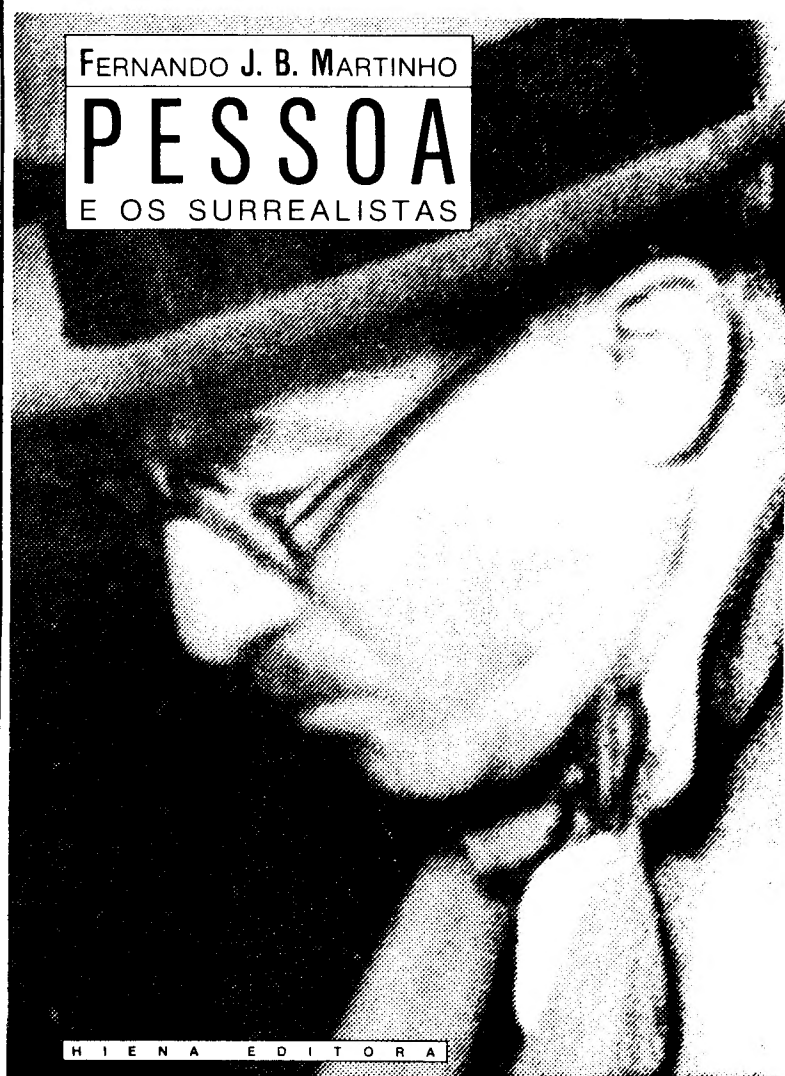
Salman Rushdie, de quem a D. Quixote editou já dois romances (Os Filhos da Meia-Noite e Vergonha) visitou o país da Revolução Sandinista no Verão de 1986: «Passei na Nicarágua três semanas do mês de Julho», escreve ele no Prólogo. «Aquilo que se segue é, portanto, a imagem de um momento, e apenas de um momento, na vida desse belo país vulcânico. (...) Não me pareceu, ao contrário do que receara, um tempo sem esperança».

A capa do livro ostenta uma foto de Carlos Gil, representando a máscara usada pelos rebeldes sandinistas na luta contra os guardas de Somoza. Tratava-se, como o autor da fotografia explica, de «antigas máscaras de carnaval utilizadas tradicionalmente em danças folclóricas ou em representações teatrais». Quando os informadores da Polícia tentaram infiltrar-se na guerrilha, os jovens guerrilheiros urbanos «passaram a utilizá-las para se protegerem dos olhos dos guardas somozistas e dos ouvidos da ditadura».

Nicarágua: o sorriso do jaguar é vertido num português escorreito por Ana Luísa Faria.

(como este afirmou no almoço de lançamento da obra), tem a vantagem de partir dos problemas característicos das crianças portuguesas e seus pais, e a eles se dirigir prioritariamente.

Fácil de manusear, com um texto acessível quer do ponto de vista da linguagem, quer do ponto de vista da apresentação gráfica, completado por fotografias e desenhos, esta obra da Texto Editora, constituirá por certo um auxiliar a ter em conta por pais e educadores.



Contos e lendas de Macau

Na edição de Ler Escrever da semana passada, dia 12, na local Contos e Lendas de Macau, lê-se, devido a uma falha de composição, «Iniciativa do Instituto Cultural de Moscovo (...)», quando se deveria ler «Iniciativa do Instituto Cultural de Macau (...)», como se

depreende, aliás, de todo o texto. Do facto, apresentamos as nossas desculpas extensivas à escritora (Alice Vieira) que procedeu à elaboração daqueles contos e lendas, à Editorial Pública (que os lançou no mercado) e aos nossos leitores.